

**UFRRJ**

**INSTITUTO DE AGRONOMIA**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**DISSERTAÇÃO**

**UM ESTUDO SOBRE EDUCAÇÃO POPULAR: USOS E  
CONHECIMENTOS SOBRE PLANTAS MEDICINAIS POR  
MULHERES DE PETRÓPOLIS-RJ**

**MICHELE CRUZ AZEVEDO**

**2023**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**  
**INSTITUTO DE AGRONOMIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**UM ESTUDO SOBRE EDUCAÇÃO POPULAR: USOS E**  
**CONHECIMENTOS SOBRE PLANTAS MEDICINAIS POR MULHERES**  
**DE PETRÓPOLIS-RJ**

**MICHELE CRUZ AZEVEDO**

*Sob a Orientação do Professor*  
**Dr. Igor Simoni Homem de Carvalho**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola. Área: Meio Ambiente no Ensino Agrícola

**Seropédica, RJ**  
**Março de 2023**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A994e Azevedo, Michele Cruz , 1984-  
Um estudo sobre educação popular: usos e conhecimentos sobre plantas medicinais por mulheres de Petrópolis - RJ / Michele Cruz Azevedo. - Seropédica, 2023.  
78 f.: il.

Orientador: Igor Simoni Homem de Carvalho.  
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, 2023.

1. Plantas medicinais. 2. Mulheres. 3. Escrevivência. 4. Petrópolis - RJ. I. Carvalho, Igor Simoni Homem de, 1980-, orient. II Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós Graduação em Educação Agrícola III. Título.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 "This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO INSTITUTO DE  
AGRONOMIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**Nome da discente:** Michele Cruz Azevedo

**Dissertação:** UM ESTUDO SOBRE EDUCAÇÃO POPULAR: USOS E  
CONHECIMENTOS SOBRE PLANTAS MEDICINAIS POR MULHERES DE  
PETRÓPOLIS-RJ

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM CATORZE DE ABRIL DE DOIS MIL E VINTE E  
TRÊS (14/04/2023)

Dr. IGOR SIMONI HOMEM DE CARVALHO

Orientador, Dr.(a) UFRRJ

Membro externo, Dr. (a) RITA DE CASSIA SANTOS  
FREITAS, UFF

Membro interno, Dr.(a) MONICA APARECIDA DEL RIO  
BENEVENUTO, UFRRJ

Membro interno, Dr.(a) ANA MARIA DANTAS SOARES, UFRRJ



Emitido em 14/04/2023

**HOMOLOGAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO Nº 32/2023 - DeptECMSD (12.28.01.00.00.00.22)**

**(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)**

*(Assinado digitalmente em 09/05/2023 11:42 )*

ANA MARIA DANTAS SOARES  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
DeptTPE (12.28.01.00.00.00.24)  
Matrícula: ###62#3

*(Assinado digitalmente em 09/05/2023 11:35 )*

IGOR SIMONI HOMEM DE CARVALHO  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
DeptECMSD (12.28.01.00.00.00.22)  
Matrícula: ###540#9

*(Assinado digitalmente em 09/05/2023 16:38 )*

MONICA APARECIDA DEL RIO BENEVENUTO  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
DeptHOT (12.28.01.00.00.00.10)  
Matrícula: ###73#8

*(Assinado digitalmente em 09/05/2023 11:14 )*

RITA DE CÁSSIA SANTOS FREITAS  
ASSINANTE EXTERNO  
CPF: ###.###.637-##

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrj.br/documentos/> informando seu número: **32**, ano: **2023**, tipo:  
**HOMOLOGAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**, data de emissão: **09/05/2023** e o código de  
verificação: **fe32b80c02**

## **DEDICATÓRIA**

*Dedico às mulheres anciãs de ontem que nos ensinaram as virtudes contidas nas Plantas Mediciniais. E as de hoje que insistem e resistem ao dar continuidade ao que lhes fora ensinado.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, criador do universo. Todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada do que foi feito se fez.

Agradeço aos amores da minha vida, Edmar Monteiro e Milena Castro, que estiveram presentes neste processo, compreendendo minhas ausências.

Aos meus pais Sérgio e Dirce Azevedo. Esta minha referência de mãe e mulher sábia que compartilhou comigo todos os seus aprendizados.

Aos irmãos e amigos que um dia sonharam comigo e me inspiraram a prosseguir: Michel Azevedo, Fabiano Francisco, Juliane Souza e Cleonice Fernandes.

Minha gratidão às mulheres participantes da pesquisa, que abriram as portas para compartilhar suas histórias me proporcionando grandes aprendizados.

Agradeço os braços e abraços solidários que contribuíram na produção do texto e do vídeo, captando sons, imagens e editando comigo este projeto, destaco aqui Tatiana Guilherme e Sara Gehren.

Agradeço ao amigo Robledo Mendes, articulador e militante do Movimento dos Pequenos Agricultores, que me apresentou o MPA, a fazendinha rural e o PPGEA. Ali foi plantada uma semente. Ela brotou e vai frutificar.

À Profa. Dra. Rita de Cassia Santos Freitas, por fazer parte da minha trajetória acadêmica me acolhendo no Núcleo de Pesquisa Histórica e Proteção Social NPHPS, orientando meu Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) em 2007 e por neste momento compor a banca examinadora desta dissertação. Minha gratidão!

Grata à Profa. Dra. Ana Maria Dantas e à Profa. Dra. Mônica Benevenuto, por fazerem parte da banca da qualificação, pelas contribuições com sugestões de textos e livros e por compor também a banca examinadora desta dissertação.

Finalmente, agradeço ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola da UFRRJ, em especial o Prof. Dr. Igor de Carvalho por me orientar com tanta paciência, compreendendo os desafios pessoais que me acompanharam nesta jornada.

## RESUMO

AZEVEDO, Michele Cruz. **Um Estudo sobre Educação Popular: Usos e Conhecimentos Sobre Plantas Medicinais por Mulheres de Petrópolis-RJ**. 2023. 78f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2023.

A pesquisa empreendida na área da educação, consiste em apresentar as reflexões da identificação e análise de experiência de mulheres residentes do município de Petrópolis - RJ no uso e transmissão de conhecimentos a respeito de plantas medicinais. Atravessado pelo conceito de gênero, o estudo propõe-se a contribuir para o fortalecimento e ampliação da visibilidade de mulheres detentoras de conhecimentos. Diante da apropriação dos saberes pelo mercado e mercantilização da vida, apresenta a Agroecologia como uma via possível para alteração dessa lógica e construção de outros modos de vida. Trata-se de pesquisa qualitativa cuja metodologia adotada foi a pesquisa participante com o atravessamento do conceito de escrevivência cunhado por Conceição Evaristo. Neste processo a escrita está cruzada pela própria experiência vivida. Mostramos como se dá a construção da identificação feminina com a economia do cuidado, apontando ainda para a construção do conhecimento popular e necessidade da repartição de benefícios desses saberes históricos propagados por mulheres. Apresenta-se um percurso histórico do uso de plantas no município de Petrópolis e os importantes marcos e instituições existentes de referência no cultivo e ou trabalho pedagógico de plantas medicinais no município. Em forma de diálogo, utilizando a analogia da brincadeira de roda, aqui denominada ‘Ciranda das Plantas Medicinais’, apresentamos as narrativas que foram colhidas em entrevistas gravadas com utilização da técnica de histórias de vida, onde experiências subjetivas se mesclam a contextos sociais, recuperando e transmitindo a memória pessoal e coletiva. As narrativas foram sistematizadas também no documentário intitulado “Remédio de Mato é Melhor”, constituindo-se uma forma de valorização dos saberes populares transmitido por mulheres. As considerações finais imprimem a necessidade de continuidade do diálogo, demonstrando a possibilidade de resgate do uso e transmissão de conhecimentos sobre plantas medicinais.

**Palavras-chave:** Plantas Medicinais; Mulheres; Escrevivência; Petrópolis-RJ

## ABSTRACT

AZEVEDO, Michele Cruz. **A Study on Popular Education: Uses and Knowledge of Medicinal Plants by Women in Petrópolis-RJ**. 2023. 78p. Dissertation (Master in Agricultural Education). Institute of Agronomy, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2023.

The research undertaken in the field of education, consists of presenting reflections on the identification and analysis of the experience of women residing in the city of Petrópolis - RJ in the use and transmission of knowledge about medicinal plants. Crossed by the concept of gender, the study proposes to contribute to the strengthening and expansion of the visibility of women holders of knowledge. Faced with the appropriation of knowledge by the market and the commodification of life, it presents Agroecology as a possible way to change this logic and build other ways of life. It is a qualitative research whose adopted methodology was the participant research with the crossing of the concept of 'escrevivencia' coined by Conceição Evaristo. In this process, writing is crossed by the lived experience itself. We show how the construction of female identification with the care economy still pointing to the construction of popular knowledge and need for benefit sharing of these historical knowledge propagated by women. It presents a historical journey of the use of plants in the municipality of Petrópolis and the important landmarks and existing institutions of reference in the cultivation and/or pedagogical work of medicinal plants in the municipality. In the form of a dialogue, using the analogy of a game in a circle, here called 'Ciranda das Plantas Mediciniais' we present the narratives that were collected in recorded interviews using the technique of life stories, where subjective experiences merged with social contexts, recovering and transmitting personal memory and collective. The narratives were also systematized in the documentary entitled "The medicine of Mato is Better" constituting a way of valuing the popular knowledge transmitted by women. The final considerations show the need for continuity in the dialogue, demonstrating the possibility of recovering the use and transmission of knowledge about medicinal plants.

**Key words:** Medicinal plants; Women; Escrevivencia; Petrópolis-RJ

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Visita do Coletivo EAPA .....	16
Figura 2: Mesa de plantas medicinais.....	16
Figura 3: Canteiro de Hortaliças e Plantas Medicinais.....	16
Figura 4: Meu quintal/2014 .....	16
Figura 5: Planejamento e construção da Mandala Relógio.....	17
Figura 6: Plantio na Mandala Relógio .....	17
Figura 7: Manutenção da Mandala Relógio .....	17
Figura 8: Horta suspensa .....	18
Figura 9: Demonstração de planta medicinais .....	18
Figura 10: Envolvendo crianças.....	19
Figura 11: Dialogando com as mulheres.....	19
Figura 12: Identificação de variedades, orégano.....	19
Figura 13: Identificação de variedades, hortelã.....	19
Figura 14: Visitando o Espaço Agroecovida .....	20
Figura 15: Saudação ao Deus criador.....	20
Figura 16: Pirâmides Etária .....	22
Figura 17: Trilha do Arboreto.....	38
Figura 18: Continuidade da Trilha do Arboreto .....	38
Figura 19: Placa de identificação ‘poejo’.....	38
Figura 20: Placa de identificação ‘hortelã’.....	88
Figura 21: Alegria de se ouvir.....	42
Figura 22: Ciranda das Plantas Medicinais.....	66
Figura 23: Nuvem de palavras.....	67

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
APL	Arranjo Produtivo Local
AVC	Acidente Vascular Cerebral
CDDH	Centro de Defesa dos Direitos Humanos
CEAV	Centro Especializado de Atendimento a Vítimas de Violência
CRAM	Centro de Referência de Atendimento à Mulher
EAPA	Educação ambiental e Práticas Agroecológicas
HUAP	Hospital Universitário Antônio Pedro
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
NPHPS	Núcleo de Pesquisa Histórica sobre Proteção Social
PNPIC	Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares
PNPMF	Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos
PPPM/Ceme	Programa de Pesquisa de Plantas Medicinais da Central de Medicamentos
RENAME	Relação Nacional de Medicamentos
RENISUS	Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao Sistema Único de Saúde
SEFRAS	Serviço Franciscano de Solidariedade
SUS	Sistema Único de Saúde
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFF	Universidade Federal Fluminense
UPA	Unidade de Pronto Atendimento

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
Minha mãe me ensinou.	2
Como cheguei aqui	3
Apresentando a estrutura da dissertação	5
<b>1. OLHAR PANORÂMICO</b>	<b>6</b>
1.1 Que pesquisa é essa?	6
1.1.2 Caminho metodológico	11
<b>2. AS MULHERES E SUAS RELAÇÕES COM AS PLANTAS</b>	<b>15</b>
2.1 Minhas vivências com as plantas medicinais?	15
2.2 O papel social das mulheres idosas: relações de gênero e geracional	21
2.3 Mulheres e as plantas	23
2.4 Conhecimento popular e a Repartição de Benefícios	27
<b>3 PLANTAS MEDICINAIS NO MUNICÍPIO DE PETRÓPOLIS-RJ</b>	<b>31</b>
3.1 O Princípio	32
3.2 Oficina de Ervas do Colégio Santa Catarina	33
3.3 Geração da Rede Fitovida	33
3.4 Trilha do Arboreto	37
<b>4. MULHERES PETROPOLITANAS: USO E CULTIVO DE PLANTAS MEDICINAIS</b>	<b>40</b>
4.1 Conexões: mulheres e seus saberes	41
4.2 Caminhando com elas	43
4.2.1 Tanchagem e Loura (com)partilhando suas histórias	53
4.3 Diversidade de Saberes e Cultivos	67
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>68</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>71</b>
<b>7. APÊNDICES</b>	<b>76</b>
A Questionário da pesquisa – primeira etapa	76
B Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE	77
<b>8. ANEXO</b>	<b>78</b>
A - Mapa de Plantas da Trilha do Arboreto	78

## INTRODUÇÃO

### *De mãe*

*O cuidado de minha poesia  
aprendi foi de mãe,  
mulher de pôr reparo nas coisas,  
e de assuntar a vida.*

*A brandura de minha fala  
na violência de meus ditos  
ganhei de mãe,  
mulher prenhe de dizeres,  
fecundados na boca do mundo.*

*Foi de mãe todo o meu tesouro  
veio dela todo o meu ganho  
mulher sapiência, yabá,  
do fogo tirava água  
do pranto criava consolo.*

*Foi de mãe esse meio riso  
dado para esconder  
alegria inteira  
e essa fé desconfiada,  
pois, quando se anda descalço  
cada dedo olha a estrada.*

*Foi mãe que me descegou  
para os cantos milagreiros da vida  
apontando-me o fogo disfarçado  
em cinzas e a agulha do  
tempo movendo no palheiro.*

*Foi mãe que me fez sentir as flores  
amassadas debaixo das pedras;  
os corpos vazios rentem às calçadas  
e me ensinou, insisto, foi ela,  
a fazer da palavra artifício  
arte e ofício do meu canto  
da minha fala.*

(Conceição Evaristo, 2002)

## Minha mãe me ensinou...

Foi minha mãe quem me ensinou a ter coragem. A não desistir e a insistir.

Foi ela! Foi ela que com sua sabedoria me ensinou a ser criativa, inventar e fazer acontecer, mesmo diante de poucos recursos.

Eu a vi, ouvir muitas vezes dizendo que não daria certo, mas ela seguiu...

Eu a vi! Eu a vi em meio a muitas dores, chorar. Mas depois de uns dias enxugar as lágrimas, erguer a cabeça e seguir...

Foi com dor...

Foi com muitas dores que esta dissertação foi gerada.

Em fevereiro de dois mil e vinte dois, minha cidade (Petrópolis-RJ) foi acometida por mais um desastre socioambiental. Dizem que este superou a todos os anteriores. Eu, enquanto profissional da assistência, estava trabalhando em uma das comunidades vulneráveis de nossa cidade, dando suporte, fazendo ponte com o poder público, e em muitos casos tinha apenas um abraço para ofertar. Vi uma comunidade inteira, digo, os sobreviventes, na qual estávamos trabalhando no desenvolvimento de uma horta comunitária, ser removida.

Quando tentava me reorganizar em meio ao caos, remarquei as entrevistas que haviam sido adiadas, devido a tragédia. Então, no dia 19 de março, chego pela manhã na casa de minha mãe, a entrevistada do dia. Nesse dia remexemos em histórias guardadas no baú, aprendi novas coisas. Vi minha mãe achando-se importante, diante de uma câmera, e se sentindo valorizada por ter algo a ensinar ou compartilhar com outras pessoas. Contou-me como fez para nos criar e cuidar de nós, mesmo com poucos recursos.

Que manhã de alegria e refrigério! A sala, local da conversa, estava quente e aconchegante. Teve até chazinho de hortelã. No final da manhã ela com sua agilidade, preparou aquela comidinha, com um ingrediente especial! Que hoje vou revelar para você, que está sendo convidado a ler, sentir e vivenciar comigo os afetos contidos neste trabalho.

Sempre que digo: –Mãezinha! Esta comida está uma delícia. O que a senhora colocou, aqui?

Ela responde: –Amoor.

Saí de lá com a mochila cheia. Cheia de muito entusiasmo, coragem, força, determinação, saberes, afeto, orgulho...

No dia seguinte, 20 de março, durante a noite, uma nova e terrível tempestade cai novamente sobre a região e leva com ela muitas outras vidas, sonhos e histórias. Com ela foi-se a casa da minha infância, meus pais passam a noite abrigados em uma igreja na localidade. Pela manhã, quando ainda clareava, eu retornava a casa para retirar meus pais, pedindo que eles pegassem apressadamente somente o que fosse importante. Um pedido quase que sem cabimento! Afinal, o que é mais importante na existência de pessoas que constroem, em um lugar, não só casas, mas histórias, afetos, memórias?

Foi com dor que tive que tomar coragem, e esta demorou meses para chegar, para voltar-me novamente para cumprir um propósito estabelecido: fazer ecoar o saber e a voz de mulheres como minha mãe, que muito tem a nos ensinar. Voltar era remexer nas histórias, memórias e imagens que foram reconstruídas um dia antes da ‘casa cair’. Foi doloroso.

Sim, foi com dor...

Mas ela, minha mãe, me ensinou que, mesmo com dor, vale a pena lutar e acreditar.

Ela sempre diz: - Calma! Vai passar...

Foi com ela que aprendi a ter fé e nunca desistir, é dela que trago a força existente em meu corpo para viver.

## Como cheguei aqui...

Mulher, preta, filha de empregada doméstica que saiu do meio rural para ‘ganhar a vida’ na cidade, e de um operário industrial. Meus pais não eram capazes de pensar na possibilidade de me ver chegando a uma universidade pública. É enorme a disparidade na educação brasileira, fruto das desigualdades provocadas pelo sistema capitalista e, conseqüentemente, a perpetração de uma educação ditada e regida pela elite e governantes detentores do poder. A formação para a produção de conhecimento historicamente foi destinada aos filhos da elite – estes, sim, podem ser considerados ‘intelectuais’ e, aos pobres, a formação é para produção e reprodução da mão de obra. Sendo educados por esta lógica, meus pais foram impedidos de sonhar com a possibilidade de ter filhos produtores de conhecimento, isso era ousado demais, “besteira”. Pela lógica do sistema educacional em que foram formados, isso não era para nós.

Eu sou resistência! Eu sou fruto do sistema que falhou ou das brechas que este deixou. E em algum momento me permiti sonhar com a possibilidade de chegar a uma universidade pública. Chegar a este lugar, que me fizeram acreditar não ser para mim, requer uma postura de resistência e re-existência, na contribuição para construção de um pensamento crítico sobre a realidade. A construção de uma educação sem hierarquização e relações de poder desiguais pode ser uma potência de transformação da realidade. Agora sei que a educação pode ser libertadora e emancipadora.

Formada em Serviço Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF/Niterói), uma formação majoritariamente marxista, participante desde o primeiro período do Núcleo de Pesquisa Histórica sobre Proteção Social – NPHPS, imersa em projetos de pesquisa e extensão na área de estudos de gênero. Debruçando-me sobre este campo, escrevi o trabalho intitulado “Violência contra a Mulher: Uma Experiência de Pesquisa” como requisito parcial de conclusão do curso (TCC). Neste trabalho, abordei o entendimento sobre questões de gênero, movimento feminista e luta por direitos, e esbocei sobre o meu envolvimento no processo de pesquisa, tecendo experiências sobre o projeto de pesquisa e extensão “Observatório de Violação de Direitos – Abordando a Violência de Gênero<sup>1</sup>”.

Minha atuação como Assistente Social fez-me permanecer atenta de forma ainda mais profunda às desigualdades sociais e a desejar, com mais intensidade, transformações societárias. Foi no Centro de Defesa dos Direitos Humanos de Petrópolis<sup>2</sup> (CDDH), compondo a equipe técnica do extinto Centro de Atendimento a Vítimas de Violência do estado do Rio de Janeiro (Ceav-RJ), que pude me aproximar de forma mais direta de iniciativas que contribuem para a concretização dos direitos humanos. Finalizei minha atuação neste programa devido ao encerramento do convênio entre o governo federal e a instituição.

Posteriormente, ao atuar no Centro de Referência e Atendimento à Mulher (CRAM) de Petrópolis-RJ, um serviço direcionado pela Secretaria Nacional de Políticas Públicas para Mulheres, vinculado à Secretaria de Assistência do município, onde a relação teoria (continuidade das reflexões sobre violência de gênero) e prática (fazer/ação, por meio da atuação profissional)

---

1- Projeto realizado pela Universidade Federal Fluminense – UFF/Niterói, através do NPHPS no Hospital Universitário Antônio Pedro – HUAP. Objetivando traçar o perfil da violência de gênero, abordando a violência contra mulheres e homofóbica no município de Niterói-RJ, trabalhando com fontes documentais, utilizando uma análise quanti-qualitativa. No período 2005-2008. Coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia Santos Freitas.

2- O Centro de Defesa dos Direitos Humanos de Petrópolis (CDDH Petrópolis) é uma organização não-governamental, fundada em 1979, nasceu em um momento peculiar, em que o contexto histórico era um momento de reabertura política no país. Seu trabalho tem base do movimento cristão de Fé e Política, construído em torno do pensamento do teólogo e escritor Leonardo Boff, presidente de honra da instituição. Busca assessorar a população das comunidades periféricas do município de Petrópolis-RJ, no tocante à defesa dos seus direitos coletivos.

imbuídas de Práxis<sup>3</sup> contribuíram para formação de uma visão emancipadora e solidária a transformação do mundo. Os Centros de Referência são estruturas essenciais do Programa de Prevenção e Enfrentamento à Violência Contra a Mulher, uma vez que visam promover a ruptura da situação de violência e a construção da cidadania por meio de ações globais e de atendimento interdisciplinar (psicológico, social, jurídico), de orientação e informação à mulher em situação de violência. Estes devem exercer o papel de articuladores dos serviços, organismos governamentais e não governamentais que integram a rede de atendimento às mulheres em situação de vulnerabilidade social, em função da violência de gênero.

Apaixonada pelo trabalho, ou seja, a atuação em si, mas consciente das amarras que envolvem o sistema governamental e, às vezes, político-partidário, optei naquele momento buscar outro espaço que fosse possível pensar de forma mais clara na transformação de mim mesma e da realidade.

Retornando ao CDDH, compus a equipe do Projeto Florescer: Arte-Educação, Cidadania e Ecologia, onde pude não só mergulhar nas questões que envolvem políticas públicas para a juventude, como também me desafiar a pensar nas questões que atravessam a instituição como um todo. Grande parte da minha formação militante se deve a esta casa (CDDH) e aos encontros proporcionados por ela. A experiência que tive ao longo do meu percurso profissional, em especial no Centro de Defesa dos Direitos Humanos de Petrópolis, possibilitou-me a realização de trabalhos interdisciplinares, permitindo articulações interinstitucionais e conhecimentos para além da minha formação acadêmica.

A inquietação por mudanças societárias, que passaram a ser vistas por mim como utopias pregadas dentro dos vários discursos de pessoas, instituições e companheiros que se consideram militantes nas lutas e causas sociais, passaram a me angustiar, pois em muitos desses, passei a enxergar apenas elucubrações e quase nada de ações práticas que pudessem nos levar para o sonho desejado – uma outra sociedade. Conhecer o conceito/termo agroecologia, por meio da aproximação e vivência do e no coletivo de Educação Ambiental e Práticas Agroecológicas<sup>4</sup> (EAPA), me possibilitou vivenciar práticas agroecológicas, não através de conceitos transmitidos com intuito de conscientização, mas como uma proposta reflexiva e de sensibilização e construção de um pensamento crítico a partir de uma base de educação popular.

O EAPA tinha como proposta o resgate de saberes populares de plantios em pequenos espaços urbanos, construção coletiva acerca de pensamento ambiental crítico e os Direitos da Natureza, e tem como base o documento “A Carta da Terra” e a filosofia de Leonardo Boff – Comunidade de Vida, que abrem possibilidades de pensarmos outros modos de estarmos no mundo. Isso foi fundamental para que os encontros e trocas de saberes fossem vistos como pontos centrais para outras relações com a natureza e com a vida. A luta contra a apropriação do mercado sobre os modos de vida faz-se necessária, e por isso o intuito de trabalhar com a agroecologia, entendendo-a como promotora de outros modos de vida, uma vez que apresenta a valorização do conhecimento local como fonte de saber propondo assim, uma mudança cultural, conforme explicitada por Balem e Silveira (2002):

---

3 - “Os homens são seres do que fazer é exatamente porque seu fazer é ação e reflexão. É práxis. É transformação do mundo” (FREIRE, 1987, p. 121).

4 - O EAPA foi criado em 2014 com o objetivo de fomentar formações internas e externas sobre os temas que compõem o nome do coletivo, entendendo teoria e prática como inseparáveis. Apresentando três eixos norteadores: estudo dos temas relacionados à Educação Ambiental e Agroecologia, oficinas práticas e Teóricas com os jovens participantes do projeto e intervenção dos jovens em locais de convivência a partir das experiências vivenciadas no projeto. Educação Ambiental e Práticas Agroecológicas: narrativas de Experiências dos jovens do coletivo EAPA – Petrópolis RJ: Centro de Defesa dos Direitos Humanos – CDDH/GAJP, 2018.

Propõe-se que a Agroecologia seja compreendida como um modo de vida, uma redefinição na relação do agricultor com a terra e os demais componentes de seu agroecossistema, significando uma mudança cultural que se caracteriza pela inversão do processo de dependência dos técnicos como únicos detentores do conhecimento válido. Agroecologia exige uma ação extensionista que valorize o conhecimento local e faça que o agricultor passe a compreender a dinâmica do agro-ecossistema como ponto de partida para sua ação (BALEM; SILVEIRA, 2002, p. 1).

Modo de vida, conectado com os ciclos da Natureza, pode ser uma das formas de resistência a esse sistema tão perverso que, para mim, é uma maneira de caminharmos em direção ao sonho.

Chego até aqui buscando dar continuidade às discussões ligadas ao feminino – questões de gênero – entrelaçadas às questões da terra por meio da agroecologia, e dos saberes das mulheres de determinada geração relativos às propriedades curativas de plantas medicinais, acreditando que o desenvolvimento desta pesquisa poderá contribuir para o fortalecimento das mulheres, e valorização de saberes tão fortemente combatidos pela indústria farmacêutica capitalista. Resistindo e re-existindo, até que alcancemos o sonho!

## **Apresentando a estrutura da dissertação**

Este trabalho foi construído com a interlocução das minhas vivências, tendo em sua estrutura poesias que dão abertura aos capítulos. Essas despertam momentos e traços que completam o que aqui é apresentado ao decorrer da leitura. Na introdução apresento os desafios vivenciados no processo de elaboração da pesquisa, e o trajeto percorrido para chegada ao mestrado, bem como a motivação em abordar o tema. Os capítulos são divididos da seguinte forma:

1. “Olhar Panorâmico”: abriga os objetivos e o diálogo com os referenciais teórico-metodológicos;

2. “As mulheres e suas relações com as plantas”: Apresento inicialmente minhas vivências com as plantas medicinais e seguimos discutindo a relação das mulheres com as plantas. Atravessado pelo conceito de gênero, atentando para a identificação feminina com a economia do cuidado, e a representação simbólica da mulher como provedora e da fertilidade da vida. Neste capítulo apresento também o conhecimento popular sobre plantas medicinais, advindo dessas mulheres e os desafios da repartição de benefícios;

3. Em “Plantas medicinais no município de Petrópolis-RJ”, aponto elementos marcantes na história petropolitana, relacionados às plantas medicinais. Abordo, desde o período de colonização, o surgimento de movimentos organizacionais em torno de tratamentos naturais, e as instituições referência no município por apresentar trabalho pedagógico e de cultivos sobre diversas plantas medicinais;

4. “Mulheres Petropolitanas: Uso e cultivo de plantas medicinais”: aqui apresento como se deu minha conexão com as participantes e esses saberes, e também as histórias de vida que foram conhecidas por meio das entrevistas e das filmagens, com o consentimento das mesmas. Tem suas narrativas apresentadas em forma de diálogo, utilizando a analogia da brincadeira de roda. Ao final do capítulo, trago a diversidade de plantas e alimentos mencionada pelas mulheres participantes;

O conhecimento construído está sistematizado neste texto da dissertação e no documentário produzido, intitulado “Remédio de Mato é Melhor”, atendendo, assim, o objetivo de elaborar material para promoção de ações em saúde e mostrando uma das possibilidades de valorizar os saberes populares femininos, deixando, nas considerações finais, um convite para continuidade dessa roda de diálogos.

# CAPÍTULO I

## OLHAR PANORÂMICO

*“Reconhecimento é, neste sentido, a passagem da fantasia para a realidade – já não se trata mais da questão de como eu gostaria de ser visto(a), mas sim de quem eu sou”.*

Grada Kilomba

Neste capítulo apresento os objetivos da pesquisa e o diálogo com os referencias teórico-metodológicos. Explicito o conceito de agroecologia adotado, registro a contribuição do trabalho para a valorização dos saberes ancestrais e o fortalecimento das mulheres destacando o atravessamento do conceito de gênero, bem como o papel desempenhado historicamente pelas mulheres na divisão social do trabalho. Justifico a adoção da escrevivência como perspectiva metodológica e as etapas de desenvolvimento da pesquisa.

### 1.1 Que Pesquisa é Essa?

A presente pesquisa teve como objetivo geral estabelecer um diálogo com mulheres do município de Petrópolis – RJ que utilizam plantas medicinais analisando suas experiências e propor ações ancoradas nessas voltadas para processos educacionais.

Os objetivos específicos foram:

- Pesquisar sobre estudos e experiências históricas relacionadas às plantas medicinais no município de Petrópolis-RJ;
- Identificar mulheres do município de Petrópolis que fazem uso e cultivo de plantas medicinais;
- Investigar a história das mulheres identificadas, através da técnica de investigação qualitativa “história de vida”;
- Investigar a relação dessas mulheres com as plantas medicinais ao longo de suas vidas, focando em questões relacionadas ao:
  - uso, cultivo e diversidade;
  - saúde integral das mulheres e suas famílias;
  - aspectos econômicos;
  - ancestralidade e aspectos culturais;
  - transmissão de conhecimentos e potencial educacional e pedagógico;
- E Sistematizar as informações obtidas com o objetivo de elaborar material para a promoção de ações em saúde integral.

Inicialmente destacamos a importância de compreender brevemente a história do nosso país e o entendimento de saberes populares, bem como o termo agroecologia, para posteriormente aprofundar nossas reflexões sobre o processo de desvalorização dos saberes populares, sobre o uso de plantas medicinais, especificamente disseminados por mulheres.

O Brasil, terra nossa e, conseqüentemente, campo de desenvolvimento dessa pesquisa, é uma nação submissa ao sistema do capital, que tem em sua essência um viés econômico centralizador e carrega uma formação social desigual. Um país que muitos conhecem por sua economia “emergente”, ainda que em sua base estrutural admita cidadãos vivenciando as mazelas de sua eterna emergência. A sociedade brasileira, em seu processo histórico de escravidão e

patriarcalismo<sup>5</sup>, adotando um modelo de desenvolvimento ligado à órbita do capital, determinou em sua estrutura social uma diferenciação entre as classes sociais. Vale ressaltar que um dos produtos desse sistema assimétrico é a crescente desigualdade na distribuição da riqueza produzida, de onde deságua um latente crescimento da pauperização dos segmentos populares, desapropriados dos direitos mais elementares de sobrevivência.

O Brasil, devido à sua própria origem, conta com a presença de culturas formadas a partir da contribuição de povos indígenas, europeus, africanos, entre outros. Apresenta uma diversidade enorme de crenças, culturas e formas de expressão. Essa diversidade torna cada família e ou comunidade única, possuindo características próprias. Fazem parte destas famílias e comunidades os saberes populares, que se mostram como o conhecimento sobre plantas medicinais, culinária, artesanatos, entre outros.

Esses saberes são obtidos empiricamente, a partir do “fazer”, que são transmitidos e validados de geração em geração, principalmente por meio da linguagem oral, de gestos e atitudes. Produzidos e transmitidos de forma solidária, nem sempre, quem os domina, traz o entendimento do porquê dos procedimentos, e em alguns momentos baseiam-se em crenças de antepassados. Dessa forma, compartilhamos da definição trazida por Xavier e Flor (2015), que consideram os saberes populares como um conjunto de conhecimentos elaborados por pequenos grupos (famílias, comunidades), fundamentados em experiências ou em crenças e superstições, e transmitidos de um indivíduo para outro, principalmente por meio da linguagem oral e dos gestos.

O conceito de Memória Biocultural, apresentado por Victor Toledo e Barrera-Bassols (2015), contribui para a compreensão da importância das sabedorias das comunidades tradicionais e povos originários como os principais guardiões da biodiversidade e da memória de nossa espécie. Os conhecimentos tradicionais se constroem empiricamente com base nas experiências sociais e nas necessidades locais, formando um complexo entendimento sobre as estruturas naturais e suas relações. Conforme os autores mencionados, a Memória Biocultural é formada pela variada e complexa coleção de sabedorias locais, se constituem e disseminam através, principalmente, da diversidade biológica, diversidade linguística e diversidade agrícola. Juntas, configuram o complexo biológico-cultural originado historicamente, e que é produto de milhares de anos de interação entre as culturas e os ambientes naturais. O termo Memória Biocultural também diz respeito à forma de disseminação/transmissão das sabedorias tradicionais, permeada por um repertório de símbolos, conceitos e percepções, que se dão em um conjunto de mentes ou individuais, pautadas principalmente na oralidade. A transmissão destes conhecimentos se faz, portanto, através da linguagem e não necessariamente, da escrita, sendo muitas vezes um conhecimento ágrafo (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015, p 93).

Pode-se dizer, então, que é nessa ampla e complexa coleção de sabedorias locais, de cuja análise em conjunto devemos obter recordações-chave e identificar eventos que tiveram uma influência profunda e duradoura sobre toda a espécie, que se encontra a memória da espécie humana, ou o que ainda resta dela. Essas sabedorias localizadas, que existem como consciências históricas comunitárias, uma vez totalmente conjugadas, operam como a sede principal das lembranças da espécie (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015, p. 42).

---

5 - O patriarcado é o domínio social ou uma estrutura de poder social centralizada no homem ou no masculino. Complementando essa ideia, bell hooks, 1981 *apud* Camilo, 2019) afirma que o patriarcado foi reestruturado para conhecer as necessidades do capitalismo avançado, erradicando as versões clássicas sobre direito paterno. Para ela, patriarcado é “o poder que os homens usam para dominar as mulheres, este não sendo apenas um privilégio das classes altas e médias dos homens brancos, mas um privilégio de todos os homens na sociedade sem olhar a classe ou a raça” (hooks, 1981, p. 64)

Ao valorizar o aprender com a sabedoria ancestral, vimos emergir a agroecologia que adotou o que se convencionou chamar de diálogos de saberes (TOLEDO, 2016 p. 44).

Nesse sentido, a Agroecologia, conceito amplo, objeto de constantes debates, redefinições e ressignificações, vai tratar também do diálogo com as lutas e resistência das comunidades camponesas e com os movimentos de crítica e contestação aos impactos sociais e ambientais do processo de modernização da agricultura e do crescente poder das grandes transnacionais sobre o processamento, produção e o consumo de alimentos. Schmitt (2016), antes de apresentar uma retrospectiva da trajetória histórica de emergência das “ideias agroecológicas”, apresenta as perspectivas teóricas que orientam essa reflexão colocando que a palavra “agroecologia” condensa, hoje, diferentes significados. Em conversa com outros autores, como Wezel *et al.* (2009)<sup>6</sup>, Wezel e Soldat (2009)<sup>7</sup> e Altieri e Toledo (2011)<sup>8</sup>, a autora coloca que o termo poderá ser entendido simultaneamente, como uma ciência, como um conjunto de práticas e que, para os movimentos sociais, designam ora uma ferramenta de luta e ora um modo de vida (SCHMITT, 2016, p. 11). Em que pese Claudia Job Schmitt (2016) apresentar sua percepção da Agroecologia para os movimentos sociais como alternância, expressa pelo advérbio “ora”, entre ferramenta de luta e modo de vida, nos valem do conceito apresentado por Balem e Silveira (2002) que em seu artigo “Agroecologia: Além de uma Ciência, um Modo de Vida e uma Política Pública” defendem a Agroecologia, também, como promotora um modo de vida.

O trabalho participativo, para o desenvolvimento da Agroecologia garantirá que a construção e as mudanças da realidade, sejam de apropriação popular, por isso a compreensão de que praticar Agroecologia não é apenas mudar as formas de produzir alimentos, mas a forma de viver torna-se primordial, configurando-se no que refere-se no trabalho como “modo de vida” (BALEM; SILVEIRA, 2002, p.20).

Caporal e Costabeber (2004) apresentam a agroecologia com enfoque científico, trazendo, em seus estudos, falas, frases e expressões que, apesar da provável boa intenção do seu emprego, demonstram equívocos que podem trazer interpretações que expressem um reducionismo do significado mais amplo do termo Agroecologia.

Nesse sentido, são comuns as interpretações que vinculam a Agroecologia com “uma vida mais saudável”; “uma produção agrícola dentro de uma lógica em que a natureza mostra o caminho”; “uma agricultura socialmente justa”; “o ato de trabalhar dentro do meio ambiente, preservando-o”; “o equilíbrio entre nutrientes, solo, planta, água e animais”; “o continuar tirando alimentos da terra sem esgotar os recursos naturais”; “um novo equilíbrio nas relações homem e natureza”; “uma agricultura sem destruição do meio ambiente”; “uma agricultura que não exclui ninguém”; entre outras. (CAPORAL; COSTABEBER, 2004, p. 6)

---

6 - WEZEL, A. et al. Agroecology as a science, a movement and a practice. A review. *Agronomy for Sustainable Development*, vol. 29, p. 503–515, 2009.

7 - WEZEL, A.; SOLDAT, V. A quantitative and qualitative historical analysis of the scientific discipline of agroecology. *International Journal of Agricultural Sustainability*, v. 7, n. 1, p. 3-18, 2009.

8 - ALTIERI, M. A; TOLEDO, V. M. e agroecological revolution in Latin America: rescuing nature, ensuring food sovereignty and empowering peasants. *Journal of Peasant Studies*, v. 38, n. 3, p. 587-612, 2011. A Revolução Agroecológica na América Latina: Resgatando a Natureza, Garantindo a Soberania Alimentar e Empoderando os Camponeses. Julho de 2011. *Jornal de Estudos Camponeses* 38(3):587-612.

Exemplificando, é cada vez mais comum ouvirmos frases equivocadas do tipo: “existe mercado para a Agroecologia”; “a Agroecologia produz tanto quanto a agricultura convencional”; “a Agroecologia é menos rentável que a agricultura convencional”; “a Agroecologia é um novo modelo tecnológico”. Em algumas situações, chega-se a ouvir que, “agora, a Agroecologia é uma política pública” ou “vamos fazer uma feira de Agroecologia”. (CAPORAL; COSTABEBER, 2004, p. 7).

Estes autores defendem que a agroecologia só pode ser pensada e composta por um diálogo de saberes, nutrida por mais de uma disciplina, dentro do campo científico.

Resumindo, a Agroecologia se consolida como enfoque científico na medida em que este campo de conhecimento se nutre de outras disciplinas científicas, assim como de saberes, conhecimentos e experiências dos próprios agricultores, o que permite o estabelecimento de marcos conceituais, metodológicos e estratégicos com maior capacidade para orientar não apenas o desenho e manejo de agroecossistemas sustentáveis, mas também processos de desenvolvimento rural sustentável. (CAPORAL; COSTABEBER, 2004, p. 13).

Esta definição apresenta dentro do horizonte temporal como início de partida o conhecimento local que, integrando ao conhecimento científico, dará lugar à construção e expansão de novos saberes. Mostra-se então um processo social, por depender da intervenção humana na construção de mudança nas atitudes e valores dos atores sociais. Um processo dialógico entre profissionais com diferentes saberes, destinado à construção de novos conhecimentos. E, ainda quando se fala de Agroecologia, está se tratando de uma orientação cujas contribuições incorporam dimensões mais amplas e complexas, que incluem, tanto variáveis econômicas, sociais e ambientais, como variáveis culturais, políticas e éticas da sustentabilidade (CAPORAL; COSTABEBER, 2004).

Coaduno com as demarcações apresentadas pelos autores mencionados, no que tange à apresentação da agroecologia como ciência atravessada por diálogo de saberes de várias áreas do conhecimento, abrangendo e acolhendo a sabedoria local e ancestral; isso me faz vê-la como um conceito não estático, mas que dá a diretriz a um novo modo de vida.

Mediante as disputas existentes sobre os conceitos, torna-se necessário, evidenciar a definição de agroecologia como ciência, movimento e prática, adotada neste trabalho. Nesse sentido, Carvalho (2018), citando Wezel *et al* (2009)<sup>9</sup>, afirma que:

É cada vez mais comum o uso combinado do termo “agroecologia” como, movimento, ciência e prática – na maioria dos casos, os três significados estão fortemente interligados e muitas vezes sobrepostos, associando a visão política (movimento) com a aplicação tecnológica (prática) para alcançar os objetivos, e com o caminho para a produção do conhecimento (ciência) necessário (CARVALHO, 2018, p. 133).

O artigo “Agroecologia: Polissemia, Pluralismo e Controvérsias”, escrito pelos autores Norder *et al.* (2016), também apresenta a definição como ciência, movimento e prática, além de acrescentar a este, outros elementos.

A Agroecologia constitui-se como ciência, prática e movimento social, mas também, mais recentemente, como política governamental, modalidade de educação formal, nova profissão e, para alguns, como modo de vida, ideologia e utopia. (NORDER ET AL. 2016, p.13)

---

9 - Idem a nota “5”

A agroecologia traz um caráter participativo, envolvendo ação social coletiva com um enfoque holístico em que há um papel central da dimensão local. Esta ação social coletiva é portadora de um potencial endógeno, rico em recursos, conhecimentos e saberes, que facilita a implementação de estilos de agricultura potencializadores da biodiversidade ecológica e da diversidade sociocultural. Busca nos conhecimentos e experiências já acumuladas um método de intervenção que, além de manter coerência com suas bases epistemológicas, contribua na promoção das transformações sociais necessárias para gerar padrões de produção e consumo mais sustentáveis.

Ana Maria Primavesi (2008) reforça, em suas teses, o laço que deve existir entre o *fa-zer* agroecológico e o *saber* tradicional e popular:

A Ecologia se refere ao sistema natural de cada local, envolvendo o solo o clima, os seres vivos, bem como as inter-relações entre esses três componentes. Trabalhar ecologicamente significa manejar os recursos naturais respeitando a teia da vida. Sempre que os manejos agrícolas são realizados conforme as características locais do ambiente, alterando-as o mínimo possível, o potencial natural dos solos é aproveitado. Por essa razão, a Agroecologia depende muito da sabedoria de cada agricultor desenvolvida a partir de suas experiências e observações locais (PRIMAVESI, 2008, p. 3).

A valorização dos saberes, transmitidos por mulheres, frutos de vivências locais e comunitárias, precisa ser considerada. Entretanto, o que observamos atualmente é um processo de apropriação do comum pelo mercado, no qual os serviços, as relações sociais, a natureza, o tempo e o próprio corpo humano se transformam em mercadorias. De acordo com Cenci e Burmann (2013), essa apropriação invadiu não apenas o campo da indústria, mas avançou em relação aos bens que não lhe pertenciam, especialmente a natureza, coisificando a terra e extraindo tudo aquilo que pudesse ter valor no grande mercado das relações econômicas e sociais, desde elementos materiais até as culturas e os saberes históricos.

A relevância desta discussão perpassa pela promoção de maior visibilidade e a necessidade de preservação dos saberes ancestrais, que são patrimônio cultural e imaterial de famílias e comunidades, buscando estudar formas de possibilitar o diálogo entre saberes populares e saberes advindos do conhecimento científico, que não será visto como único ou sobreposto ao saber popular.

Essa perspectiva contribui para o fortalecimento das mulheres, que viveram e vivem sob o domínio do patriarcado, disseminando e compartilhando o saber sobre plantas medicinais que estas possuem. A luta contra a apropriação do mercado e mercantilização da vida faz-se necessária, por isso trabalhar agroecologia como ciência, movimento e prática pode ser visto como um caminho para alcançarmos outros modos de vida, enxergando isso como formas de resistência a este sistema tão perverso.

Cabe ressaltar que este trabalho é atravessado pelo conceito de gênero, que nos permite entender que “ser homem” e “ser mulher” se refere a construções históricas e sociais, em que os papéis sexuais e a dominação masculina são construídos histórica e socialmente. Essa questão é vista como se fosse da natureza, e não fruto de uma determinada ideologia, que tende a reproduzir uma ordem social baseada em relações de poder contraditório que atinge homens e mulheres de forma diferenciada. Segundo Joan Scott (1995, p.86), “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”. Dentro dessa cultura do patriarcado, que perpassa a divisão sexual do trabalho, às mulheres eram reservados papéis específicos: o de reprodução, manutenção e cuidado da família e, para fora do âmbito doméstico, tudo que fosse relacionado a essas funções era então atribuído à mulher.

Devido à divisão dos papéis sociais construídos culturalmente, principalmente no mundo ocidental, as mulheres sempre desempenharam o papel de educadoras e cuidadoras do

e no ambiente familiar. Por isso, as questões de saúde, processos e economia do cuidado, segurança alimentar e nutricional quase sempre estiveram sob sua responsabilidade.

O pesquisador Ailton Dias (2007), ao realizar uma síntese de experiências desenvolvidas por organizações vinculadas à Articulação Nacional de Agroecologia coloca que:

Em outros relatos, a participação das mulheres é contemplada, mas está mais ligada a referências identitárias. Por exemplo, em algumas experiências, há evidências claras de que o envolvimento de mulheres se dá em estratégias relacionadas à segurança alimentar e nutricional (SAN), o que parece decorrer de uma preocupação ou identificação prévia dos grupos de mulheres com esse tema específico (DIAS, 2007, p. 33).

Tendo a função de cuidar, as mulheres tinham grande domínio sobre as propriedades das plantas medicinais. Sempre foi comum o uso de chás, xaropes, infusões e inalações, a partir do conhecimento das propriedades das plantas e a indicação das mesmas para tratamentos da saúde.

Entende-se que o conhecimento sobre as plantas medicinais está relacionado ao papel feminino nas famílias. Através da oralidade, as mulheres são as principais disseminadoras da cultura de prevenção e tratamento de doenças.

As mulheres sempre exerceram fortemente o papel de disseminadoras desses saberes, porém, ao longo das últimas décadas, estes vem sendo deixados de serem transmitidos e valorizados. Dificilmente receberemos a indicação médica para uso de um produto natural, ou um olhar positivo de um profissional da saúde, se mencionarmos que fizemos o uso de alguma planta medicinal. Isso porque a formação destinada a estes profissionais está forjada de acordo com a lógica do mercado. E, neste sistema, quase tudo se transforma em mercadoria, inclusive os bens necessários para viver, ou seja, a própria saúde.

Nesta pesquisa, buscamos responder a seguinte questão: será possível valorizar os saberes populares femininos? E o modo de compartilhar os mesmos dentro do sistema vigente? Se for possível, de que forma a agroecologia pode contribuir nesse processo? Portanto, em nosso caminho metodológico, adotamos metodologias pertinentes ao universo da pesquisa qualitativa, como apresentaremos a seguir.

## **1.1 Caminho metodológico**

Trata-se de pesquisa qualitativa cuja metodologia adotada foi a pesquisa participante com utilização da técnica “história de vida” (PAULILO, 1998), que nos permitiu compreender a relação existente entre o individual e o coletivo. Sendo o objetivo identificar e analisar experiências de mulheres do município de Petrópolis-RJ, no uso e na transmissão de conhecimentos a respeito das plantas medicinais, entendo que o campo de acúmulo da pesquisa qualitativa é mais adequado ao universo proposto, pois, conforme Minayo (2001), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado e trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. A investigação qualitativa nos permite penetrar nas intenções e motivos, a partir dos quais as ações adquirem sentido.

A pesquisa participante permite ao pesquisador fazer parte do contexto observado. Ainda que não seja o propósito, interfere e modifica-o do mesmo modo que também é modificado por este. Minayo define esta metodologia como:

Um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador, no caso, fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa, na medida do possível participando da vida social deles, no seu cenário cultural, mas com a finalidade de colher dados e compreender o contexto da pesquisa. (MINAYO, 2001, p. 70)

Metodologicamente o caminhar está atravessado pela abordagem “escrevivência” (SOARES; MACHADO, 2017) onde a escrita é cruzada pela própria experiência vivida, ou seja, uma forma de pesquisa com foco na realidade.

Finalmente, a aposta no uso da noção de escrevivência como ferramenta metodológica tem um motivo que merece destaque entre os já elencados. Ela se presta a uma subversão da produção de conhecimento, pois, além de introduzir uma fissura de caráter eminentemente artístico na escrita científica, apresenta-se por meio da entoação de vozes de mulheres subalternas e de sua posicionalidade na narração da sua própria existência. (SOARES; MACHADO, 2017, p. 207).

História de vida foi à técnica utilizada nesta investigação qualitativa, pois a mesma é construída por relatos, cuja finalidade é a de recuperar e transmitir a memória pessoal e coletiva. Segundo Paulilo, “através da história de vida pode-se captar o que acontece na intersecção do indivíduo com o social, assim como permite que elementos do presente fundam-se com evocações do passado” (PAULILO, 1998, p. 140). Sendo assim, essa é uma ferramenta importantíssima que me permitiu chegar justamente no ponto em que se cruzam vida individual e contexto social.

A história de vida pode ser, desta forma, considerada instrumento privilegiado para análise e interpretação, na medida em que incorpora experiências subjetivas mescladas a contextos sociais. Ela fornece, portanto, base consistente para o entendimento do componente histórico dos fenômenos individuais, assim como para a compreensão do componente individual dos fenômenos históricos (PAULILO, 1998, p.142).

Trabalhei com as dimensões socioespacial (ambiente urbano x rural); uso, cultivo e diversidade em cada momento de suas histórias; dimensão socioafetiva: cuidado da família; relação geracional e transmissão de conhecimentos; ancestralidade e aspectos culturais; relação econômica e de trocas com a vizinhança. A história de vida, de acordo com Josso 2004, utiliza o conceito de formação experiencial, destacando a importância da narrativa neste percurso, pois ela permite manifestar a singularidade e perceber o caráter processual da formação e da vida, relacionando espaços, tempos e as diferentes dimensões dos sujeitos, em busca de uma sabedoria de vida.

Foi utilizado a combinação de entrevistas flexíveis, dinâmicas e abertas, relatos contados e a observação, como método de coleta de dados para avaliar pontos cruciais a partir dos quais as histórias se concretizaram no tecido de diversos processos sociais e culturais.

Neste caminho realizei, como primeira etapa, revisões bibliográficas a partir de artigos, textos e livros, visando fundamentar a investigação, permitindo maior aproximação e uma familiaridade conceitual.

A segunda etapa esteve atrelada ao objetivo de identificar mulheres do município de Petrópolis que fazem uso e/ou cultivo de plantas medicinais. Para isso, foi necessário fazer a delimitação de um conjunto de mulheres petropolitanas. Tendo em vista o objetivo geral, tratar de experiências de mulheres no uso e na transmissão de conhecimentos a respeito das plantas medicinais, escolhi o universo de mulheres, mães, que tinham, em suas histórias, algum tipo de relação com o contexto rural, mesmo que sua realidade atual seja o contexto urbano, pensando em suas heranças culturais e o modo das possíveis transmissões e compartilhar dessas heranças.

Paulo Freire nos traz contribuições valiosas para dialogarmos sobre o potencial educacional e pedagógico envolvendo a transmissão do conhecimento sobre a base da educação popular. Entendo, a partir de Freire, que a Educação Popular é uma forma diferenciada e potente de aplicar e buscar o saber dentro de parâmetros pedagógicos, que consiste em reafirmar e valorizar a cultura pré-existente, amenizando desequilíbrios sociais com a conscientização do potencial e participação mais ativa do educando na formação da sua identidade.

Nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa. Temos de estar convencidos de que a sua visão do mundo, que se manifesta nas várias formas de sua ação, reflete a sua situação no mundo, em que se constitui. A ação educativa e política não pode prescindir do conhecimento crítico dessa situação, sob pena de se fazer “bancária” ou de pregar no deserto. (FREIRE, 1987, p. 55).

Partilho, portanto, de uma educação com comprometimento e participação direcionada a camadas populares. Em que as necessidades das pessoas são acolhidas não com frieza ou distanciamento, tendo em vista à transformação social pautada no conhecimento com características peculiares, valorizando costumes enraizados no passado, onde seu cotidiano cultural é essencial à sociedade; não para gerir novos detentores de saber, mas sim, para serem participativos, autônomos, críticos e não meros expectadores da vida.

A chegada a essas mulheres se deu pela lembrança de encontros em algum momento da minha trajetória de vida, ou seja, fazem parte da minha existência, no compartilhar de receitas, sonhos, experiências relacionadas as vivências com a natureza, na indicação de uso, doação de mudas ou remédios feitos a partir de plantas medicinais, ou mesmo no exercício da maternagem cuidando de mim, através de alguma preparação que eu necessitava no momento. Portanto, tenho com todas as participantes uma intersecção que nos marca, envolvendo o conhecimento delas sobre os saberes relacionados às plantas medicinais.

Saliento ainda as contribuições de Conceição Evaristo, ao cunhar o termo “escrevivências” que, morfológicamente, decorrem da associação entre “escrever” e “viver”, e dos sentidos permitidos pela expressão “escrever vivências”, ou mesmo de escrever fatos vividos pelo eu que os recupera pela escrita. O termo vem sendo utilizado pela escritora em diversos momentos e em vários textos de sua autoria, sempre com sentidos relacionados aos relatos de experiências (FONSECA, 2000, p. 60). Ainda que a própria escritora tenha afirmado, em entrevista, que, quando o empregou pela primeira vez, não teve intenção de criar um conceito. Essa afirmação de Evaristo (2017) faz parte da entrevista concedida por ela ao Nexo Jornal, em 26 de maio de 2017, em resposta à pergunta feita pela entrevistadora: “Você criou o conceito de ‘escrevivência’, que é algo muito importante no seu fazer literário. O que é a escrevivência?”. Respondendo à indagação, Conceição Evaristo explica:

Quando falei da escrevivência, em momento algum estava pensando em criar um conceito. Eu venho trabalhando com esse termo desde 1995 – na minha dissertação de mestrado, várias vezes fiz um jogo com o vocabulário e as ideias de escrever, viver, se ver. (EVARISTO, 2017).

Na terceira etapa do caminho metodológico, trilhei pela investigação das histórias de vida das mulheres identificadas, conforme descrito acima. Para alcançar a essência, as riquezas e o tocar (sentir) de cada história, subdividi esta etapa em dois momentos:

- No primeiro momento, realizei entrevistas com perguntas semiestruturadas<sup>10</sup>, que combinam perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem perder a indagação formulada (MINAYO, 2009). Este contato inicial foi realizado por chamadas telefônicas e ou chamadas de vídeo pelo *WhatsApp*, em virtude da pandemia provocada pela Covid-19. Neste, fiz apresentação da pesquisa e seus objetivos; aproximação das entrevistadas, investigando suas experiências com plantas medicinais, bem como a abertura para um próximo encontro presencial com consentimento de gravação do processo de entrevista e do registro de plantas que mencionaram cultivar;
- No segundo momento, a partir do consentimento das mulheres, busquei uma interação com as narrativas utilizando entrevistas abertas, nas quais o fio condutor foram: os marcos de sua história (desde a infância aos dias atuais) relacionadas com a terra; cultivo e uso de plantas medicinais; formas de cuidado com a saúde pessoal e familiar; ancestralidade e aspectos culturais ligados ao conhecimento medicinais das plantas e do sagrado. Estas foram filmadas no território, na casa e no lar (lugar de intimidade) dessas mulheres.

Por meio desta vivência nos territórios dessas mulheres, embasada na metodologia “observação participante”, conheci de forma mais profunda cada história de vida e as heranças culturais, e procurei identificar se (e como) o conhecimento sobre as plantas medicinais que estas possuem são cultivados e transmitidos ainda nos dias atuais. Esta técnica de comunicação nos dá a possibilidade de construirmos mutuamente a produção de sentidos, ou nos certificarmos dos sentidos que são dados às palavras, gestos e expressões. Nesse sentido, Maria Ângela Silveira Paulilo, afirma que:

No âmbito das representações e da produção de sentido, as entrevistas são tratadas como encontros sociais, nos quais conhecimentos e significados são ativamente construídos no próprio processo da entrevista; entrevistador e entrevistado são, naquele momento, co-produtores de conhecimento. Participação, neste nível de interação, envolve ambos, em um trabalho de produção de sentido, trabalho no qual o processo de produção de sentido é tão importante para a pesquisa como o é o sentido produzido. (PAULILO, 1998, p. 143).

A aproximação das histórias e trocas com essas mulheres me possibilitou ouvir, sentir e contemplar o que não mais ouvimos com frequência em nossos dias. Acredito que a construção se dá de maneira coletiva, onde a interação potencializa a relação e os encontros.

A quarta e última etapa se refere à sistematização das narrativas, que são expostas no quarto capítulo, em forma de diálogo, bem como, na produção do vídeo denominado “*Remédio de Mato é Melhor*”. Esta etapa apresenta os resultados e esboçam tentativas de respostas às indagações levantadas por esse estudo.

---

10 - Em anexo (A) Formulário de Entrevista utilizado.

## **CAPÍTULO II**

### **AS MULHERES E SUAS RELAÇÕES COM AS PLANTAS**

*Assim como a centelha da criação  
das mais velhas se propagou anônima  
e oralmente até as mais novas.*

Conceição Evaristo

Neste capítulo abordo a relação das mulheres com as plantas medicinais, apresento um pouco de minhas vivências com as plantas medicinais e discorro sobre a diferenciação entre erva e planta medicinal, uma indagação surgida no processo inicial deste estudo.

Partindo de uma abordagem de gênero, ressalto a identificação feminina com a produção de alimentos, atravessada pela economia do cuidado, no qual o pouco acesso a médicos e medicamentos as impeliu para construção de saberes na busca da terapêutica familiar, atentando para a representação simbólica da mulher como provedora da vida e da fertilidade a partir do cultivo em seus quintais.

Sigo, discorrendo sobre a existência da ambiguidade dessa categoria no imaginário popular – erveiras, raizeiras, benzedeadas, mulheres sábias, bruxas, feiticeiras – e avançamos para o desequilíbrio social e de gênero, a inversão de valores e desvalorização desses espaços “femininos”, junto com a desconsideração ao saber-fazer tradicional e a supervalorização dos produtos do mercado. Deste modo, fica o convite para adotarmos a agroecologia como uma via para o resgate desse fazer cultural/tradicional, valorizando este espaço historicamente considerado feminino, e a valorização da mulher como sujeito social.

No decorrer do capítulo, ver-se-á a fitoterapia como uma herança conhecimento popular e a necessidade, bem como os desafios da repartição de benefícios.

#### **2.1. Minha vivência com as Plantas Medicinais**

Em minha vivência, compreendida nesta última década, mais precisamente, meus ouvidos e olhos estiveram mais aguçados e sensíveis para as relações com a terra, processos naturais de cuidado com a saúde e de conexão com a natureza. Nesse sentido, a integralidade da saúde tornou-se foco. A reflexão sobre a dicotomia saúde x doença, atravessada pela alimentação e medicalização, e as plantas medicinais, passaram a fazer parte do meu viver. As imagens que se seguem são demonstrativas desse processo de aproximação e resgate das plantas medicinais.

As figuras de 1 a 4 referem-se as vivências em meu quintal, junto ao Coletivo EAPA, que buscava por meio da educação ambiental com viés agroecológico fomentar formações internas e externas sobre temas que compunham o nome do coletivo (Educação Ambiental e Práticas agroecológicas), entendendo teoria e prática como inseparáveis. Essas trocas foram fundamentais para o debruçar em pesquisas e experiências de múltiplos saberes e vivências.



**Figura 1** – Visita do coletivo EAPA.  
Fonte: da autora (2014)



**Figura 2** – Mesa de plantas medicinais.  
Fonte: da autora (2014)



**Figura 3** – Canteiro de hortaliças.  
Fonte: da autora (2014)



**Figura 4** – Meu quintal.  
Fonte: da autora (2014)

As imagens figuras de 5 a 7 retratam a construção, plantio e manutenção da Mandala: Relógio de Plantas Medicinais, com jovens assistidos pelo CDDH. Esta mandala trabalha com a proposta de que cada órgão do nosso corpo fica mais ativo em um determinado horário se ingerida determinada planta medicinal, assim, cada hora do nosso dia é melhor para determinado tipo de chá.



**Figura 5** – Construção da mandala relógio.  
Fonte: da autora (2018)



**Figura 6** – Plantio na mandala relógio.  
Fonte: da autora (2018)



**Figura 7** – Manutenção da mandala relógio.  
Fonte: da autora (2018)

As figuras de 8 e 9 dizem respeito às trocas sobre o conhecimento de plantas medicinais, vivenciadas com crianças residentes da Comunidade Osvaldo Cruz, Bairro Valparaíso – Petrópolis-RJ. Estas tinham como proposta a realização de oficinas de educação ambiental com viés agroecológico, que estavam inseridas no eixo “Cuidado com a Casa Comum” do Serviço de Solidariedade Franciscano – SEFRAS. O desenvolvimento deste trabalho foi mediado pela atuação nesta instituição, através do Projeto Gente Viva que com mais de 20 anos de atuação, tornou-se uma referência nesta comunidade.



**Figura 8** – Horta suspensa  
Fonte: da autora (2019)



**Figura 9** – Demonstração de plantas medicinais  
Fonte: da autora (2019)

As figuras de 10 a 13 mostram o trabalho construção coletiva de Horta Comunitária na Rua Itália, Bairro Vila Militar. Petrópolis-RJ. Este trabalho tinha o objetivo de organização comunitária em torno da luta por direitos. A construção da horta foi utilizada como instrumento pedagógico de mobilização. Importante destacar que, esta comunidade de aproximadamente 80 famílias, contava com a participação eminente de crianças e mulheres. Estas apresentavam seus saberes sobre agricultura e propriedades medicinais de plantas, herdados de seus antepassados. Cabe ainda ressaltar que a comunidade foi grandemente afetada pelo desastre socioambiental, ocorrido em nossa cidade (Petrópolis-RJ) em 15 de fevereiro de 2022, tendo vitimado 9 pessoas e a conseqüente remoção de todos os moradores da localidade.



**Figura 10** – Envolvendo as crianças.

Fonte: da autora (2020)



**Figura 11-** Dialogando com mulheres.

Fonte: da autora (2020)



**Figura 12 -** Identificação de variedades, orégano.

Fonte: da autora (2020)



**Figura13 -**Identificação de variedades, hortelã.

Fonte: da autora (2020)

As Figuras 14 e 15 retratam uma das visitas realizadas ao Espaço Agroecovida<sup>11</sup> localizado no Vale do Bonfim, Petrópolis-RJ. Este espaço passou pelo processo de transição agroecológica e se propõe a transitar por práticas e discussões sobre agricultura camponesa, agroecologia, experiência e saberes ancestrais, bem como dialogar sobre a relação com a natureza. Lugar de inspiração, aprendizados e muitas e trocas.

---

<sup>11</sup> - O Espaço Agroecovida foi idealizado pelo agricultor Fabiano Francisco de Azevedo. Instagram @Agroecovida.



**Figura 14** – Agroecovida.

Fonte: da autora (2020)



**Figura 15** – Saudação ao Deus criador.

Fonte: da autora (2020)

Com o percurso se buscou dialogar sobre uso dos recursos naturais para uma vida mais simples, interligada e integrada com natureza, investigando sobre processos de nutrição saudável, bem como soluções que não viessem da indústria farmacêutica, para o tratamento de doenças ou sintomas dessas. Percebi que a palavra “ervas” era utilizada com frequência, geralmente sendo empregada em referência ao tratamento de questões relativas à saúde e temperos, e “plantas” quando relacionado à alimentação sem o intuito ou busca pela cura de algum sintoma provocado por determinado tipo de doença.

As plantas medicinais podem ser ervas (porte menor), arbustos (porte médio) ou árvores (porte maior). As partes utilizadas com fins medicinais podem ser: folha, casca, raiz, flor, fruto, resina, óleo etc. Cada planta medicinal tem sua própria característica.

Alguns estudos<sup>12</sup> sobre as propriedades medicinais das plantas tratam ervas e plantas medicinais diferentemente. Talvez pelo fato de as ervas terem um papel histórico importante e tradição de cura, às vezes elas são apresentadas como uma categoria especial de plantas, ou seja, são avaliadas particularmente pelas suas qualidades medicinais de sabor ou aromas.

Cabe ressaltar que não há dicotomia entre os termos ‘plantas’ e ‘ervas’. Planta é sinônimo de vegetal, inclui todas as espécies do Reino Vegetal e erva é um termo popular, embora também usado na ciência, que significa plantas rasteiras. Muitas plantas medicinais são erváceas, mas outras também são arbustivas e arbóreas. É importante atentarmos que, como os nomes tradicionais ou populares das plantas medicinais variam muito de acordo com aspectos regionais e culturais, a melhor maneira de se agrupar as plantas é através do seu nome científico e seguido dos seus nomes populares.

---

<sup>12</sup> - De A a Z: a enciclopédia das plantas elaborado por Jolevi Publicações, 2020; Cartilha: Plantas Medicinais e Cultivo de Hortas, produzida pela Prefeitura de Guarulhos – Secretaria de Saúde, 2018; BRANDELLI, 2017.

Sendo assim, compreendemos o sentido do termo ervas, utilizados por várias pessoas, contudo neste trabalho adotamos o nome Plantas Medicinais por entender sua ampla abrangência. Vanessa Sardinha dos Santos (2021) destaca que:

As plantas medicinais são usadas há muito tempo por nossos antepassados e são conhecidas por terem um papel importante na cura e tratamento de algumas doenças. Em algumas comunidades, essas plantas simbolizam a única forma de tratamento de determinadas patologias. Estima-se que aproximadamente 80% da população do planeta já tenha feito uso de algum vegetal para aliviar sintomas de alguma doença. As substâncias encontradas nas plantas que permitem a cura ou tratamento de doenças variam de espécie para espécie e normalmente estão relacionadas com a defesa da planta e com a atração de polinizadores. Essas substâncias, quando possuem ação farmacológica, dão à planta a classificação de medicinal. (SANTOS, 2021, p. 1).

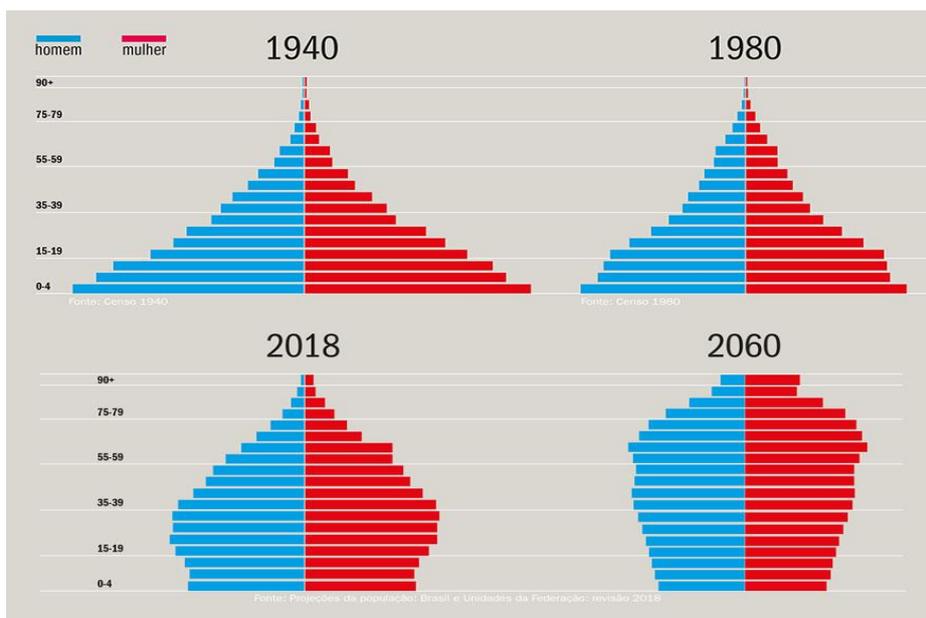
Segundo a Política Nacional de Plantas e Fitoterápicos (2006) a Organização Mundial de Saúde (OMS) define planta medicinal como sendo "todo e qualquer vegetal que possui, em um ou mais órgãos, substâncias que podem ser utilizadas com fins terapêuticos, ou que sejam precursores de fármacos semissintéticos".

Por fim, apresento as contribuições de Clara Lia Costa Brandelli (2017) que, em seu artigo “Plantas Medicinais: Histórico e Conceitos”, afirma que “a história do uso de plantas medicinais demonstra que, desde os tempos remotos, a mesma faz parte da evolução humana e foram os primeiros recursos terapêuticos utilizados pelos povos”. A autora destaca a definição de plantas medicinais como “espécies vegetais, cultivadas ou não, utilizadas com propósitos terapêuticos” (BRANDELLI, 2017, p. 1).

## **2.2 O papel social das mulheres idosas: relações de gênero e geracional**

Ao tratar do papel social das mulheres idosas (relações de gênero e geracional), faz-se necessário elucidar o conceito de pessoa idosa adotado neste trabalho – pessoas com 60 anos ou mais – conforme define a Política Nacional do Idoso (PNI), Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994, e o Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, e ainda apontar as estatísticas sobre o crescimento da população idosa nas próximas décadas em nosso país.

A Projeção, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2018), apresenta o crescimento progressivo da população idosa, tendo a perspectiva de ser 25% da população brasileira em 2060. A Figura 16 ilustra, o aumento da população idosa, bem como a tendência da inversão na pirâmide etária do Brasil. A relação entre a porcentagem de idosos e de jovens é chamada de “índice de envelhecimento”, que deve aumentar de 43,19%, em 2018, para 173,47%, em 2060.



**Figura 16 - Pirâmides Etária.**

Fonte. IBGE. Projeções da população e Unidades da Federação: revisão 2018

“Um fenômeno que acompanha o envelhecimento populacional é a feminização da velhice, isto é, a maior proporção de mulheres que de homens na população idosa, especialmente em idades mais avançadas” (SOUZA et al. 2018, p 2). Ao analisarem as prevalências e as diferenças de gênero e idade em indicadores de envelhecimento em seu artigo “Envelhecimento ativo: prevalência e diferenças de gênero e idade em estudo de base populacional”, os autores afirmam que:

Em 2012, para cada cem mulheres com 60 anos ou mais em todo o mundo, existiam apenas 84 homens, e para cada cem mulheres com 80 anos ou mais, só existiam 61 homens. A despeito das variações existentes entre as regiões do mundo, de fato, em todas elas, a proporção de mulheres ultrapassa a metade da população idosa. Entretanto, em geral, apesar de viverem mais tempo, as mulheres têm pior qualidade de vida se comparadas aos homens, sobretudo por efeito das relações de gênero que estruturam todo o ciclo de vida e influenciam o acesso a recursos e oportunidades, gerando impactos contínuos e cumulativos na vida social e econômica. (SOUZA et al., 2018, p. 2).

Ao tratar, em sua tese intitulada “Mulheres da Rede Fitovida: ervas medicinais, envelhecimento e associativismo”, Rodrigues (2008) aborda a construção de identidades no processo de envelhecimento feminino, apontando que os estereótipos sobre velhos mais recorrentes estão relacionados à experiência, ao saber, que pode ser traduzido na experiência de vida, no aspecto cultural e, principalmente, no desenvolvimento intelectual. Falando especificamente de mulheres idosas, o estudo menciona que, ao pleitearem o posto de detentoras do saber, elas se afirmam como sujeitos. E que, ao engajar-se nas atividades sociais da igreja e associar-se em prol da transmissão de um conhecimento de cuidado com a saúde, permitem construir uma imagem positiva como detentoras de um saber. Não podemos negar que existe uma predominância feminina em trabalhos assistenciais, que está ligado à construção dos papéis sociais e, por isso, vale considerar a importância delas como agentes de mudança social. A esse respeito, Rodrigues revela que:

Desta maneira, o uso de medicamentos feitos com plantas medicinais, na medida em que traz em si uma série de conceitos acerca de natureza, cultura e o papel das “guardiãs da tradição”, é posto em circulação como um “objeto” de troca cujo valor está muito além de seu potencial curativo. É transmitido através de uma malha intergeracional de pessoas de idade. Esta rede de solidariedade feminina permite a suas integrantes usufruir de apoio, em caso de necessidade, uma espécie de matriarcado informal que tem capacidade de interferir na prevenção em saúde das pessoas de suas comunidades. São verdadeiras redes sociais de troca de conhecimento nas quais as mais velhas vivenciam experiências que a vida familiar nunca lhes proporcionou, como o trabalho voluntário e a construção de uma imagem pública como detentora de um saber, o que só é possível graças a soma de esforços das diferentes gerações; e as mais novas aprendem a envelhecer de maneira positiva (RODRIGUES, 2008, p. 120).

Como apresenta a autora, não é possível mensurar o valor da riqueza que essas mulheres, no papel de guardiãs desse conhecimento, carregam e transmitem ao ensinarem de forma intencional ou simplesmente pela maneira de viver. A seguir, podemos perceber que este papel desempenhado por elas atravessa gerações e está interligado com a divisão social do trabalho.

### 2.3 Mulheres e as Plantas

Ao refletir sobre sabedoria milenar, lembro que as mulheres historicamente desempenham um papel importante na produção e reprodução de conhecimentos relativos aos saberes sobre o uso de plantas medicinais. Estes têm implicação não somente na esfera privada (saúde familiar), mas também na pública (meio comunitário).

Mulheres e homens, ao longo da história da humanidade, desempenharam papéis sociais diferentes. Os papéis sociais determinam a função de cada indivíduo na sociedade. As funções e comportamentos esperados para homens e mulheres podem variar conforme a classe social, grau de escolaridade, credo religioso, entre outros fatores. Essa construção cultural, fruto de uma determinada sociedade, destacando a cultura ocidental, atribuiu o papel do cuidado às mulheres, que ainda na atualidade vivem sobre essa herança. O cuidado relaciona-se às questões de saúde, bem como de formação dos sujeitos para a vida. E esse exercício de cuidar e formar se faz predominantemente na esfera doméstica.

Flávia Charão Marques *et al* (2015), ao tratarem de processos de aprendizagem coletivas de organizações sociais de mulheres motivados pelo tema de plantas medicinais, problematizam a construção do cuidado ao outro como papel feminino. Os autores expõem que:

O ‘cuidado’ parece estar superando a esfera familiar, ampliando-se para o âmbito comunitário e mesmo global, na medida em que as mulheres ampliaram suas lutas pela igualdade de gênero e pelo reconhecimento do seu trabalho, até uma nova responsabilização pelas mudanças requeridas no padrão de desenvolvimento. (MARQUES *et al.*, 2015, p.1).

O ambiente da família (esfera doméstica) é visto em oposição ao do mercado e da tecnologia (esfera pública) que é tido como sinônimos de moderno. Isso leva à compreensão de que o masculino se refere à racionalidade e o feminino está ligado à paixão e ao instinto (materno). Ressalto que o feminino não é exclusividade das mulheres e o masculino dos homens, porém é perceptível que a delimitação entre o que é feminino e o que é masculino estão bastante relacionados ao mundo dos homens e ao das mulheres.

Neste cenário, a divisão sexual do trabalho parece compor um processo de ordenamento e de justificação das ‘causas’ das mulheres, ao mesmo tempo em que impregna a própria concepção de desenvolvimento. É o que Marques *et al* (2015) demonstram como funciona a ocupação dos espaços por mulheres agricultoras resgatando outros autores que trataram desse tema.

No que se refere às mulheres agricultoras algumas particularidades podem ser levantadas. Siliprandi e Cintrão (2011) constatam que estas mulheres têm dificuldades, por exemplo, de se inserir nas atividades de comercialização, em função de as suas atribuições ‘de gênero’ serem voltadas prioritariamente para a vida doméstica e para o espaço privado. Também corroboram com Paulilo (2011) no entendimento de que, na agricultura familiar, a unidade de trabalho se confunde com a organização da família, sendo uma e outra (família e trabalho) organizadas, em geral, a partir de uma rígida divisão sexual e geracional do trabalho. Deste modo, as atividades domésticas e de reprodução (e de cuidados) da família são normalmente designadas às mulheres adultas, sendo designados aos homens os espaços ditos produtivos e de geração de renda, os espaços públicos. (MARQUES et al., 2015, p.14).

A formação dada às mulheres conferiu, a estas, a responsabilidade de cuidar. A consciência do cuidar é construída de forma social e histórica, por meio das tradições que vêm predominantemente da figura materna e segue sendo entendido quase que universalmente como algo natural. E este “cuidar” atribuído à “tarefa de mulher” vai assumindo um caráter ampliado na medida em que as mulheres incorporam preocupações com temas sobre a soberania alimentar, perda de biodiversidade e sustentabilidade.

Desse modo, o cuidado supera a esfera familiar e, depois, a comunitária, para alcançar responsabilidades com o global.

Aí aparece, além da noção de que é papel das mulheres cuidar das pessoas, seja as do seu entorno comunitário ou as distantes (consumidores), mas também “cuidar da terra”. Reiteradas vezes, o cuidado com a ‘natureza’, cuja essência é reivindicada como feminina, é mencionado ou evocado em termos de motivação para “a luta”, de aspectos místicos e religiosos, mas também como uma responsabilidade das mulheres, uma vez que a elas compete o cuidar. (MARQUES et al., 2015, p.16).

O conceito de gênero nos ajuda a compreender que a dominação masculina perpassa a construção dos papéis sexuais por uma construção social e histórica. Esta construção não é natural, ela tem a sua âncora em uma ideologia baseada em relações de poder contraditório, onde homens e mulheres são atingidos de forma diferenciada.

Em que pese todo o conhecimento interiorizado por essas mulheres serem expressos nesse trabalho como de um valor imensurável, vivemos imersos em uma cultura em que o saber e o fazer advindo de mulheres tem sempre menor valor que o dos homens. Mediante a cultura do patriarcado, atravessado pelo conceito de gênero, temos a divisão sexual do trabalho em que às mulheres eram reservados papéis específicos: o de reprodução, manutenção e cuidado da família, considerados de menor importância por não ser trabalho que gere “valor”, segundo a lógica do capital.

Coadunamos com as ideias de Patrícia Hill Collins (2019) que, ao tratar do cruzamento de opressões de gênero, raça e classe, expõe que existem muitas mulheres cheias de conhecimento, cujas ideias e cujos talentos acabaram suprimidos pelas panelas e chaleiras de ferro que simbolizam sua subordinação.

Como mães, mães de criação, professoras e religiosas, em comunidades rurais e bairros urbanos basicamente negros, as estadunidenses negras participaram da construção e da reconstrução desses saberes opositoristas. Por meio das experiências vividas em sua família estendida e em sua comunidade, elas deram forma a ideias próprias sobre o significado da condição feminina negra. (COLLINS, 2019, p. 10).

A luta por igualdade de gênero está presente em várias esferas. Ao estudarmos sobre organizações promotoras de experiências no campo agroecológico, percebemos que estas vem promovendo importantes debates internos sobre a adoção de abordagens de gênero em suas

práticas e estratégias metodológicas. Percebe-se uma busca pela equidade de gênero nos processos formativos, na experimentação e difusão do conhecimento. Nesses casos, há uma ênfase na criação de condições para a participação mais efetiva das mulheres.

No entanto, sob um olhar mais criterioso, percebe-se que, na maior parte das vezes, os homens são apresentados como protagonistas das experiências bem-sucedidas, ocultando a contribuição das mulheres camponesas. Ainda são raros os estudos com enfoque no trabalho produtivo realizado pelas mulheres nos agroecossistemas. Em geral, destaca-se a atuação da família ou do homem, sem questionar as relações sociais de poder vigentes, o que reforça a invisibilidade e a desvalorização do trabalho feminino. A estrutura da sociedade patriarcal capitalista hierarquiza o trabalho, impondo uma divisão não natural entre mulheres e homens, entre produtivo e reprodutivo, entre público e privado. Dessa forma, o trabalho doméstico é visto como dever e obrigação das mulheres, sendo naturalizado, desqualificado e, por consequência, invisibilizado. Os espaços ocupados pelas mulheres aparecem secundarizados e menosprezados, em clara oposição àqueles espaços tradicionalmente dominados pelos homens. Assim, o amplo leque de contribuições das mulheres, que desempenham diversas atividades reprodutivas e produtivas, agrícolas e não agrícolas, simplesmente não é reconhecido como trabalho e não é contabilizado. (NETO et al., 2015, p. 4).

A identificação feminina com a produção de alimentos, e a representação simbólica como provedora de vida e da fertilidade da terra, também podem ser observadas nesta teia na qual temos o entrelaçamento das questões de gênero, divisão sexual do trabalho, produção e reprodução do conhecimento, papéis sociais, entre outros.

Em outros relatos, a participação das mulheres é contemplada, mas está mais ligada a referências identitárias. Por exemplo, em algumas experiências, há evidências claras de que o envolvimento de mulheres se dá em estratégias relacionadas à segurança alimentar e nutricional (SAN), o que parece decorrer de uma preocupação ou identificação prévia dos grupos de mulheres com esse tema específico. (SANTOS, 2007, p. 33).

Essas referências identitárias foram construídas a partir da divisão sexual do trabalho, onde as questões envolvendo a economia do cuidado (pelo pouco acesso a médicos e aos remédios, na busca da terapêutica familiar e comunitária) trouxeram, também, ambiguidades dessa categoria no imaginário popular: erveiras, raizeiras, benzedeiras, mulheres sábias, bruxas, feitiças.

As mulheres sempre foram curandeiras. Foram médicas não licenciadas e anatomistas na história do Ocidente. Foram farmacêuticas que cultivavam ervas e trocavam entre si os conhecimentos sobre seus usos. Foram parteiras, se deslocando de casa em casa, de aldeia em aldeia. Durante séculos as mulheres foram médicas sem títulos, licenças, livros ou qualquer outro conhecimento que não tenha sido aprendido e transmitido entre elas e entre vizinhas, mães e filhas. Eram chamadas de ‘mulheres sábias’ pelo povo; feitiças e charlatãs pelas autoridades. A Medicina faz parte de nossa herança como mulheres, nossa história, nosso direito (EHRENREICH, ENGLISH, 1973, p.3).

Diante do exposto acima, podemos inferir o desequilíbrio social e de gênero bem como a desvalorização dos espaços femininos junto com a desconsideração ao saber-fazer tradicional. O saber advindo de mulheres é instaurado ou transmitido pela luta e resistência. Percebe-se ainda, a inversão de valores ou a apropriação do mercado pelo saber advindo da cultura popular.

Os bens da natureza transformam-se em mercadoria e, ao ganharem um outro status de saber e conhecimento, depois de serem testados pela ciência, aquele conhecimento passa a ser supervalorizado.

Pela resistência, mulheres vêm ressignificando o papel que lhes fora atribuído, se colocando na centralidade para o bem-estar familiar e da comunidade como um todo, conquistando visibilidade e reconhecimento social. Este papel relacionado com a questão da saúde, da tradição de usar remédios caseiros para a cura de doenças como gripes, resfriados e problemas digestivos, entre outros, está presente em muitos lares, por meio da presença feminina. Pode-se afirmar que, no Brasil, cada família conhece pelo menos uma receita caseira. Essas sempre utilizam plantas medicinais, e conforme o e-book “Plantas Medicinais que Tratam e Curam Doenças Comuns”, produzido pelo Centro de Produções Técnicas [s.d.], elas passam de geração a geração e têm sobrevivido ao passar do tempo e ao crescimento da medicina alopática e dos remédios sintéticos.

O cultivo de hortas em quintais pode ser considerado uma forma dessa resistência, em que a produção de ervas para o tratamento de doenças, temperos e outras plantas possíveis de serem usadas na culinária podem proporcionar nutrientes para o corpo, prevenindo doenças e promovendo saúde.

A agroecologia pode ser uma via para o resgate desse fazer cultural, valorizando espaços historicamente considerados femininos e a estimulação da mulher como sujeito social, uma vez que propõe a integração entre saberes populares e conhecimentos técnico-científicos, reconhecendo o papel central da dimensão local. Petersen e Dias (2007) expõem que a construção do conhecimento agroecológico se faz mediante a revalorização das sabedorias locais sobre uso e manejo dos recursos naturais e a sua integração com os saberes de origem acadêmica.

Por intermédio de procedimentos metodológicos que colocam a sabedoria popular e o saber acadêmico em uma relação de complementaridade, a Agroecologia permite que as famílias e comunidades rurais se apropriem de conhecimentos que dificilmente teriam condições de construir sem o aporte do método científico. Dessa forma, elas aumentam os seus horizontes de possibilidades para gerirem autonomamente os recursos que têm à disposição para aprimorar seus meios de vida, entre eles a criatividade coletiva. (PETERSEN; DIAS, 2007, p. 10).

A tomada de posição de mulheres detentoras de conhecimento sobre as plantas medicinais, onde o saber local e tradicional tem o seu valor e importância no contexto social, vem acompanhada de outros processos de luta, como o risco da apropriação cultural, que vem sendo chamado de “biopirataria”.

Muitas comunidades tradicionais conhecem bem o poder de cura de algumas plantas e sabem receitas para fazer remédios, chás e curativos. Essas propriedades medicinais das plantas também são alvos da biopirataria. Assim, a biopirataria não é apenas o contrabando de diversas formas de vida da flora e da fauna, mas, principalmente, a apropriação e monopolização dos conhecimentos das populações tradicionais no que se refere ao uso dos recursos naturais. (DÉCIMO, 2022, p. 1).

A biopirataria não é só levar as sementes ou algo físico, mas ocorre também quando há apropriação dos nossos conhecimentos e das nossas formas de expressão.

Vandana Shiva (2001) após ter publicado livro intitulado “Biopirataria: a pilhagem da natureza e do conhecimento”, concede a Folha de São Paulo, entrevista que foi intitulada “Contestadores: Biopirataria é colonialismo atual, diz Vandana Shiva” em que define e apresenta uma possibilidade de reagirmos a biopirataria.

Folha - O que é biopirataria? Vandana - A biopirataria é o modo atual de colonização. As corporações vão para o Terceiro Mundo, descubrem com que objetivo usamos nossa biodiversidade e depois alegam que inventaram essa forma de usá-la. Folha - É possível reagir a isso? Vandana - Temos de mudar o sistema de direitos de propriedade

intelectual, especialmente o sistema global, o Trips (Acordo sobre os Aspectos Comerciais dos Direitos de Propriedade Intelectual, na sigla em inglês), que dá poder às empresas para piratear o mundo e transformar o conhecimento dos outros em seu monopólio, ordenando que paguemos royalties sobre o que era nosso. As formas de vida e o conhecimento nativo deveriam estar fora da alçada do Trips, e a biopirataria deveria ser tratada como crime. (Entrevista. Folha de S. Paulo - Contestadores: Biopirataria é colonialismo atual, diz Vandana Shiva - 13/05/2001)

Na esfera socioeconômica a biopirataria pode levar o aumento da dependência de mercadorias e tecnologias externas, rompendo com redes de solidariedade local e de identidades étnicas. Traz ameaça a propriedade intelectual e influencia no destino final da riqueza produzida.

Conforme a autora, o próprio preâmbulo do Trips não considera os direitos coletivos das pessoas comuns sobre suas ideias para só reconhecer direitos privados com aplicação industrial. Basta testar num laboratório transnacional técnicas agrícolas e medicinais aplicadas há tempos imemoriais para que possam ser patenteadas, desqualificando os povos e sua cultura como mero recurso natural a ser explorado.

É comum, primeiramente, haver uma negação, uma criminalização e ou um alerta sobre o cuidado que se deve ter. Depois a apropriação, colocando-se com outra roupagem. Em se tratando das plantas medicinais, enquanto era a rezadeira, o mateiro que manipulavam, não tinha valor. Passado pelas avaliações e experimentações científicas, esse mesmo conhecimento é apresentado como outros nomes e status. Para compor o Sistema Único de saúde – SUS, o uso de plantas medicinais – chama-se fitoterapia – e agora esse conhecimento tem valor dentro desse campo de conhecimento, que é chamado “formal”.

## **2.4 O Conhecimento Popular e a Repartição de Benefícios**

O conhecimento popular sobre plantas medicinais é precursor a tudo que conhecemos hoje no campo da terapêutica medicamentosa de saúde, dentre estas temos a fitoterapia que é uma palavra que une dois radicais gregos: “phyton”, que significa planta, e “therapia”, tratamento. É a terapêutica caracterizada pelo uso de plantas medicinais em suas diferentes formas farmacêuticas, sem a utilização de substâncias ativas isoladas, ainda que de origem vegetal (BRASIL, 2006).

A relação dos humanos com as plantas é anterior a invenção da escrita. Elas foram a primeira fonte de alimento e de cura (Coleção Bem-Estar. Plantas medicinais, 2006, p.8). O uso terapêutico de plantas medicinais, esteve sob domínio (quase que exclusivo) de povos tradicionais, até o salto tecnológico da indústria farmacêutica ocorrido nas décadas de 1950 e 1960, quando os tratamentos “fitoterápicos”, juntamente com as palavras da moda, “tratamentos alternativos”, foram apropriados pelo mercado, ganhando um novo status, apresentado como uma inovação dentro das possibilidades de tratamento, ganhando valor e sendo ofertados pelo mercado. As plantas medicinais consideradas anteriormente como uma das principais alternativas de cuidado da saúde aparecem em voga, como tratamento alternativo com a comprovação de ações farmacológicas consideradas relevantes e com uma excelente relação de custo-benefício.

Em 1978, a Organização Mundial da Saúde reconheceu oficialmente o uso de fitoterápicos. No Brasil, a política de plantas medicinais e fitoterápicos remonta de 1981 por meio da Portaria n. 212, de 11 de setembro, do Ministério da Saúde que, em seu item 2.4.3, define o estudo das plantas medicinais como uma das prioridades de investigação clínica e, 1982, o Ministério da Saúde lançou o Programa de Pesquisa de Plantas Medicinais da Central de Medicamentos (PPPM/Ceme) para obter o desen-

volvimento de uma terapêutica alternativa e complementar, com embasamento científico, pelo estabelecimento de medicamentos fitoterápicos, com base no real valor farmacológico de preparações de uso popular, à base de plantas medicinais. (BRASIL, 2015, p. 5)

Com o desenvolvimento do capital e a ampliação do mercado, passa-se a investir em pesquisas, sistematizações e estudos sobre tradições populares do uso de plantas medicinais, como forma de obter estratégia para investigação e comprovação farmacológica.

A partir das plantas descritas pelo conhecimento popular, foram descobertos diversos medicamentos usados hoje pela medicina, usadas como matéria-prima para a fabricação de medicamentos. Dentro dessa lógica mercadológica, a maior parte de medicamentos são oriundos das plantas, mas misturados a outras substâncias que trazem, muitas vezes, os chamados efeitos colaterais, além de serem vendidos a um alto custo.

A fitoterapia praticada no Brasil é originária de várias tradições diferentes, criando um sistema heterogêneo de uso das plantas medicinais. Devemos lembrar que as pessoas usavam plantas para tratar vários problemas, que vão desde doenças simples, como resfriados e tosse, e muito mais graves, como tuberculose ou malária, e somente com o passar dos anos, recebem o reconhecimento de sua eficácia pela ciência, sendo apresentado como tratamento fitoterápico.

A filósofa e militante, Vandana Shiva, ao lutar para conter a concentração e controle da comida nas mãos de empresas privadas e garantia da qualidade do alimento, funde a crítica econômica e ambiental ao sistema vigente. Em seus estudos ao falar da segurança alimentar, mostra que o mesmo sistema que destrói a Terra, destrói também o direito dos pobres de acessar sementes e conseqüentemente compromete a segurança alimentar e nutricional. A autora mostra, ainda, que uma pequena modificação em variedades tradicionais, desenvolvidas por culturas tradicionais ao longo de milênios pode dar a uma empresa direitos autorais tendo poder de proibir os mesmos de replantar como sementes os grãos que produziram. Até os direitos dos povos sobre seus próprios genes podem se tornar propriedade privada de alguma corporação uma vez que seu DNA seja analisado por homens de avental branco, (SHIVA, 2001).

A indústria farmacêutica, apresenta-se como uma possibilidade de ampliação do acesso a medicamentos a um quantitativo populacional, porém é válido lembrar que a mesma empresa que vende o medicamento para ‘cura de doenças’, e a mesma, que com a intenção de reduzir a fome e ampliar a produção de alimentos vende o veneno para o alavancar da produção agrícola, impactando diretamente na saúde e produzindo doenças.

As Agentes do Conhecimento Tradicional da Rede Fitovida apresentam importantes considerações sobre o reconhecimento do uso de plantas, no momento em que estavam refletindo sobre a construção de um inventário.

O trabalho das plantas medicinais não passa pela vertente do ministério da saúde. A vertente das plantas medicinais passa pelo ministério da cultura. E a gente vai entender que essa experiência com plantas medicinais é cultural. Ela faz parte de uma cultura milenar e de fato o ministério da saúde não abarca esse processo. É uma outra vertente. Não é que esteja excluído do processo. Porque a medicina alopática é parceira desse processo, mas ela não é o que vai determinar o uso e como se usa as plantas medicinais. (VIVIANE RAMIRO, Entrevista On-line, 19.01.2020).

O reconhecer de usos, conhecimentos e eficácia sobre plantas medicinais, apresentado pelas comprovações científicas, pode ser constatado pelas recentes legislações dentro da política pública de saúde - Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares/PNPIC (2006) no SUS (BRASIL, 2006); Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos/PNPMF (2006), que propõem diretrizes e metas para o desenvolvimento e propagação das terapias integrativas e complementares com grande incentivo às plantas medicinais (BRASIL, 2006). Em dezembro de 2009 foi publicada, no Diário Oficial da União

– DOU, a primeira portaria que incluía medicamentos fitoterápicos no Componente Básico de Atenção Farmacêutica. Na Relação Nacional de Medicamentos (RENAME), estão presentes doze fitoterápicos, ou seja, com “eficácia e segurança” comprovados, disponível à população nos postos de saúde mediante prescrição médica.

Em que pese termos esses ordenamentos jurídicos, que consideramos positivo, uma vez que incentiva pesquisas e o uso das ervas, nos incomoda vê-las serem condicionadas pelas vias de aprovação apenas do conhecimento científico. Vale destacar que nosso país possui uma rica diversidade de plantas e que apenas setenta e uma têm o reconhecimento de ação medicinal pela ANVISA que publiciza a RENISUS - Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao Sistema Único de Saúde.

Todas as políticas de saúde (ou de doença) são quase que exclusivamente centradas em: distribuição de remédios, aumento na regularização do uso dos mesmos, ampliações de doses quando elas falham e acesso aos exames e procedimentos hospitalares para justificar mais e mais prescrições. (SPETHNMANN, 2004, p.8).

Na atualidade, predomina a cultura de que precisamos de receitas para tudo, focadas muito mais na obediência do consumo do que na melhora, de fato, de quem as utiliza.

Diante do exposto, reiteramos que as plantas sempre foram utilizadas e que o termo “Fitoterapia” também sempre fez parte da humanidade, ela pode envolver preparações mais simples como a realização de chá, xarope caseiro, entre outros, como também preparações mais elaboradas que passem pelo processo de industrialização.

No processo de apropriação dos saberes pelo mercado a extração da planta deve ser padronizada para certo conteúdo de princípios ativos, para assim “garantir” a dosagem correta para que seja possível ser reproduzida. E dessa forma, o manejo fitoterápico simples como exemplo a receita caseira, que fora ensinada pelos nossos antepassados já não recebe incentivo para utilização.

Percebemos então que, em nome dos avanços tecnológicos na área médica, algumas estratégias de cuidados foram silenciadas, difamadas, escanteadas e ou apropriadas. Vale esclarecer que não estamos negando o conhecimento científico e os avanços da medicina. Enfatizamos que as virtudes medicinais das plantas estão na origem da medicina. Porém, trazemos para a roda a reflexão sobre a apropriação do conhecimento empírico com tentativa de apagamento dos saberes dos tradicionais.

E aí eu acho que a gente precisa sim se apropriar desses conhecimentos e dessas ferramentas para garantir que essas comunidades sejam reconhecidas, sejam valorizadas. Porque a gente querendo ou não, sempre há a universidade chegando nessas comunidades. Comunidades ditas tradicionais, fazendo pesquisa, se apropriando desse conhecimento que depois é monopolizado e a gente tem que comprar na farmácia. Então, porque nós, filhos e filhas de rezadeiras de parteiras, não podemos nos apropriar da ciência para garantir que esse conhecimento seja valorizado, seja reconhecido e que as pessoas tenham condições de produzir dentro de outra dinâmica? Seja na cidade, seja no campo, sem ser criminalizado, sem ser perseguido, porque tem o código penal, que fala das práticas de curandeirismo. E tudo isso foi muito, vamos dizer assim, gerou muito preconceito. (VIVIANE RAMIRO, Entrevista On-line, 19.01.2020).

Sedo assim, podemos entender que o uso e a apropriação do conhecimento popular sobre as propriedades das plantas medicinais perpassam pela discussão da repartição de benefícios, que consiste na divisão dos benefícios provenientes da exploração econômica de produto acabado ou material reprodutivo desenvolvido a partir do acesso a patrimônio genético ou a conhecimento tradicional associado. É de 2015, a legislação brasileira que dispõe sobre os usos

da biodiversidade nacional pela ciência e pela cadeia produtiva. Trata-se da Lei nº13.123, conhecida como Lei da Biodiversidade. Suas normas definem, “o acesso ao patrimônio genético, proteção, acesso ao conhecimento tradicional associado e a repartição de benefícios para a conservação e uso sustentável da biodiversidade”.

Para produção de medicamentos industrializados com utilização de recursos naturais, como as plantas medicinais, bem como os conhecimentos populares tradicionais, cientistas e pesquisadores necessitam estudar o genoma das plantas, observar a função genética e as diferentes formas de atuação, para assim compreender melhor, fenômenos relacionados a biologia celular e molecular, permitindo que estruturas biológicas e químicas sejam reproduzidas na criação de inúmeros produtos e tecnologias. Porém, há uma série de questões importantes envolvidas no uso do patrimônio genético, sendo considerado um bem coletivo. As legislações devem versar sobre a garantia de que a informação genética será usada de forma sustentável, protegida e conservada. A regulação também é importante para assegurar a repartição de benefícios gerados a partir desses estudos científicos de forma justa e equitativa.

Juliana Santilli (2005) em seu artigo “Patrimônio imaterial e direitos intelectuais”, afirma que:

As formas de organização e representação coletiva dos próprios povos tradicionais devem ser consideradas e respeitadas por aqueles interessados em acessar recursos genéticos em seus territórios ou seus conhecimentos tradicionais, bem como na repartição de benefícios gerados pela sua utilização comercial. (SANTILLI, ANO, p. 71)

A autora destaca, ainda, que além dos recursos naturais em si, é fundamental valorizar o conhecimento tradicional associado à biodiversidade, que constituem os bens imateriais de um povo. Seja a ciência ou a população, de forma geral, beneficiada a partir do conhecimento tradicional, é importante que os detentores dos saberes recebam, também, os benefícios gerados pelos estudos.

Os bens imateriais abrangem as mais diferentes formas de saber, fazer e criar, como músicas, contos, lendas, danças, receitas culinárias, técnicas artesanais e de manejo ambiental. Incluem ainda, os conhecimentos, inovações e práticas culturais de povos indígenas, quilombolas e populações tradicionais, que vão desde formas e técnicas de manejos de recursos naturais até métodos de caça e pesca e conhecimentos sobre sistemas ecológicos e espécies com propriedades farmacêuticas, alimentícias e agrícolas – os conhecimentos tradicionais associados à biodiversidade. (SANTILLI, ANO, p. 64)

Ao longo dos anos, a sabedoria popular foi propagada através do cultivo das plantas e outras práticas e conhecimento atravessou várias. Fica aqui o convite de pensarmos o futuro sem esquecer o passado.

### CAPÍTULO III

## PLANTAS MEDICINAIS NO MUNICÍPIO DE PETRÓPOLIS-RJ

*Desde os tempos medievos  
Nossos sábios ancestrais  
Quando surgia um problema  
De doenças corporais  
Seu médico e sua farmácia  
Estavam na eficácia  
Das plantas medicinais.  
(...)*

*A casca de certas árvores,  
A folhagem, as sementes  
Trituradas, feito chá  
Ou comendo emplastos quentes,  
Quando uma doença aperta  
Sendo na medida certa  
Tem salvo muitos doentes.  
(...)*

*Pra misturar uma planta  
Com outra planta, depende  
Da pessoa conhecer  
Donde uma e outra descende,  
Isso aí requer cultura  
Porque senão a mistura  
Em vez de curar ofende.  
Quando um índio era atingido  
Pela flecha duma besta  
Ou a borduna acertava  
O meio da sua testa  
Pra curar o ferimento  
Ia “ver” medicamento  
Na farmácia da floresta.  
(...)*

*“Todos” os medicamentos  
Que o homem fabrica agora  
Com nomes complicadíssimos  
Bela embalagem por fora  
E preços proibitivos  
Têm seus princípios ativos  
Nos atributos da flora.*

Manoel Monteiro<sup>13</sup>

---

13 - Cordel “O Poder das Plantas na Cura de Doenças” elaborado em 2004, pelo poeta Manoel Monteiro

O Poeta por meio deste cordel nos faz refletir sobre a ligação com a terra e nossos antepassados lembrando que o uso das plantas medicinais na cura de doenças é uma prática desenvolvida por povos de diferentes culturas, apontando que, através do contato com a natureza, o ser humano foi aprendendo e construindo saberes medicinais no processo de seleção e uso de plantas para solucionar problemas de saúde e/ou minimizar o sofrimento. Uma relação de equilíbrio da natureza e do corpo humano que se conectam e interagem no mesmo sistema. Sem exploração ou superposição de um em relação ao outro, diferente do que ocorre no sistema capitalista.

Este capítulo busca resgatar elementos na história da cidade de Petrópolis-RJ relacionados às plantas medicinais. Lembrar da relação com a natureza, estabelecida pelos povos indígenas Coroados, primeiros habitantes da região, conforme registros históricos (ABAD, 2009), seguidos da colonização do território que viria a ser chamado de Petrópolis. Um processo que traz consigo mulheres imbuídas de fé, que buscavam nas plantas um caminho para ajudar os doentes, criando-se assim a Oficina de Ervas do Colégio Santa Catarina, que promove a valorização da sabedoria popular através do uso plantas medicinais, além de oferecer noções básicas sobre a fitoterapia e remédios caseiros para o cuidado da saúde pessoal e coletiva. Esta foi uma organização pioneira e de referência na cidade, e o trabalho realizado pelas irmãs do Colégio Santa Catarina contribuiu para a gestação e formação da Rede Fitovida - organização de abrangência estadual, que reúne grupos majoritariamente de mulheres cuja centralidade está na detenção, compartilhamento e proteção do conhecimento sobre o uso de plantas medicinais, segundo publicação da Rede Fitovida, (2017).

Outro importante marco, existente na cidade de Petrópolis é a “Trilha do Arboreto”, que promove o fortalecimento do uso das plantas medicinais levando informações importantes para a sociedade (CADERNOS DO ITABORAÍ, 2014).

### 3.1 O Princípio

O município de Petrópolis tem seu marco de fundação datado de dezesseis de março de 1843. Colônia de habitação dos portugueses, contou com a “contribuição” de pessoas oriundas de vários países (alemães, franceses, italianos, ingleses, suíços, belgas e libaneses), que vieram trabalhar para o desenvolvimento e povoação de um conjunto de fazendas que, anos depois, viria a ser chamada de Cidade de Pedro – Petrópolis (ABAD, 2009). Segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2021 o município de Petrópolis tinha 307.144 habitantes.

Antes dos colonizadores chegarem, a região já era habitada por indígenas do povo Puri, que foram chamados pelos portugueses de “Coroados”, devido a forma que contavam os cabelos. Era da natureza que eles retiravam todos os meios de subsistência. A principal fonte de alimentação era produzida pela terra, ou seja, frutas e plantas (BARBOSA, 2023). É possível que o domínio sobre a propriedade das plantas fizesse parte da vida, como algo natural, sendo um conhecimento empírico, dos habitantes da região, considerando que isso era bastante comum dentre os povos indígenas (GAUDÊNCIO, et al, 2020).

Ao longo do desenvolvimento da cidade de Petrópolis, temos alguns pilares na relação com as plantas medicinais. Estes têm seu início com os primeiros habitantes, os Coroados, e atualmente estão presentes, seja através de organizações, na memória e prática de uso e transmissão do saber ou cultivado em quintais.

### 3.2 Oficina de Ervas do Colégio Santa Catarina

Em 16 de junho de 1897, atendendo ao chamado dos franciscanos<sup>14</sup> para educarem os filhos dos colonos alemães, chegaram ao Brasil as primeiras Irmãs da Congregação de Santa Catarina: Dária Beckmann, Irmengard Preuschoff, Rosa Woynod, Crescência Bleise e Regina Protmann, nascidas na Polônia. Mulheres movidas pela fé, dedicavam-se aos pobres, aos doentes e abandonados. Elas se estabeleceram nas construções do entorno do Palácio Imperial, quando a região era conhecida como Fazenda do Córrego Seco, atualmente, Rua Monte Caseiros no centro de Petrópolis-RJ.

No ano de 1571, Madre Regina, fundadora da Congregação das Irmãs de Santa Catarina, já visitava e assistia os doentes em domicílio. “Contra dor de Dente, febre, doença dos olhos, tumores e outros males, ela destilava colírios, fazia chás, sopas nutritivas e enviava gratuitamente aos pobres”. Dados da sua biografia de 1620. Esta assistência extraordinária aos doentes, anos mais tarde, inspirou a criação de remédios caseiros e oficina de ervas, mantidas até os dias atuais pelas Irmãs de Santa Catarina. (<https://paroquiadosagrado.com.br/congregacao-das-irmas-de-santa-catarina>. Acesso em 19/07/2022).

As irmãs da Congregação de Santa Catarina sempre estiveram atentas às questões sociais. A Conferência Internacional de Saúde em 1978 em Alma-Ata, na extinta União Soviética, estabeleceu como meta na Atenção Primária de Saúde e formação dos Agentes de Saúde, organizando assim, cursos para a formação destes. Iniciou-se então, o grupo de troca e partilha de sabedoria popular no referido local – Rua Monte Caseiros -, que ficou conhecido como Colégio Santa Catarina. A organização de um grupo denominado “Grupo de Saúde” que teve seu início no ano de 1980 e se reunia semanalmente, tinha como objetivo: refletir sobre saúde comunitária, construir a Pastoral da Saúde, formar agentes e preparar remédios caseiros a partir das ervas medicinais.

Em contato com diversas comunidades de Petrópolis, no ano seguinte (1981) o Grupo discutiu em muitas paróquias sobre a Campanha da Fraternidade – Saúde para Todos. Os encontros do grupo ao longo deste tempo, sempre ocorreram na Paróquia do Sagrado e/ou no prédio da Rua Monte Caseiros, onde está instalado o Colégio Santa Catarina.

Em 1993 deu-se início um novo processo, a partir da estruturação da Oficina de Ervas Medicinais implantada no Colégio Santa Catarina, adota-se um foco mais pedagógico junto à comunidade. Aos poucos, foi-se organizando um trabalho com as populações mais vulneráveis de Petrópolis, tendo como eixos: a valorização da vida; o fortalecimento do saber popular, e a socialização da informação.

Com a manutenção do grupo unido numa linha de reflexão e ação, vimos surgir os primeiros passos para o nascimento da Rede Fitovida.

### 3.3 Geração da Rede Fitovida

Para falar sobre o nascimento, significado e importância desta Rede, tive com a colaboração de duas mulheres com significativa representatividade na luta e articulação com grupos de mulheres pelo reconhecimento das plantas medicinais, que em janeiro de 2021, ainda no

---

14 - Franciscanos refere-se a um grupo de ordens religiosas mendicantes relacionadas inicialmente dentro da Igreja Católica, fundado em 1209 por Francisco de Assis. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Franciscanos>

contexto de distanciamento social provocado pela pandemia da Covid-19, se colocaram à disposição para uma entrevista realizada por vídeo - chamada. São elas: Sônia Ferreira Martins e Viviane Ramiro Silva.

Sônia Martins, moradora de Queimados, na Baixada Fluminense, é componente da Comissão da Pastoral da Terra e integrante da articulação de plantas medicinais na região, onde é realizado o cuidado, cultivo e produção de oficinas dentro do campo das plantas medicinais. Essas oficinas acontecem em pelo menos quatro lugares de referência, com um público predominantemente de mulheres. “Têm alguns desses grupos que tem homens também, mas a maioria é composto por mulheres, e mulheres negras”, destaca Sônia. Estas estão envolvidas no processo de produção e elaboração do produto final, sendo estes: pomada, xarope, xampu, entre outros. Estarem envolvidas neste processo é também produzir conhecimento, no qual cada uma vai dizendo um pouco de onde veio, como se identificam, o que fazem, o que sabem, como aprenderam a fazer.

Viviane Ramiro, nascida na Baixada Fluminense, mas moradora em um assentamento no município de Campos dos Goytacazes desde 2006, tem ligação com o campo e com comunidades quilombolas a partir do inventário da Rede Fitovida e da Pastoral da Terra, que a convidou para contribuir com questões relativas à saúde nos assentamentos e nas comunidades quilombolas da região de Campos. Desde então, vem contribuindo com a articulação das mulheres, dialogando com mulheres detentoras de conhecimento e saber tradicional do uso das ervas e das plantas medicinais, tendo essa experiência resultado em sua dissertação de mestrado<sup>15</sup>.

A partir do diálogo realizado com essas mulheres é que pude conhecer e compartilhar um olhar sobre a Rede Fitovida. A Rede nasce a partir de um contexto de troca de experiências no final de 1998. Contou com importante participação de membros da Comissão Pastoral da Terra, contribuindo com o processo da luta pela terra no acompanhamento a trabalhos, sobretudo na linha de plantas medicinais, com envolvimento de membros de igrejas católicas e evangélicas. Sônia narra o nascimento da Rede a partir de sua experiência com grupo de mulheres articuladas por meio de plantas medicinais em seu território, o encontro com outros movimentos e o nascimento do desejo de ampliação da rede de trocas.

Segundo o relato da Sônia

“a Rede Fitovida nasce a partir de um contexto de trocas de experiências em final de 1998, quando a gente já começou uma conversa sobre essa questão, porque a Susana, que é médica, entre 95, 96 integrou-se à Comissão Pastoral da Terra, contribuindo com o processo da luta pela terra. Ela foi pra Campos e lá, junto com a Inês e outras pessoas, começou a acompanhar os trabalhos, sobretudo, nessa linha de plantas medicinais. Eu estava em nova Iguaçu trabalhando com plantas medicinais nas comunidades, aqui da igreja, e o Marcio que é um companheiro, estava por aquela região de Campo Grande fazendo trabalho em parceria com uma comunidade evangélica, uma igreja evangélica eu não me lembro o nome da denominação, mas tinha uma pessoa que era a Valéria que estava contribuindo nesse trabalho. E aí o que que acontece? A Suzana começa a refletir comigo sobre a possibilidade começarmos a identificar no Rio de Janeiro se havia outras pessoas que faziam o uso das plantas medicinais. E aí nós sentamos para conversar. Eu conhecia o Marcio que é agrônomo da AS-PTA. Então, nós já tínhamos uma relação por causa da questão da terra e aí nós sentamos, eu,

---

<sup>15</sup> Da medicalização à patrimonialização: As ações de reconhecimento da medicina popular engendrada por agentes associados à Rede Fitovida”. Dissertação (Mestrado) Campos dos Goytacazes: Pós- Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense.

Suzana e Marcio e começamos a conversar. Então, iniciamos o processo de escuta no Rio de Janeiro sobre as experiências com plantas medicinais. E foi muito interessante... O ano de 1999 foi esse tempo de escuta e começamos a mapear no Rio de Janeiro as pessoas que trabalhavam com plantas medicinais. Nós descobrimos nesse período nesse tempo que tinha muito mais gente do que imaginávamos”.

Neste percurso, com o intuito de descobrir a possível existência de outros grupos, acabaram encontrando mais de 100 pequenos grupos de pessoas que se reuniam e utilizavam de plantas medicinais. Faziam pomadas, xaropes, garrafadas, entre outros, além de cultivar, sem interesse econômico. Segundo Sônia, era um momento muito livre, de troca e de manutenção da memória.

Ao final do ano de 1999, tinha-se mapeado mais de 100 grupos no Estado do Rio de Janeiro, então começou-se a avaliar o que seria feito diante do que foi identificado. Muitas experiências individualizadas e isoladas; grupos próximos ou no mesmo município, mas que não se conheciam; grupos que faziam as mesmas coisas e com as mesmas características, porém sem saber da existência um do outro. Diante deste levantamento, provocaram um encontro entre esses grupos no ano de 2000. Este encontro teve como sede o Colégio Santa Catarina, pois o trabalho com plantas medicinais realizado pelas irmãs do referido colégio foi reconhecido como uma grande referência no estado. Sobre esse encontro, Sônia narra o seguinte:

“E eu lembro que na época ela falou (se referindo a uma das irmãs do colégio): Gente não pode passar, tem que ser um grupo pequeno, tipo quarenta, cinquenta pessoas porque o espaço é pequeno e a gente não pode ter muita gente neste lugar. Menina chegaram quase duzentas pessoas. Pessoas de tudo quanto foi canto. E aí a gente conseguiu realizar esse primeiro encontro. Mas, foi um encontro para troca de experiências para as pessoas se conhecerem porque não se conheciam e no final do encontro nós avaliamos. Então agora, tá! O que nós vamos fazer? Primeiro mapeamos, identificamos, nos encontramos, nos conhecemos e aí? Vamos fazer o que? Aí neste encontro saiu uma proposta de ter um grupo de referência, não é coordenação. Mas seria algumas pessoas de referência pra manter a articulação entre essas referências desses lugares e desses grupos que nós havíamos mapeado. Saiu também uma proposta neste dia de fazer um outro encontro e esse encontro aconteceria quase um ano depois, né! Quase um ano depois. E aí saiu também a proposta da gente pensar como poderíamos fazer para não ficarmos sem nos encontrarmos novamente, por quase um ano. A proposta ficou de termos um meio termo, um outro encontro, no decorrer desse período, para aprofundar as trocas de experiências entre esses grupos que estavam se conhecendo. E foi interessante que a partir daí a gente começa amadurecendo a ideia e a proposta de articulação de uma rede. Que num primeiro momento não está se pensando em uma rede. O que estávamos pensando um primeiro momento era manter a memória desses grupos. Era garantir que esses grupos pudessem continuar se encontrando. E aí a coisa foi tomando rosto, tomando corpo”.

Os encontros tinham inicialmente o nome de “encontrão da rede”, e aconteceram por anos em sequência, e nestes foram se definindo os caminhos, se seria movimento, se seria rede.

Até que chegaram numa ideia coletiva de que seriam uma rede de articulação de plantas medicinais com os grupos que trabalham com plantas medicinais, sem receber, sem ter dinheiro, e que as pessoas participassem de livre e espontânea vontade, simplesmente por acreditarem no que tinham aprendido e desejarem passar esses conhecimentos pra frente. Em cada encontrão, o processo organizativo avançava até chegar o momento que se decidiu por escrever uma cartilha de princípios e, ao passar dos anos, outros materiais também foram produzidos, como, por exemplo, o livro ‘Sementes do Conhecimento Tradicional’. Estas produções definem e expressam quem são os Agentes da Rede Fitovida, que princípios e quais valores a Rede defende. Tiveram ainda o cuidado de pensar uma metodologia e uma linguagem que correspondesse a todos os agentes da Rede Fitovida, que fosse apropriado pelas mulheres e pelas comunidades. Ainda, acionaram uma legislação que reconhece esse conhecimento e o demarcase como patrimônio.

O objetivo deste protocolo comunitário é divulgar quais são as características do nosso ofício como Agentes do Conhecimento Tradicional em Plantas Medicinais da Rede Fitovida. Esta autodefinição esclarece o porquê nosso trabalho é social e culturalmente diferenciado, baseado num conhecimento tradicional associado às plantas medicinais, e por isso deve ser salvaguardado como Patrimônio Cultural Imaterial. (REDE FITOVIDA, 2017, p.6).

Os integrantes da Rede se denominam Agentes do Conhecimento Tradicional e enfatizam sua origem e herança recebida de seus antepassados, bem como o compromisso de preservá-lo e compartilhar.

Nós, da Rede Fitovida, filhos e filhas de benzedeiros, raizeiros, parteiras oriundas de zonas rurais e urbanas de todos os cantos do país, afirmamos: Temos experiência no poder de cura das plantas medicinais; Sabemos da importância de preservar a imensa biodiversidade brasileira; Mantemos vivo, de forma oral e escrita, o patrimônio imaterial de nosso povo multicultural; Nós apoiamos os seguintes instrumentos legais: Decreto 3551/00; Lei 13.123/15 e diretrizes de nº 10 e 12 da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos; Somos comunidades tradicionais detentoras de conhecimento tradicional associado ao uso das plantas medicinais – patrimônio cultural e genético brasileiro. (REDE FITOVIDA, 2017, p. 6).

É importante destacar que o arcabouço legal utilizado como amparo pelos Agentes do Conhecimento Tradicional da Rede Fitovida, a exemplo de decreto nº 3551/00 que Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências, passam primeiramente, pela vertente do Ministério da Cultura.

Nós, Agentes do Conhecimento Tradicional da Rede Fitovida, somos pessoas que nos preocupamos em aprender, praticar e transmitir o conhecimento tradicional em plantas medicinais herdado dos nossos pais e avós que eram benzedeiros, raizeiros, parteiras, mateiros e tropeiros oriundos das zonas urbanas e rurais de todos os cantos do país e que vieram para o Estado do Rio de Janeiro trazendo a tradição no poder de cura das plantas medicinais (raízes, cascas, talos, folhas, sementes, flores e frutos). (REDE FITOVIDA, 2017, p. 10).

Fazemos os remédios caseiros de forma artesanal, em nossas casas ou espaços comunitários, sempre seguindo as receitas tradicionais que foram transmitidas pelos nossos pais e avós ou por referências culturais da comunidade (baseados no direito de uso consuetudinário que é o direito do uso habitual, do costume, da tradição). Os nossos remédios caseiros são feitos a partir do que aprendemos OUVINDO E VENDENDO os nossos pais, avós e as referências culturais da comunidade. (REDE FITOVIDA, 2017, p. 26).

Os quintais são vistos e defendidos como território. Possuem um importante valor, em que não há individualidades mais sim, o sentimento de pertencimento ao comunitário.

Os quintais são nossos principais territórios. Sejam eles em nossas casas, nas casas de vizinhos, em vasos dentro de pequenos espaços ou em hortas comunitárias. Os que moravam em zonas rurais também utilizamos as matas próximas. Em todos estes espaços preservamos as plantas que usamos nas nossas cozinhas para fazer os remédios caseiros. É também nos quintais que produzimos mudas para serem trocadas entre nós. (REDE FITOVIDA, 2017, p. 27).

Vale ressaltar que a rede, na medida em que vai tecendo os fios, não só trabalha no sentido de manter a valorização e a memória das plantas medicinais, mas também de discutir políticas públicas nesse campo. Entender que as plantas medicinais não são utilizadas simplesmente porque tem um custo baixo, mas sim porque é eficaz, sendo necessário garantir que possam ser usadas de forma livre, sem que ninguém os impeça. E nesse sentido, buscou-se uma articulação nacional para obter melhores informações. Através da construção coletiva chegou-se em um processo de fomento de um decreto de lei que visava garantir o uso das plantas medicinais. Esse processo coletivo é fruto do avançar de cada ano da rede que permanece em construção.

Cabe lembrar que a maior parte dos Agentes do Conhecimento Tradicional da Rede Fitovida são mulheres, assim como o pioneirismo no trabalho com Plantas Medicinais do Colégio Santa Catarina, também pertence a elas. Esses trabalhos que permanecem ativos com a predominância do universo feminino, não deveriam ser invisibilizados, mais sim, destacados mediante as práticas e saberes que estas mantêm e por serem detentoras e protagonistas destes conhecimentos.

### 3.4 Trilha do Arboreto

Outra importante referência sobre as Plantas Medicinais na cidade de Petrópolis é a Trilha do Arboreto<sup>16</sup>, uma trilha urbana de 808 metros, com um acervo vivo de mais de 440 espécies de plantas identificadas, a maioria delas de uso medicinal, ([https://forumitaborai.fiocruz.br/trilha\\_do\\_arboreto](https://forumitaborai.fiocruz.br/trilha_do_arboreto), 2022). Fica situada no Palácio Itaboraí, sede da Fiocruz em Petrópolis-RJ. Esta trilha tem, como objetivo principal, ajudar a sociedade a compreender as diferenças e características de diversas espécies de plantas, em especial aquelas com o mesmo nome popular. Utilizando uma abordagem socioeducativa-cultural, cada espécie está identificada por meio de placas informativas, onde constam a nomenclatura botânica oficial, nome popular, família, centro de diversidade, uso popular e o status de cada planta, isto é, se ela é medicinal, tóxica, aromática, nutritiva, espiritual e/ou ornamental.

A criação da “Trilha do Arboreto do Palácio Itaboraí” nasceu da ideia de se introduzir algumas plantas nos jardins do Palácio Itaboraí para a inauguração do Fórum Itaboraí. No inventário inicial, foram catalogadas 120 espécies da flora e 36 espécies da fauna, e ao longo de 2012 foram introduzidas novas espécies de plantas medicinais de interesse aos projetos ligados ao Sistema Único de Saúde/SUS. ([www.gov.br/pt-br/servicos/visitar-o-palacio-itaborai](http://www.gov.br/pt-br/servicos/visitar-o-palacio-itaborai). Acesso em 01/08/2022).

---

16 Anexo 1: Folder Mapa e Plantas da Trilha

A Trilha do Arboreto é formada por uma exposição viva e permanente da biodiversidade vegetal, que contribui para que seus visitantes possam conhecer a diversidade de plantas medicinais, suas utilidades e diferenciá-las. Dentre as diferentes espécies de plantas medicinais, algumas recebem nomes populares diversos, enquanto algumas espécies diferentes às vezes recebem a mesma denominação em diferentes regiões. Exemplos disso são os boldos, espinheiras-santas, mentas, guacos, ervas cidreiras, alecrins e arnicas, apresentados nas figuras de 17 a 20. Daí a importância do diálogo entre saberes popular e científico.



**Figura 17** - Trilha do Arboreto.

Fonte: da autora (2022)



**Figura 18** – Continuidade da trilha.

Fonte: da autora (2020)



**Figura 19** - Placa de identificação 'hortelã'.

Fonte: da autora (2020)



**Figura 20** - Placa de identificação 'poejo'.

Fonte: da autora (2020)

Por estas imagens observamos um trecho da trilha e podemos constatar o procedimento pedagógico que foi adotado em todo percurso da trilha.

O caráter sócio-educativo-cultural fica ainda mais evidente quando aplicado às plantas medicinais. Nesse contexto, além das informações básicas de identificação, algumas orientações específicas também são fornecidas para que o medicamento fitoterápico seja utilizado corretamente em relação ao preparo, posologia e aplicação. ([www.gov.br/pt-br/servicos/visitar-o-palacio-itaborai](http://www.gov.br/pt-br/servicos/visitar-o-palacio-itaborai) Acesso em 01/08/2022).

A Trilha do Arboreto faz parte dos 10 projetos em todo o país que compõem os Arranjos Produtivos Locais (APLs). Os APLs visam a produção de insumos de origem vegetal, considerando a agricultura familiar, o conhecimento tradicional e o científico. O Projeto APL Petrópolis estabeleceu a criação de uma coleção viva de plantas tendo, como uma de suas metas iniciais, um inventário com as plantas já existentes nos jardins do Palácio Itaboraí e a inclusão de outras espécies vegetais, com maior ênfase nas espécies medicinais, principalmente aquelas de uso tradicional, ou seja, com reconhecido uso pela população.

O Projeto APL – Petrópolis tem interesse principal em promover a interação e a cooperação entre os diversos atores da cadeia produtiva de plantas medicinais e fitoterápicos na região, valorizando o conhecimento popular e tradicional local existente,

dando ênfase à agricultura familiar e promovendo a qualificação técnica tanto de produtores quanto de profissionais de saúde que participam da cadeia de produção/uso das plantas medicinais. ([www.gov.br/pt-br/servicos/visitar-o-palacio-itaborai](http://www.gov.br/pt-br/servicos/visitar-o-palacio-itaborai) Acesso em 01/08/2022).

O Fórum Itaboraí segue desenvolvendo o projeto. Para tanto, vem buscando a estruturação, no Palácio Itaboraí, de um Horto Escola, com o objetivo de demonstrar os passos iniciais da cadeia produtiva das plantas medicinais, desde a identificação das espécies até o beneficiamento primário, passando pelo cultivo, coleta de matéria-prima vegetal, seleção, conservação e preservação das sementes, e buscando também contato com indivíduos e comunidades que plantam em quintais ou hortas comunitárias, realizando visitas a esses espaços e mantendo um grupo de *WhatsApp*, do qual sou integrante, onde ocorrem as trocas entre os participantes.

**CAPÍTULO IV**  
**MULHERES PETROPOLITANAS: USO E CULTIVO DE PLANTAS**  
**MEDICINAIS**

*Vozes-Mulheres*

*A voz de minha bisavó  
ecoou criança  
nos porões do navio.  
Ecoou lamentos  
de uma infância perdida.  
A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.  
A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela  
A minha voz ainda  
ecoa versos perplexos  
com rimas de sangue e fome.  
A voz de minha filha  
recolhe todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.  
A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato.  
O ontem – o hoje – o agora.  
Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância  
O eco da vida-liberdade.*

Conceição Evaristo

#### 4.1 Conexões: Mulheres e seus saberes

A minha voz ecoa a voz de mulheres produtoras e detentoras de conhecimentos. Trago para esta Universidade, por meio deste trabalho, e apresento para toda a sociedade, a sabedoria que integra o viver, no corpo imprime marcas e se manifesta propagada em vozes de mulheres.

Sim, estão aqui comigo: Dirces, Zélias, Eunices, Marias, Naires, Sebastianas, Helenas e Veras. Escrevo estes nomes no plural, por se tratar de mulheres múltiplas. Múltiplas em muitos sentidos. Por serem uma e várias ao mesmo tempo. Por carregarem os aprendizados das que lhes antecederam e os que elas mesmas inventaram. Por representarem muitas outras detentoras de saberes, das quais não pude, nesse tempo de pesquisa, ou seja, período de trocas e aprendizados, me aproximar.

Cada mulher participante escolheu, para si, um nome de planta medicinal que melhor lhes descrevia. Esses nomes, junto aos significados colocados pelas mesmas, serão compartilhados na medida em que elas entrarem para compor essa roda de diálogos sobre usos e conhecimentos a respeito de plantas medicinais.

É importante dizer que essas mulheres que entram hoje comigo nesta Universidade, são mulheres que me cercam e que me configuram. Elas fazem parte da convivência do cotidiano, portanto não são objetos, mas sim parte da pesquisa e do nosso modo de viver.

E, por falar em modo de viver, quero saudar a “Escrevivência” que nos permite realizar uma pesquisa-ação escreviente, onde o sentir e o pensar caminham juntos, nos fazendo entender que corpo, memória e coletivo estão interligados. Permite então, que a subjetividade do pesquisador, que não é neutro, não seja sufocada.

Diante da descoberta dessa possibilidade metodológica, me vejo em um espaço fronteiro de elaboração da escrita, atravessado pelo processo de construção do conhecimento.

Como deixar fluir o que nunca me permiti? Como escrever-falar diferente, se sempre tive contato academicamente com a maneira dita “correta” de escrever-falar? E essa maneira, para mim, nunca foi fácil. Seria isto uma desobediência? Afinal, obedecer é o certo. Não é? Carreguei por vezes, muitas dores por não poder falar e em outros momentos por poder e não conseguir falar. Aqui, sinto, e a partir do sentir ousar pensar, e me lanço ao desafio do escrever, produzindo, então, conhecimento. Penso sobre o discurso de autoridade. Quem (acha que) tem autoridade para dizer, e dizer o quê? Às vezes digo que meu corpo está treinado, mas percebo que, ainda que o corpo tenha criado uma casca grossa, por vezes minha alma ainda chora. Cansei de tentar ser quem desejam que eu seja. Mas, ser eu mesma, exige força e muitas vezes dói.

O pessoal é político e o político é pessoal. Foi nessa jornada, dialogando com essas companheiras, que remexi nesse baú. Vi Dona Zélia, no primeiro momento, dizendo que não tinha o que dizer. Inicialmente com vergonha até da própria aparência. Mas, ao final, quando se ouve e se vê na câmera, emociona-se. Segue o registro desse momento marcante.



**Figura 21-** Alegria de se ouvir.

Fonte: da autora (2022)

Vi a Sra. Maria José, quase ao fim da nossa conversa, quando ela já havia percebido, mesmo sem acreditar num primeiro momento o quanto ela tinha de conhecimento e a importância deste, se sentindo importante e valorizada, aproveitando o momento para fazer uma denúncia sobre a educação formal que lhe fora negada. Ao perguntá-la se queria falar algo que não fora indagado, deixando-a bem livre, ela respira bem fundo e diz, em tom de desabafo:

Quero, quero sim! O que eu lamento muito é que meu pai nunca me botou num colégio. Já minhas outras irmãs, ele foi obrigado a colocar, né! Por que achava que filha mulher não precisava de aprender. Tinha aquela coisa... Aquela coisa que, ihhhh! Quando eu alembro. Eu fico... Peço perdão a Deus, mas eu fico revoltada. (Maria José, 2022).

Minha interação, neste momento, foi de reconhecimento da sua sabedoria e agradecimento pela aula ministrada naquela tarde para mim, mostrando que o fato de não ter frequentado a escola não impediu que ela pudesse nos ensinar coisas tão ricas e importantes.

Foi dialogando com elas que me lembrei da apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso da graduação em Serviço Social, em que me desafiei e aproveitei parte dos minutos da defesa para falar do atravessamento da pesquisa em mim. Nesta, uma das professoras que compunha a banca, faz um elogio e pergunta: Por que isso que você disse não foi colocado no texto? Naquele momento, pensei (mas não ousei falar): ‘nem sabia que podia’. Sinceramente, achei que não cabia. Afinal, o que pensariam se aparecesse no texto eu falando de mim mesma? Já que a recomendação ouvida em todo o percurso era escrever sempre em terceira pessoa.

Só faz sentido o que passa pelo corpo. Tenho dificuldades de viver a realidade agindo como se brincasse de faz de conta. Te convido para um brincar mais seriamente. Vem! Entre na roda com a gente!

## 4.2 Caminhando com elas...

Foi caminhando na cidade de Petrópolis-RJ que encontrei mulheres que estavam na estrada a mais tempo do que eu. Então aproveitei para me juntar e seguir com elas. Neste percurso tenho feito várias descobertas. Venho vencendo medos, procurando me empoderar da minha própria história e buscando romper com o colonialismo<sup>17</sup>. Então decidi e convidei algumas dessas mulheres para juntas construirmos uma ciranda.

A ciranda é uma brincadeira de roda, onde não existe lugar de hierarquia ou poder. A roda envolve a expressão oral, a arte do ouvir. Nela existe uma conexão rítmica que se dá para além das mãos que se unem. É possível sentir o pulsar que atravessam os corpos, ali envolvidos.

Abro a roda de conversas com minha mãe, Dirce dos Santos Cruz Azevedo, 60 anos, em uma manhã ensolarada, 19 de março de 2022. Ela, um tanto ansiosa, denominou-se Rosa.

– E Rosa por que? Perguntei eu.

– Rosa, porque eu particularmente gosto muito de rosa. E diz que tem uma rosa hoje que é comestível. E eu gosto muito desse nome, Rosa. Descobri a pouco tempo que a rosa branca ajuda a resolver problemas no útero.

Ao dialogar sobre sua história, Rosa começa dizendo o seguinte:

– Sou da roça, lá do interior. Eu nasci em Paraíba do Sul - RJ. No bairro de Sebollas, e o lugar que eu morava chamava-se Retiro. Eu saí da roça com 13 anos de idade pra trabalhar. Nós éramos 10 irmãos. Então, eu tive que sair cedo pra trabalhar, para estar ajudando meus pais. E vim pra cidade de Petrópolis e aqui eu estou até hoje.

Que emocionante! Rosa, se sentindo mais à vontade e envolvida pelo pulsar da roda, com muito entusiasmo, ao perceber que sua história é sim importante, e representa algo de muito valor. Se posiciona como uma artista e cheia de orgulho, olha com um sorriso, para meu pai, que curioso, por algumas vezes passa pelo ambiente. Como se dissesse: Viu! Eu estou aqui! Querem saber da minha história. E assim, passa a narrar como e com quem aprendeu sobre plantas medicinais.

– Lá no interior eu aprendi muitas coisas sobre plantas medicinais. **Aprendi com minha mãe.** Por que lá na roça era assim, às vezes, a gente passava mal ou sentia alguma coisa. Tinha que fazer o chá pra gente tomar. Eu fazia pra mim mesma ou para os meus irmãos.

– Eu fui vendo ela fazer. Via ela pegar as ervas, né! Tem muitas que eu conheço por causa disso. Aí ela pegava e fazia aquele chá, aquele xarope e nós tomava e era bom. E eu aprendi e faço até hoje. Disse a Senhora Pitanga.

---

17 “A máscara, portanto, suscita muitas questões: por que a boca do sujeito negro deve ser presa? Por que ela ou ele deve ser silenciado? O que poderia dizer o sujeito negro se sua boca não fosse selada? E o que o sujeito branco deveria ouvir? Há um medo apreensivo de que, se o sujeito colonial falar, o colonizador terá que escutar. Ele/ela seria forçado a um confronto desconfortável com as verdades dos “Outros”. Verdades que foram negadas, reprimidas e mantidas em silêncio, como segredos. Eu gosto dessa frase “quieto na medida em que é forçado a”. Essa é uma expressão das pessoas da Diáspora africana que anuncia como alguém está prestes a revelar o que se supõe ser um segredo. Segredos como a escravidão. Segredos como o colonialismo. Segredos como o racismo”. (KILOMBA, 2012, p. 20 apud RIBEIRO, 2017, p. 44)

Pitanga foi o nome escolhido por Nair Fernandes dos Santos, 60 anos, que timidamente chegou para compor nossa roda.

– E por que Pitanga, Nair?

– Pitanga é bom pra baixar a febre. Eu sempre coloco no xarope que faço para gripe.

A figura materna, ou da que exerce a maternagem está presente e sempre potente no processo de ensino-aprendizagem sobre o uso das plantas medicinais. Isto aparece em todos os diálogos realizados, bem como na minha própria história. Foi com minha mãe que aprendi, mesmo sem ela saber que me ensinou, a olhar para uma ‘pequena’ (no sentido que meus olhos podem contemplar) porção de terra e ver nela as suas grandezas.

Retomando Conceição Evaristo, penso: a geração de minha avó imprimiu em suas filhas a prática do cuidado utilizando recursos naturais, plantado em seus quintais. A geração da minha mãe deixou esse saber transbordar e assim nos alcançou. E agora? Como farei para multiplicá-lo? Fazer com que minha posteridade conheça e acredite no poder que vem da natureza e do que ela produz. Como posso eu, dar sequência e transmitir esses ensinamentos?

E assim segue Rosa a nos contar:

– Era assim... primeiro nós usávamos as ervas. Porque médico era longe, só na cidade e a gente morava na roça. Então primeiro nosso socorro eram as ervas, naquele tempo. A gente tinha tudo lá. O chá... Era o alimento pra gente comer... Era tudo plantado lá mesmo na roça. Era uma maravilha! Disso eu me lembro até hoje.

Aqui, Rosa deixa claro que tudo vinha da natureza. O processo de tratamento de doenças e do cuidado com a saúde em geral, que perpassa pela atenção a alimentação. Tudo era natural, não havendo patente sobre o conhecimento. Não existia uma lógica capitalista a reger e determinar o quê e quem poderia comprar e assim viver ou morrer. E assim complementa Pitanga.

–Primeiro a mãe fazia um chá. Se não melhorasse, aí procurava atendimento médico. Mas geralmente sempre melhorava, sabe!? Ela fazia esses chás, nós tomávamos e melhorava. E era bem melhor que remédio de farmácia.

O processo de cuidado da saúde não está impresso apenas nas ervas que eram utilizadas em virtude de sintomas de doenças, mas também na segurança e garantia da alimentação nutritiva e sem veneno. Assim nos mostra Rosa:

– E era muito bom viver na roça... Nós plantávamos de um tudo na roça. Até mesmo que eu me lembro, da nossa alimentação. Era tudo pegado de manhã, para comer na hora do almoço. Tinha todas as verduras, todos os legumes e assim também os chás. Era hortelã, macaé, poejo, que eu me lembro. Tinha outros mais... mas agora eu já estou a tanto tempo na cidade. A gente, às vezes, até esquece dos outros mais que tinha também.

E aqui retorno a minha indagação. Como dar sequência a esse modo simples e rico de viver? Me parece que o viver na cidade traz “modernidade” e, com esta, um apagamento das práticas de cuidado, tidas como importantes e valiosas, porém distantes e não mais reproduzidas na mesma proporção que viveram na roça.

– De vez em quando, eu ainda uso aquilo que eu aprendi da minha mãe. Mas aqui na cidade... o que que eu posso dizer hoje... é muita correria. Desde quando eu vim pra cidade eu sempre trabalhei. Então, o que que acontece é que a gente prefere comprar o remédio, porque a gente levanta muito cedo pra trabalhar. Às vezes, já não tem aquele tempo de fazer aquele chá com mais calma. Mas, o chá é muito bom. Eu até tenho aqui em minha casa algumas coisas plantadas, porque eu sei que é bom!

Sobre a manutenção das práticas de cuidado e o viver na cidade, continua Rosa:

– Aqui na cidade tudo era e é muito corrido, como eu já falei. Eu preferia comprar os remédios na farmácia pra dar a meus filhos. Mas tinha muitas senhoras que me falavam: esse chá tal é bom. E eu pegava. Já cheguei a pegar aqui com minhas vizinhas, alguns chás que eu conhecia. Cheguei a dar a meus filhos aqui na cidade sim.

Esse apagamento narrado por Rosa, que nos parece surgir pela vida da cidade, seria uma imposição de outro modo de viver? Quantas coisas nos são impostas de maneira tão sutil, que depois nós mesmos não sabemos explicar como e quando se deu e por que razão ocorre agora dessa forma. E acaba parecendo algo tão natural, que reproduzimos mesmo sem pensar. Por isso falo em resistir e re-existir.

Para animar a roda vem chegando uma capixaba, nascida em São João do Príncipe - ES. Criada em Minas Gerais, a dona Zélia Monteiro de Castro Silva, 70 anos.

- E aí Dona Zélia, se tivéssemos que trocar o nome da senhora por uma planta medicinal, qual seria e porquê?

Ela responde com firmeza e rapidez.

– Ora-pro-nóbis, por que é bom, porque é forte.

– Senhora Ora-pro-nóbis, a palavra agora é sua. Conte-nos um pouco de sua história, do lugar que você nasceu e de sua infância.

– Eu trabalhava muito na roça e, com sete anos, já pegava um pedaço da carreira do meu pai. E trabalhava muito, heim! E ai de mim, que deixasse um matinho sem cortar... Meu pai me dava era uma cabada de enxada lá pela roça. Meu Deus!!! Só a graça na minha vida, tá! Eram 10 irmãos, fora os que eu não conheci. Porque a minha mãe tirava muito filho. Uns nascia de tempo, 9 meses, outros ela tirava, porque se não, ela teria uns 20 filhos. Agora os que nasceu de tempo eu me lembro.

– Ora-pro-nóbis, quando a senhora veio pra Petrópolis?

– Era uma luta só... Meu pai saiu de Espírito Santo, foi morar em Caparaó - MG, onde fui registrada. Minha certidão é de lá. Aí depois saímos e fomos pra outro canto. Andando para lá e pra cá com o meu pai. Quando eu tinha 12 anos, minha irmã Neusa foi me buscar e me trouxe pra Petrópolis. Quando eu tinha 18 anos saí da companhia da minha irmã e do meu cunhado e fui trabalhar de empregada na casa dos patrões. Ali eu trabalhei de babá. Aí graças a Deus fiquei trabalhando. E com 22 anos conheci o pai dos meus filhos. Sou realista, não realmente casei, fui morar com ele, sem casar. Morei 14 anos, depois a gente casou, né. Tive três filhos, dois casaram e o mais velho tá aqui comigo ainda. E a gente tá vivendo pela graça de Deus, até hoje.

– Atualmente, a senhora usa plantas medicinais?

– Principalmente a tanchagem. Não fico sem tanchagem. Esses dias eu estava com uma queimação na urina. Falei: Evandro meu filho, pega lá um ramo de tanchagem pra mim, pra eu fazer um chá. Aquilo dava até vontade de comer, como salada, de tão verdinha que estava. Aí, não sei se alguém faz chá como eu. Eu lavo o ramo bem lavadinho. Depois boto de molho, com um pouquinho de cloro e coloco na água do filtro. Deixo lá um pouco. Depois eu ponho a água pra ferver e torno a lavar de novo, para tirar aquele excesso das gotas de cloro. Coloco a água fervendo em uma caneca e coloco o ramo dentro e deixo. Aquilo, esfria lá. Tem pessoas que cozinham o ramo. Eu tomei o chá da tanchagem. Que benção! A tanchagem é um antibiótico.

E segue com grande empolgação a dizer sobre as plantas que mais utiliza...

– O que eu mais uso nos dias de hoje é tanchagem... Mais é tanchagem e ora-pro-nóbis. O ora-pro-nóbis é muito bom. Meu Deus, é muito bom! Hoje eu não fui na feira comprar porque estava esperando vocês. Ora-pro-nóbis serve pra muita coisa, ué... Ele trabalha nos ossos, ele trabalha no sangue. É uma benção o ora-pro-nóbis. Muito bom mesmo. Esses dias eu catei as últimas folhinhas, aí no meu quintal. Tinha um ovo. Bati no meio do ovo e mandei pra dentro, entendeu!?! Muito bom. Muito bom mesmo!

– O que a senhora pode nos ensinar a respeito das ervas que já usou ou conhece?

– Broto de goiaba é pra quando está muito desandado. Pega o broto de goiaba, faz o mesmo esquema que eu falei. Lava, bota na água fervendo. É uma benção também... Pra gripe, assim, tem que botar muito ramo no meio. É o guapo, amentruche (mastruz), por exemplo, folha de laranja e folha de limão. Muita coisa que tem que botar no xarope para melhorar resfriado. Febre! Pega a pitanga, faz o chazinho igual eu falei da tanchagem. Nesse caso, já tem que botar um comprimidinho no meio. Um cibalena, uma coisa qualquer, no chá da pitanga. Vira pra dentro. Se tiver com febre a febre já acalma, entendeu!?

– E com quem a senhora aprendeu?

– Ahhh, com minha mãe né, Michele. Ela ensinava a gente e a gente aprendeu. A quem diga que remédio de farmácia não é bom... Costuma ser, mas o do mato é melhor. Minha mãe fazia pra gente chá de macaé para tratar a dor de barriga. Fazia careta pra tomar, mas era uma benção, melhorava na hora. Socava num paninho e depois coava. Fazia aquele sumo verdinho e a gente tomava. Certa vez me deu uma tosse. Aí minha mãe pegou esse amentruche (mastruz), que tem nos quintais por aí, cozinhou o raminho dele e fez aquele chá. Parecia que eu ia tomar o chá. Mas não tomei o chá. Botou numa leiteira, pegou meio copo de leite, uma gema de ovo e fez gemada. Não sei se vocês já ouviram falar em gemada. Foi mexendo, foi mexendo ali... Mas aquilo foi uma benção pra minha tosse. Amentruche (mastruz), com um pouquinho de leite e com uma geminha de ovo. É minha filha... Foi uma benção na época. E é isso... esse cardo-do-santo por exemplo, era muito usado também. Muito bom para negócio de gripe. Minha mãe botava uns outros ramos no meio pra curar a gripe. Inclusive, a Bela, faz até hoje, um xarope que bota uns ramos e fica muito bom. (Bela é uma de suas vizinhas.)

– Existia algum tratamento para piolho, quando a senhora era criança?

– Piolho... Ah minha mãe, meu Deus... A gente tinha plantação de fumo. Ela pegava a folha do fumo, fervia aquilo e tacava na cabeça da gente pra matar piolho. Tinha muito piolho.

– E dava certo?

– Morria tudo. Minha mãe depois só vinha tirando. A folha do fumo cozida. Aquela água da folha do fumo, tacava em nós. Dava certo pra matar as piolhada.

– Na criação dos seus filhos a senhora utilizou esses ensinamentos de sua mãe sobre as plantas medicinais?

– Meus filhos foram criados com bastante ramo. Sempre que tinha oportunidade dava bastante remedinho. Um exemplo, chazinho de poejo com umas três gotinhas de banha de galinha. Dava chá de poejo com guapo e folhas de limão. Cozinhava tudo junto, e depois colocava umas gotinhas de banha de galinha, expectorava o peito. Que as vezes tinha muito catarro o peito.

– A senhora conhece alguma história de cura com utilização de plantas medicinais?

– Aquele caso que eu conto, não é história. Aquilo é verdade. O rapaz estava pra morrer. É sério, tá! Lá pro lado da minha terra. Ele amava a família, então falou: Eu não quero morrer perto da minha família, vou morrer longe... Aí entrou pra dentro de uma mata. Não dizem se ele levou colchão e coberta. Mas, com certeza, deve ter levado. Aí quando ele chegou dentro da mata ele encontrou uma pedra que era igual um túnel. Ele falou: Oh meu Deus, aqui que eu vou ficar... Nessas alturas, deve ter estendido a cobertinha e o colchãozinho dele lá... Era noite e ele não viu nada. Quando foi no outro dia ele falou: Vou ver o que tem aqui onde estou. E tinha muito agrião, em cima da pedra que ele dormiu aquela noite. Ele falou: Opa meu Deus! Eu vou passar a puro agrião aqui. Pegou e ficou comendo agrião. Muito, muito, muito mesmo! Ele estava com problema sério no pulmão. O médico falou: Tem que operar. Ele falou: Eu não vou operar, não. Se operar vou morrer na mesa. Então vou morrer longe da minha família. Aí comeu, comeu... Quando ele sentiu que estava bem. Disse: Vou pra casa. Vou ver se a minha família está no mesmo lugar que eu deixei. Chegando lá, a família estava no mesmo lugar. Assustaram de vê-lo. Ele estava corado, estava bem mesmo. Tinha ficado curado com o agrião que comeu lá na mata. Sério mesmo! Aconteceu lá na minha terra. Espírito Santo, entendeu!?! Outra coisa boa pro pulmão também, tá! O agrião.

– Que interessante!!!

– E tem uma outra situação. Essa foi com meu filho Edmar. O meu filho morava no hospital. Ele ficava quase quinze dias no hospital e um comigo. Aí eu falei: meu Deus... O médico não explicava nada sobre meu filho. Então, falei com o pai dele: Hoje eu vou dormir no hospital, pra saber o que que meu filho tem. O tempo virava, ele virava junto. Tinha problema de bronquite asmático. Fui pro hospital no último ônibus... Na hora que o médico passou na portaria do hospital, eu cochilei e não vi o médico, mas eles me autorizaram subir no quarto andar do Hospital Santa Tereza. – Sou mãe do Edmar, vim aqui para saber o que que meu filho tem. Não para dentro da minha casa. Só vive aqui dentro do hospital... Aí ele falou: Dona Zélia, o problema do Edmar é bronquite asmático. O tempo vira, ele vira junto, então, é onde ele vem pra cá. A senhora fica com ele num lugar mais quentinho e vai ver o quanto ele vai melhorar.

Oro-pro-nóbis continua:

–Mas aí eu tinha uma prima que fazia remédio pra bronquite. Esse aí, eu não sei o que ela botava no remédio. É um monte de coisa que ela botava, mas ela não falava. Três vidrinho pequenininho. Meu filho tomou e graças a Deus está aí até hoje. Era remédio caseiro. Eu sei que nesse remédio... A única coisa que eu sei explicar é que tinha formiga. A única coisa que eu sei falar que tinha. Ela mandava meu primo, esposo dela ir cedinho catar as formigas. Ele saía cedinho de casa.

– A senhora tem saudades do modo de viver da roça?

– Tenho, porque agora não tem mais aquilo que eu comia antes. Tudo é cheio de química. Eu sinto saudade... por exemplo, esses dias eu fui pra minha terra e estava comendo coisas fresquinha lá. Ainda tem colheita lá. Estão tirando coisa fresquinha da terra hoje. Lá na minha terrinha... Na época da colheita a gente vivia muito bem. Na época da colheita tinha muita coisa. Feijão, arroz, milho que a gente levava no moinho, lá do vizinho. Aí moía e fazia o fubá. Era muito bom! Nós engordávamos muito porco. Comíamos muito bem na época. Tinha época da colheita, porque a colheita é de ano em ano, que a gente colhe, né. No nosso quintal, a gente tinha horta de couve, cebolinha... tinha tudo que se deve ter numa horta, a gente tinha. Tínhamos três galinheiros de galinha. Então, separava as galinhas mais velhona, as mais novinhas das outras. Tinha muita fartura.

– E as plantas medicinais, onde vocês pegavam quando precisavam?

–Tinha plantas medicinais plantadas também. Tinha... Não sei nem se vocês conhecem... Tinham o cardo santo, que era muito bom também o remédio. Tinha macaé, tinha muita coisa. Tinha tudo! Tinha funcho, tinha muita planta de remédio e árvore de frutas também. Tinha jaboticaba, goiaba, pêssego, tinha ameixa. Tinha todas as frutas no nosso quintal, lá. A gente já morava a muito tempo, aí já era nosso.

– Ora-pro-nóbis, a senhora ensina tudo isso que sabe para as pessoas?

–É por que muitas das vezes as pessoas não praticam querer saber, né. É logo farmácia, farmácia, farmácia... mas realmente se alguém me perguntar: Ah Zélia, um ramo aí pra qualquer coisa... Eu já ensino o que eu estou sabendo. Eu ensino pra pessoa. Mas muitas das vezes as pessoas encafifam com remédio de farmácia e nem se importam com remédio do mato. E é melhor o remédio do mato, é melhor. Entendeu?!

As relações interpessoais eram fortalecidas. Me parece que as trocas existentes, funcionavam mais como um (com)partilhar do que uma questão de posse e poder sobre ter ou não um alimento ou uma planta que pudesse solucionar um problema de saúde.

Até aqui, sinto-me cheia de esperança, alimentada pela vibração da roda, recebida nas trocas com Rosa, Pitanga e Ora-pro-nóbis. Elas estavam em espaços físicos diferentes, mas a sintonia era a mesma. Ao conversarmos sobre as plantas medicinais e uma possível relação com o divino, elas respondem da seguinte forma:

Ora-pro-nóbis: – Em primeiro lugar eu apresento a Deus. Por que com certeza, sem Ele o remédio não vai melhorar nada. Nem ramo, nem remédio de farmácia, primeiro é Ele. Eu falo com Deus primeiro, apresento pra Deus e falo: Meu pai, está nas tuas mãos esse remédio.

Pitanga: – Naquela época levava para rezar, tinha rezadeira. Hoje não tem mais a rezadeira. Eu apresento a Deus e peço que, se for da vontade dele, vai ser curado, através daquele remédio. Mas se for pro médico, tudo bem. O médico está preparado pra aplicar o remédio certo, né. A sabedoria do médico também vem de Deus.

Rosa: – Lá na roça, no interior, era assim. Tinha rezadeira. Eu, por exemplo, levava meus irmãos sempre para benzer. Era rezadeira que diziam lá. Mas depois com o passar do tempo eu vim pra cidade... E hoje no meu entendimento, assim... Eu faço o chá também, e tomo. Mas primeiro eu falo com Deus: Senhor, eu vou tomar esse chá aqui, mas que o Senhor possa abençoar o chá que eu estou tomando. Hoje que eu tive mais entendimento, eu procuro ler mais. Falar com o meu Deus, porque eu sei que Ele tudo pode. É isso. Eu faço meu chá sim, mas primeiro eu apresento para Deus, porque ele pode todas as coisas.

Ouvindo essas mulheres, remexo no fundo do baú, onde estão algumas de minhas memórias e sigo na roda tentando fazer esse resgate na minha própria história.

Lembro quando criança, da rezadeira que minha mãe nos levava, Dona Maria Rezadeira, uma senhora bem idosa que morara em uma casa bem simples com quintal de chão batido atrás da minha casa, me parece que na comunidade só existia ela. Essa foi a única rezadeira que conheci. Todas as participantes da roda mencionaram ter tido, em algum momento da vida, contato com rezadeira. Esta prática envolve o elemento da fé, ou seja, acreditar/crer em algo que não se pode ver. Aguçada pela curiosidade, fui então perguntado por essa prática nos dias atuais e do conhecimento da existência de rezadeiras. Apenas uma das participantes, que nasceu e ainda reside em uma comunidade rural, nos contou que lá ainda tem uma rezadeira. E para nos contar um pouco dessa prática, convido então, Vera Regina Rodrigues Gonçalves Azevedo, 63 anos, para se chegar.

– Ao entrar na roda, pedimos que se apresente.

– Eu nasci no Caxambu e vim para cá (Bonfim) com dois anos. Caxambu é considerado uma área rural, como aqui no Bonfim também. Meu pai comprou aqui, então toda a família veio junto.

– Como podemos chamá-la, e porquê?

– Camomila, porque é calmante.

– Então, senhora Camomila, seguindo o rumo da prosa, como era essa questão da rezadeira por aqui?

– A minha tia, irmã da minha mãe, rezava de vento virado, quebrante, olhado... e também tinha uma senhora aqui, que rezava também. Sabe!? Ela rezava, mas rezava diferente. Eu rezei muitas vezes nela. Eu acredito até hoje em rezadeira. Eu acredito e falo com minha filha. O menino tá lá, e às vezes não quer dormir. Aí tem uma rezadeira aqui, porque a minha tia não reza mais. E tem uma que já morreu. Mas ainda tem uma aqui que reza. Ela reza isso tudo. Aí, quando o menino fica ruim lá, minha filha fala: Mãe, o Miguel não quer dormir. Acorda chorando assustado. Aí eu peço uma fotozinha dele, o que vale é a intenção. Então passo a fotozinha e o nome dele e ela reza, vento virado, quebrante, olhado. Porque criança pega.

–Então aqui ainda tem uma rezadeira?

–Aqui ainda tem. E só tem uma que eu conheço. Fora daqui, não conheço. Uma vez me deu uma dor de dente que nada passava. Mas nada fazia passar a minha dor de dente. Chorava, mas chorava... de tanta dor de dente. Aí meu pai falou: O quê? Eu vou lá e vou mandar rezar! Meu pai foi lá e mandou ela rezar. Quando meu pai chegou, meu dente já tinha passado. Eu acredito em rezadeira!

–É interessante saber que aqui ainda tem rezadeira. Estou conversando com algumas mulheres, mas elas não conhecem mulheres que mantenham nos dias atuais essa prática.

–Não! Aqui tem. É a Isa. Ela mora lá do outro lado. E a que eu rezava, que já se foi há muitos anos, era Dona Conceição. Ela rezava de tudo. E eu, muitas vezes, fui nela rezar. E minhas duas tias rezava, vento virado, quebrante, olhado, fogo bravo, que falam. Tudo elas rezavam.

– Além dessa prática de fé, por meio da rezadeira, como foi a criação de vocês, e a vida aqui na roça?

– Aqui a gente ajudava e trabalhava com meu pai. Eu sempre trabalhei com ele até casar. Estudei só até a quarta série também.

– Como era o trabalho aqui na roça?

–Meu pai plantava flores naquele tempo. Fazia feira em Petrópolis mesmo, fez muita feira. Depois ele passou a plantar verdura. Aí fazia a feira lá em Caxias – RJ.

– A plantação de vocês sempre foi de verduras?

– Do meu pai, foi. Depois eu casei e continuei com verduras.

– E as outras coisas para vocês comerem e se alimentar?

– Meu pai plantava abóbora, aipim, que é mandioca, né. Nabo, cenoura, muita coisa assim, porque ele plantava para comer, né.

Como foi sua criação e de seus irmãos, em termos de alimentação. Tudo era plantado e colhido aqui mesmo?

– Nem tudo era daqui. No mercado nós comprávamos feijão, arroz, trigo... muita coisa era comprado fora, batata inglesa.

– E os vizinhos aqui da região, plantavam? Como era? Por ser uma área rural. Hoje a gente vem aqui e vê que a maioria planta hortaliças. Sempre foi assim? Ou em outros tempos se plantava coisas diferentes?

– Aqui é assim... Sempre foi dividido. Uns plantavam e até hoje plantam a verdura. Aqui eles plantam mais verduras do que legumes. Por que legume aqui, são poucos que plantam. Se você for procurar um legume aqui, você não acha. Se você quiser uma abóbora para comprar aqui, não tem. Tudo comprado fora. Verdura e flor que eles plantavam. Aqui é dividido, até hoje é dividido, flor e verdura.

– Quando vocês tinham algum problema de saúde, como que era tratado?

– Ah, era muita coisa que tinha naquele tempo. Naquele tempo já acreditava no chá. Fazíamos chá. Se ficasse ruim da barriga, era marcelinha. Fazia chá de broto de goiaba, que também era bom pra barriga. Aquela malva também.

– Malva serve pra quê?

– Também era bom pra barriga. Hoje não se vê nem a marcelinha. E para tosse, tem o guapo, chá de laranja da terra. Tudo é bom para resfriado. Pitanga!

– A senhora usou essas plantas para cuidar do seus filhos quando eles eram pequenos?

– Ah fazia, né. Quando eles ficavam assim ruim da barriga, eu fazia. Dor de ouvido mesmo... aquela flor da abóbora também, para dor de ouvido. Amassava aquela flor de abóbora e pingava as gotinhas dentro do ouvido. É uma florzinha amarela.

– A senhora está me contando que usou muito esse saber na criação de seus filhos. E com quem que a senhora, aprendeu?

– Ah minha mãe, né! Minha mãe fazia, minha avó... a gente via elas fazerem. Antigamente elas faziam tudo isso em casa.

– E o que a senhora aprendeu e usou a senhora conseguiu ensinar para seus filhos?

– Eu passei para eles. Por exemplo, a pessoa fica ruim do estômago, aí tu faz um chá de louro ou chá de casca de cebola. Tudo eu falo pra eles. Minha irmã quase morreu. Ela ficou muito ruim. Não sabiam o que ela tinha. Aí minha mãe apelou para o chá, né. Fez o chá da casca da cebola deu a ela e ela conseguiu botar para fora o que estava fazendo mal e ficou boa.

– E hoje a senhora ainda usa essas plantas medicinais quando precisa?

– Ah eu faço. Se eu ficar ruim da garganta eu pego a romã e faço gargarejo. Que a romã é boa pra garganta, né!? Se pegar um resfriado eu tenho ali o guapo... e outros também...

– A senhora consegue me falar tudo que a senhora tem de plantas medicinais, plantado aqui na sua casa?

– Ihhh. Tem muita coisa plantada aí.

Andando pelo entorno da casa, Camomila, nos apresentou as plantas e suas utilidades, conforme ia caminhando...

– Guapo, que serve como expectorante, geralmente usamos no xarope. Terramicina, que passamos no machucado, né! Boldo, que é bom pro estômago. Ele amarga muito, mas resolve. Tanchagem, que é bom pra infecção. Rosa branca serve para infecção de útero. Tem um pé de louro ali, serve pra fazer chá para o estômago. Tem capim cidreira... Babosa, que é bom pra passar no cabelo. Lavanda usada para produtos de limpeza. Moranguinho para problemas de urina. Macaé para dor de barriga, amassa bota água e toma. Poejo pra dor de barriga. Romã para dor de garganta. Laranja da terra, usa a folha para fazer xarope pra gripe. Assa peixe serve pra fazer xarope. Marcelinha que não tem, acabou. Pitanga pra febre, dá pra colocar no xarope também. Salsa é bom pra criança acalmar, quando está nascendo os dentes, faz o chá da raiz. Mercúrio pra machucado, Gengibre é bom pra garganta, aqui colocamos na comida. Cúrcuma, anti-inflamatório. Cardo-santo, a vizinha que tem, é bom pra gripe. Goiaba, geralmente usamos o broto. Terramicina serve pra inflamação.

Camomila enriqueceu a roda nos levando a conhecer as variedades de plantas medicinais cultivadas em seu quintal. Quintal este que sempre serviu como fonte de renda para sua família, através do cultivo e venda da produção. Mas, para não pensar que grande quantidade de terras é condição indispensável para o cultivo de plantas e alimentos que nutrem nossa vida, apresento a vocês Eunice Maria de Paula, 79 anos.

### **Diversidade do Cultivo**

De Erva Doce podem me chamar,  
Utilizada na culinária, o sabor é agradável além do ar perfumar.  
Alivia problemas gastrointestinais e de digestão  
A criança e o adulto bebendo o chá, acalmarão!

Não temos um terreno vasto,  
Mas o que tenho dá pro gasto.  
A vocês eu vou mostrar.  
O que em vasos começamos a plantar.

Com meu pai eu aprendi.  
E mesmo sem terras, não desisti.  
A lei não falha, quem planta colhe  
Então, segue a dica, anote!

Quintal com terra não temos,  
Criativos somos e de ideias desfrutemos.  
E aí, como resolver a questão?  
Plantar em vasos, eis a sugestão!

Venham... Venham apreciar!  
A gente não precisa de terreno pra plantar  
Alface, couve, salsa e cebolinha  
É possível se cuidarmos de cada plantinha

Ali em baixo, um pezinho de jabuticaba.  
E também, morango, figo e goiaba.

Acerola, laranja, amora e mamão,  
Tudo, tudo ao alcance da nossa mão.

Não, ainda não acabou...  
Louro, tomate, boldo... O sonho voltou  
Sim, é possível em vasos iniciar.  
Taioba deu tanto, tivemos que compartilhar.

Quem vive semeando sempre aprende.  
Brotam e se renovam como uma semente.  
Tem saúde e sabedoria que nunca se vai.  
Diversidade do cultivo, a esta celebri!

(ERVA DOCE, Diversidade do Cultivo, 2022)

Erva doce nos nutre de esperanças, apresentando alternativas para resgate do plantio em áreas urbanas, mesmo sem ter um terreno é possível plantar. Ela faz a seguinte reflexão: “sua presença aqui está sendo muito importante para me despertar. Relembrar do passado e saber que tenho no quintal de casa, na maioria das vezes, o remédio que preciso” (Eunice, 2022).

É neste ritmo que vem chegando Dona Funcho, trazendo sua contribuição para o nosso diálogo sobre plantas medicinais. Ela trata das relações econômicas, que envolvem o aproveitamento integral da cana-de-açúcar e as relações estabelecidas com a vizinhança.

Antes de seguirmos, cabe aqui a apresentação de Maria Souza Vicente, 85 anos. Nascida em Hermogênio Silva, área rural do Município de Três Rios - RJ. Esta é nossa participante mais idosa, uma vizinha com a qual as trocas de receitas e plantas medicinais tem sido constante nos anos recentes da minha vida.

– Dona Maria, porque Funcho?

– O funcho porque é calmante e eu sou muito agitada.

No fluir da ciranda, vendo uma moita de cana no seu quintal, perguntei, me referindo a época de sua vivência na área rural: Tinha cana?

### **A riqueza do Compartilhar**

Tinha... Tinha cana.  
Moía na engenhoca de braço  
Tinha uma de ferro e também uma de pau.  
A gente moía a cana e pegava o caldo.  
Fazia a rapadura e o açúcar preto.

Sim, com a cana muita coisa se fazia...  
Dela vinha o adoçar da vida  
Tirava a garapa, fazia o café e a rapadura  
A rapadura podia ser de mamão, de amendoim,  
De coco ou sem sabor.

Luz elétrica não tinha  
Então, não podia geladeira se ter  
A gente botava em um lugar fresquinho  
Para o caldo da cana beber.

Vender? Vender, eu não vendia  
Depois de pronto, distribuía  
Naquela época era assim  
Era o troca-troca com os vizinhos  
Eles te davam uma galinha  
Ou até mesmo um porquinho

Era assim...  
Porque todo mundo tinha  
Todos tinham alguma coisa  
Não é como hoje  
Que tudo é no dinheiro.

(FUNCHO, A Riqueza do compartilhar, 2022)

#### 4.2.1 Narrativas: Tanchagem e Loura (com)partilham suas histórias

E a roda vai se ampliando...

– Vem, vem chegando Sebastiana, fique à vontade entre na roda!

Sebastiana Amorim dos Santos, 73 anos, é amiga da minha mãe e minha também. Foi ela quem ensinou muitas coisas a minha mãe. Lembro-me de uma terrível tosse, que quase estourava meu peito. A Tianinha – é assim que a chamamos – disse: Faz um chá de pitanga, morno, quase quente, coloca um melhoral socado dentro de meio copo desse chá e toma, já deitado embaixo da coberta. Minha mãe fez pra mim e a tosse parou instantaneamente.

Como combinado, nessa roda todas escolhem seu nome e ela escolheu para lhe representar a Tanchagem

– E por que Tanchagem? Perguntei eu.

– Porque ela resolve problemas de inflamação. Eu já vi pessoas ficarem curadas depois de terem tomado o chá dela.

– Pois bem, Tanchagem, vou perguntando e a senhora vai falando. É tudo coisa que a senhora sabe. Hoje a senhora vai dar uma aula pra gente. Combinado? Conte-nos um pouco de sua história.

– Nasci lá em Fagundes, Paraíba do Sul – RJ. Fui criada com a minha irmã. Quando eu era pequenina, minha mãe me entregou pra minha irmã me criar. Porque ela era muito doente e falava que não ia ter vida pra me criar. Quando meu pai morreu, minha irmã foi e me assumiu. A nossa criação era muito boa. Minha irmã contava que, quando dava a tardinha, meu pai chamava as galinhas para dar comida. O terreiro ficava cheio, cheinho de galinhas. Porcos! A gente tinha muitos porcos. Não comprávamos nada de comida. Era tudo plantado no quintal. Só comprava mesmo era querosene e sal. O resto era tudo de casa.

– O que tinha plantado lá?

– Tinha milho, arroz, feijão... Inhame, batata doce. Tudo quanto era coisa. Abobrinha verde, essa abóbora madura grandona que as pessoas hoje vendem muito na feira, tinha de tudo. Horta! Tudo que procurava na horta, tinha. Aí... só que o milho era assim, o meu pai pegava o saco de milho e levava pra onde eles moíam no engenho, e já trazia o saco de fubá. Trocava, né.

E sobre sua infância? Perguntei.

– Meu pai pegava um pedaço de terra e dava para meus irmãos. Era para eles fazerem plantação, colher e ter o dinheirinho deles. Então, desde pequeno cada um já tinha seu pedaço pra fazer suas plantações. Era o exemplo que ele dava para os filhos. Então, meus irmãos cresceram tudo assim nesse ritmo. Era uma época muito boa. Tudo que procurava lá tinha. Era um quintal enorme...

Que encontro intenso e potente. Não houve um início ou término formal da conversa. Desde o momento em que nos encontramos, sua fala era quase que ininterrupta, não dependia de perguntas. As intervenções eram só uma forma de participação e confirmação da assimilação do conhecimento que estava sendo transmitido. Uma fala totalmente livre a respeito de seu modo de viver.

– As pessoas não tinham o costume de procurar farmácia. A criança passava mal, já estava tudo ali na mão. No outro dia a criança amanhecia boa. E hoje, tudo é médico. Se falar com eles de coisa caseira, eles não sabem. E se eles não sabem, não querem nem aprender.

– É isso que eu desejo mostrar, o conhecimento e a sabedoria que vocês possuem, e acredito que podemos voltar a utilizar todo esse saber – disse eu.

– Isso! Interessante, Michele, que lá na roça, naquela época, até a criança que caía ralava o joelho, tá pensando que botava mertiolate, água oxigenada? Nada disso, era só água com sal. E com dois, três dias estava sequinho. Só água de sal. Colocava numa caneca. Misturava e passava em cima. Pronto!

– Tanchagem, fale um pouco sobre a alimentação.

– O café da manhã, minha irmã contava que as pessoas pegava o café na lavoura, torrava e socava no pilão. Na hora de torrar colocava na panela para torrar no fogão de lenha e junto botava umas duas canecas de açúcar, quando estava mexendo. Depois colocava na peneira para secar e era só ir socando no pilão. Dava aquele pó gostoso. Aquele pó muidinho, fresquinho! E leite?! Nem leite se comprava. Porque tinha da vaca e a gente tinha três, quatro cabritas, e delas tirava o leite para toda a família. Tudo, tudo de casa! O queijo também era tudo feito em casa, nada era comprado.

Tanchagem traz à lembrança o modo como eles sabiam as horas do dia.

– É interessante que naquela época não tinha relógio. Sabe como a gente via a hora? Era pelo telhado da casa. Quando dava meio dia, ficava assim... A gente marcava direitinho, riscava né! Outra hora a gente fica em pé e via a sombra. Até hoje você vê a sombra quando fica embaixo do pé, é porque é meio dia, certinho. Assim que gente via a hora. E ninguém tinha relógio, não.

– E quando ficava doente ou passava mal, o que era feito?

– Aí a gente fazia o chá caseiro. Já sabia tudo qual era o chá que era bom. Quando as crianças davam negócio de verme, os nossos pais e a nossas mães fazia um purgante, daquele... Você já ouviu falar em mamona? Umas frutinhas... Então, botava no fogo torrava e depois socava. Misturava um pouco de azeite e dava pra as crianças tomarem. Aquele que era o purgante das crianças. Eles falavam que era lombrigueiro. Que era para matar o negócio dos vermes. E as crianças não precisavam de chinelo, nem calçado, nem nada. As crianças dormiam e já amanhecia descalças e ninguém ficava doente.

– E com quem a senhora aprendeu?

– Aprendi com a falecida minha tia. Quando a criança estava com verme, cozinhava santa maria. Dava pra criança. Quando estava assim com dor de barriga era hortelã. Que hortelã serve para várias coisas, né! E quando as crianças ficavam assim com problema de barriga, ficava desarranjado que eles falavam, era broto de goiaba com macaé. Cozinhava, dava a criança, rapidinho melhorava. Então era tudo caseiro. Ninguém ia em farmácia, nada disso.

Quanto conhecimento! E assim fluía nossa troca. Por várias vezes, me permiti chorar. Ali tudo se misturava... pensamentos e sentimentos diante de tanto conhecimento. Era como se estivesse diante de um grande tesouro. Alguns dos muitos pensamentos era: como posso contribuir para espalhar esse conhecimento e mostrar a grande importância que ele tem? Essa pode ser uma forma de construção ou retomada de outros modos de vida; menos dependência do capital; como transmitir esse conhecimento para novas gerações. E cada vez mais me sentia envolvida pela maestria e leveza de sua fala, quase que ininterrupta, a me ensinar.

Segue Tanchagem:

– E era muito bom. Muito bom. Ninguém caçava médico não. E as crianças eram todas cheias de saúde. Quando as mães ficavam grávidas, antes de ganhar o neném, matava aquelas galinhas bem gorda. Assim com bastante gordura, para as mães quando estivessem de resguardo comerem. Era muito bom!

– E por que hoje não fazemos mais essas coisas? O que será que aconteceu? Perguntei.

– É Michele... O que aconteceu? Foi havendo uma mudança, assim... muito grande, né! As crianças... Eu lembro Michele, que uma vez a minha sobrinha estava com muita gripe, muita tosse. Foi uma senhora para casa da minha irmã, pegou o fubá, botou dentro de uma vasilha. Botou para esquentar, fez aquela coisa bem durinha, botou um pano e botou um negócio aqui assim (se referindo ao tórax) e outro nas costas e passou banha de galinha. A pessoa pegava a galinha, tirava a banha e passava bastante aquela banha de galinha aqui no peito e colocava aquele emplasto. No outro dia minha sobrinha amanheceu boa. Só isso que dá para criança, sabe!? Então as crianças melhoravam rápido. Não precisava de ir para o médico, nem nada. Chazinho de poejo... Misturava com aquela banha de galinha, dava para criança e a criança melhorava.

Sra. Tanchagem consegue escrever com dificuldade seu nome e, assim como a senhora Funcho, não teve acesso à educação formal, porém consegue fazer a leitura da realidade brilhantemente. Olha a percepção sobre a forma de cuidado com a saúde, na atualidade.

– Hoje tu vê que a criança adocece, eles correm... Dá um monte de coisa à criança, não melhora nada. A criança fica intoxicada ainda, né!? Michele, era tudo, tudo caseiro. É como eu estou falando contigo... A criança caía, era o sal. Rapidinho a criança já estava boa. Quando a criança ficava desarranjada da barriga, tinha um chá por nome de marcelinha. Esfregava na água. Rapidinho as crianças ficavam boa da barriga. Tudo, tudo coisa caseira, Michele.

Pergunto: – E como a senhora criou as filhas da senhora?

– Aí Michele, já as minhas filhas, eu dava também coisa caseira, porque eu tinha aqueles costumes de dar, mas depois que eles vão crescendo, eles vão pegando outro ritmo. Mas essas ervas, é a melhor coisa, Michele.

Sigo perguntando: – E hoje a senhora tenta manter ainda?

– Michele, hoje eu tento manter. A gente já sabe o chá que é bom, né!? Que nem a tanchagem. A tanchagem é um santo remédio para quando a pessoa dá infecção de

garganta. Cozinha ela junto com aquela penicilina caseira. Cura rapidinho! Não precisa nem de ir em médico. A pessoa toma três, quatro vezes por dia. Não pode tomar uma vez só, não. Aí a pessoa toma esse chá, rapidinho a infecção cura. Porque é anti-biótico caseiro.

– E o que a senhora acha que mudou? Como era antes e como é hoje, no tratamento da saúde? Indaguei.

– Ah, Michele... Eu acho que naquela época era bem melhor. Hoje ainda tem, mas, só que são tudo remédio que a pessoa toma, que faz bem para uma coisa, mas, prejudica outras. Ué... esses tempos atrás mesmo. Eu fui comprar um remédio pra mim, que uma senhora lá na igreja falou que era muito bom. É pra esse negócio... É... Colágeno, que fala, né?! Se eu te falar o preço que eu dei, tu é capaz de não acreditar. Michele foi oitocentos e pouco, um kit. Vem o líquido e um vidro assim de comprimido. Eu sei que vem em três tipos. Três não, vem dois tipos de remédio, o comprimido e o líquido para pessoa tomar, três vezes. Michele eu tomei. Nos primeiros dias, me fez mal, mas um mal... que eu nem consegui repetir. Então, as coisas caseiras fazem um efeito melhor. Quando eu escuto dar no rádio, sobre esse tal de colágeno... Eu não gosto nem de ouvir. Porque eu falo assim: foi isso que me fez mal. Aí você fica com medo de usar.

Segue Tanchagem com muita propriedade nos dizendo...

– Mas, quando a gente vê que tem um problema que precisa de ir no médico, a gente não dispensa também a medicação e os estudos dos médicos por causa disso, não. Sabe, a gente vai.

Disse, eu: – E tudo que a senhora aprendeu com sua tia e com as mulheres daquela época, que eram mais velhas, a senhora tentou ensinar para suas filhas?

– Michele, tentar, eu tentei. Mas só que elas não pegaram porque, no caso, elas seguem o ritmo de hoje. A geração vai chegando e eles vão pegando esse sentido de hoje...

De repente, faz uma pausa e diz:

– Agora Michele, eu vou te ensinar uma coisa muito boa. Quando a pessoa está assim, com as pernas sentindo muito cansaço ou com os pés muito cansado... Eu fiz essa experiência e achei que foi ótima, gente até ensina pra alguém; Pega um balde, só que ninguém usa isso, né!? De preferência um balde, que o balde é mais alto, bota ali um pouco de sal grosso. Que o sal grosso que é bom, né! Põe um pouco de álcool, bota os pés ali dentro. Michele é bom! Você sente aquele cansaço sair... Para dor nas juntas, sabe, é muito bom. Hoje, se tu for falar isso para as pessoas, as pessoas não acreditam nessas coisas. São coisas que as pessoas aprenderam naquela época que é bom. Mas as pessoas não fazem. E é muito bom. Dá um refrigerio nas pernas, nos pés. E poucos acreditam que sal grosso é bom. Antigamente algumas pessoas falavam que o sal era macumba. Que macumba, nada. O sal é alimento, né!? Quanta coisa boa que a pessoa sabe e não pratica.

No mesmo dia, coloquei em prática. Valeu a pena! Aliviou o cansaço das pernas.

– E naquela época, quando a senhora era criança, existia algo além das ervas que se acreditava para curar doenças? Antigamente eu lembro que a minha mãe levava a gente na dona Maria, na Rezadeira...

– Ihhh, naquela época a gente usava muito mesmo. A nossa tia, até hoje eu me lembro disso, ela botava a gente de braços no colo dela. Aí o calcanhar tinha que encontrar com a palma da mão em cruzado. Aí falavam assim: Está com vento virado. Elas pegavam essa vassoura preta e molhava na água. Aí faz assim - se referindo ao sinal

da cruz. Nas costas e nas pernas. A gente ficava curado. Eu não me esqueço uma vez, Michele. Hoje a gente conhece Jesus e sabe que é Deus, o criador de tudo. Foi Deus quem criou as ervas. Mas eu lembro que, quando eu era criança, uma vez a minha tia... Naquele tempo não se usava passar roupa. A roupa era seca no mato, né! E pegou cobreiro na barriga e o cobreiro deixou minha barriga toda cheia de ferida. Aí ela mandou meus irmãos me levar numa mulher que rezava, do outro lado do rio. Lá a mulher me rezou. Até hoje eu lembro. Ela mandava a gente ficar do lado de dentro e ela ficava do lado de fora. Aí, ela batia com machado no chão umas três vezes e perguntava assim: O que que corta? A gente falava... Ela mandava falar: Cobreiro. Michele, em menos de três dias ficou sequinha minha barriga. Era a fé que as pessoas tinham.

– Sim. Acredito também que era fé.

– Era fé que a pessoa tinha. Era Deus que curava a gente através da fé que eles tinham.

– Nesse caso, foi somente isso, ou usou alguma erva também?

– Não foi só isso. Aí, cortou com o negócio do machado e a gente ficava bom. Curado!

– Antigamente, tinha essa relação com a fé, como a senhora está dizendo, que por meio da fé, através da rezadeira, Deus curava.

– Isso mesmo.

– E hoje, a senhora usa todas essas ervas. Como é a relação com a fé para a senhora?

– Hoje eu não vou mais na rezadeira. Mas eu uso com aquela fé que vai curar. Aí resolve.

Ela empolgada, narra várias histórias de cura de amigos e familiares.

– Eu não esqueço uma vez Michele, que a Eliane estava com o Ariel. Ele era bem menorzinho, e estava sem comer nada, com a garganta toda infeccionada. Eu colhi e levei para Eliane fazer, tanchagem com a penicilina. O menino ficou curado, ficou bom. Aí o Iago ficou... Eu dei para o Iago também. E outra... quando a Nicinha tinha um neto, que estava com as pernas cheia de ferida... Cheia de ferida, cheia de machucado. Eu dei para ela erva-de-bicho com carobinha. Falei com ela: chega lá e cozinha erva-de-bicho com a carobinha e dá para ele tomar. Porque a erva-de-bicho é muito boa. Ela deu para o menino, e ele nunca mais deu ferida na perna. Erva-de-bicho é uma beleza para negócio de machucado. Tem gente que fala: erva-de-bicho mata, é veneno. É veneno nada! Teve uma vez, Michele, que o Adilson, marido da Cristina, contou para mim que ele tinha problema de hemorroida, quando pequeno. Ele falou comigo que curou com o chá de erva-de-bicho. Nem foi chá. Foi o supositório, diz que vendia naquela época. Muitas coisas que tinha naquela época, hoje eles não fabricam mais. E ele falou para mim, que lembra que o pai dele comprou na farmácia, esse supositório de erva-de-bicho. E disse que usou e nunca mais teve esse problema de hemorroida. E olha que esse problema de hemorroida, dizem que é terrível. Tem pessoas que dizem que tem até que operar. E ele fala assim: Dona Sebastiana, hoje eu como de tudo e nada me faz mal. Vocês conhecem erva-de-bicho?

– Não! A senhora tem plantado aqui?

– Erva de bicho! Ali tem.

– Depois a senhora mostra pra gente, então.

– Pois é Michele. É uma beleza! E cura mesmo. E as pessoas ainda falam que não acreditam, que as ervas curam. Quando chega a passar na televisão aquelas pessoas mostrando aqueles chás, a gente sabe que é verdade. Foi tudo da nossa época. E tem gente que não acredita. Hoje em dia, muitas pessoas não usam mais fazer isto, né!?

– Então, considerando a fé que a senhora tem. Antes de tomar o chá a senhora fala com Deus e apresenta a Ele?

– Não. Eu vou colher a erva já sabendo. Por que antes da gente ir, Deus já vai mostrando a gente. Aí a gente vai tranquilo. Teve uma vez que Deus me mostrou, no sonho, pra Maria Célia fazer, pra perna dela, penicilina com uma tanchagem. Só que eu ensinei para ela, mas quem diz que Maria Célia fez? Porque muitas coisas que é que antibiótico caseiro é melhor do que o remédio comprado. Só que depende do capricho da gente fazer, né!? Ué Michele! Uma vez, pensei até em ir no médico. Me apareceu um problema de cistite. Você já ouviu falar em cistite, não já? Queima! Parece que a tua urina tá presa, que não sai. Isso foi numa quinta-feira, de quinta para sexta. E eu falei assim: E agora! Até que eu vou no médico, vou ter que fazer um exame, pra ele passar um remédio para mim. Então, lembrei desse chá caseiro, que é bom. Esse chá caseiro tem o carrapichinho, picão e tanchagem. Tudo isso é bom para cistite. Aí eu peguei... também, aquele moranguinho e cozinhei. Esses quatro chás: picão, carrapichinho, tanchagem e aquele moranguinho. Cozinhei tudo e tomei. Quando foi no outro dia, estava curadinha. Não tinha mais nada. Porque vai para o rins, e tudo que tu toma, que vai para o rins quando sai na urina, ela já amanhece boa. Então não precisou nem de eu ir no médico. Aí eu falei assim: Agora eu não vou no médico, não. Eu já estou boa.

Tanchagem segue concentrada nos ensinamentos e nos faz um alerta.

– Mas só tem uma coisa... A gente quando sabe que o chá é bom, mas, vamos supor, às vezes tu come uma carne de porco, uma linguiça... Linguiça, às vezes, contém pimenta, não é!? Às vezes tu come uma mortadela, que tu sabe que não faz bem. Tudo que a gente come, os rins filtram, né? Então, se você sabe que os rins vai filtrar, e vai fazer mal, o que tu faz? Tu vai tomar o chá, mas vai evitar de comer aquilo. É assim que funciona. A gente não come aquilo, evita. Fazendo assim, você pode tomar o chá tranquilo, não precisa nem de ir no médico. Você mesmo já se medicou, tomando o teu chá caseiro. Por isso que é bom conhecermos o chá que faz bem.

– Puxa, estou aprendendo muito hoje aqui.

– Tu não precisa nem de ir no médico. Se tu já sabe o que comeu, que causou aquilo, que faz mal. Você mesmo pode tomar teu chá em casa, sem precisar de ir no médico e até evitar de vir preocupação da mente... E será que eu estou com algum problema? Será que eu estou com alguma coisa? –Você sozinho em casa já resolve teu problema. E sem medo nenhum. Porque no outro dia, você já levanta sem sentir nada. E bastante água, que a água lava os rins e tu já está curada.

Segue mais uma dica. Anota aí...

– Inclusive a gente pode até fazer assim, pegar essas ervas, coloca para secar de preferência no sol ou numa varanda. Lá tu tem tua varanda... colocar para secar dentro de uma coisa que não fica abafado. Quando tiver tudo sequinho, você pode guardar dentro de um pote ou dentro de um lugar que recebe ar. Precisou? Qualquer coisa você já tem o teu remédio em casa. Só pegar um punhadinho e botar para ferver. Ao invés de ir lá naquela casa que vende tudo quanto é chá. Tu já tem ele em casa. Pronto! Tu não precisa nem se preocupar. E serve para você, pra um vizinho que precisar de repente. Ouviu que alguém está passando mal, tu já tem próprio produto em casa.

– Simples assim!

– É simples... Mas simples mesmo. Não precisa gastar dinheiro. Porque qualquer remédio que tu vai na farmácia, tu tem que ter dinheiro. E, às vezes, além de ter que tê, tu nem sabe se vai fazer efeito ou não. Então é bom. Vale a pena a gente ter isso em mente, pra poder lançar mão de repente, porque quando se sabe o que é bom, a pessoa não se preocupa.

– Se a senhora tivesse que deixar um recado sobre esse conhecimento de plantas medicinais para as meninas mais novas, como eu, qual o recado que a senhora deixaria para a nossa geração?

– Ahhh, Michele! O Recado que eu deixaria é: Quanto mais a pessoa puder se aprofundar para esse lado para essa sabedoria, seria bom. É muito bom, sabe!? É como se você passa... você mesmo passa a dominar o teu organismo. Você passa a não carregar mais aquela preocupação. Apareceu qualquer probleminha, você já sabe onde é que vai procurar o socorro. Então isso é muito bom. Você vai procurar, vamos supor, evitar de entrar em várias áreas, em detalhes que vai trazer preocupação. É como se você mesma passa a conhecer teu corpo. Sabe, é muito bom quando a gente pega essa sabedoria e passa a conhecer essas coisas assim. E o melhor ainda, que você já fica sabendo o que te faz mal e se faz mal, tu jamais vai se atropelar comendo aquilo que vai te fazer mal. Aí você mesmo começa se responsabilizar pelo seu organismo, pelo seu corpo.

Assim como no início, este falar que emana sabedoria não nos permitiu ter início, aqui também não temos fim. O caminhar pelo quintal, o andar pelos caminhos que nos leva a sua residência, o despedir-se foi em tom de continuidade. Qualquer erva que fosse vista era um tópico diferente da aula.

– O vick! Tu vê que o vick é uma beleza. Tem o vick em folha, tem o vick em latinha. Teve até um dia que eu fui comprar um vick na farmácia, a mulher ficou assim olhando pra mim. Hoje em dia é difícil vermos alguém chegando e comprando vick. E o vick é bom. Às vezes, a pessoa está com a respiração um pouquinho cansada. Tu pega um pouquinho, passa um pouquinho aqui assim (se referindo a região da garganta), você já sente aquela respiração melhor. São coisas que as pessoas não usam. São coisas que os médicos não usam, não receitam essas coisas. São tudo coisas antigas. A panaceia, também é um ótimo chá.

– A panaceia serve para que?

– A panaceia é um ótimo chá. Serve para urina. Combate a infecção. É muito boa. Só que amarga um pouquinho. Mas é muito boa. Pode cozinhar ela junto com picão, junto com carrapichinho. Tudo isso é ótimo.

– E quando a senhora tem oportunidade, a senhora ensina isso para as pessoas?

– Quando eu tenho, eu ensino. Só que as pessoas hoje em dia quase não usam esses negócios. Acho que eles não conhecem. Essa carobinha também é muito boa. Sabe a carobinha? É ótima!

– A carobinha serve para quê?

– É tudo para o sangue, Michele. Às vezes, aparece assim alguma infecçãozinha, algum machucadinho. Muito bom.

– Agora estou lembrando... Já cheguei a tomar banho de carobinha quando criança. Estávamos cheio de carocinhos no corpo.

Tanchagem e senhora Loura, que vem se aproximando, demoraram-se um pouco mais na roda.

Loura, refere-se ao feminino da palavra louro, assim explicado por Helena Cruz Lima de 71 anos. “O louro é uma palavra masculina, então podem me chamar de Loura. Por que o louro é fantástico, ele ajuda na digestão”.

– Eu nasci no distrito de Paraíba do Sul-RJ em um lugar chamado Retiro.

– Como era a vida na sua infância?

–Minha mãe sempre trabalhou em lavoura. Eu Nasci de 7 meses. Foi difícil para criar, mas graças a Deus, estou aí. Ela capinava muito café. Plantava muito milho e feijão. Eu fui criada no meio da lavoura, no início dentro de uma caixa de sapato. Eu cabia dentro de uma caixa de sapato... Minha tia ficava comigo na sombra para mamãe trabalhar. Foi muito difícil, mas graças a Deus, vencemos! Com a luta toda que minha mãe teve, meu pai também sempre na lavoura, morando no terreno dos outros. Era casa de sítio que a gente morava e tomava conta. Muita lavoura em casa. Ali nasceu eu com essa dificuldade. Depois foi nascer os outros irmãos que, no entanto, chegou a dez. Graças a Deus, todos os dez criado em casa. Saí de casa para trabalhar com onze anos. Estudei até a quinta série, antigamente era quinta série. Quando o rapaz que levava meus livros, falou: Os livros ficaram caros, não vai dar para manter mais. Aí meu pai disse: Agora ela vai trabalhar.

– E aí, como ficou, depois disso?

– Vim para cidade. Foi quando, nunca mais voltei para morar com os pais. Ainda fui ajudar por causa dos outros menores e dali fui vencendo até tocar minha vida também, né. Porque depois que arrumei marido e filhos, passei muito aperto. Ele não tinha juízo, a gente morava num lugar, morava em outro. Até que foi morar de aluguel. Minha filha, cheguei a morar até dentro de quartinho de jogo de bicho, com a minha filha mais velha. Porque não tinha como pagar o aluguel. Eu fui tocando minha vida. Nunca desanimei. Tive quatro filhos e graças a Deus criei todos os quatro com a minha dificuldade. E estou aí, até agora com meu ânimo!

– Como era a alimentação de vocês quando criança, lá na roça?

– Olha! Fora mesmo, nós só comprávamos o fubá. O arroz nós tínhamos colheita de arroz uma vez por ano. Comprava mais um sal, fubá e o macarrão, que o resto era tudo colhido em casa. Quando nós não tínhamos no nosso quintal, tinha no quintal do vizinho. A gente tinha do mesmo jeito, porque eles davam. E nós fomos se virando assim. Era muita coisa de casa mesmo. Criação em casa... minha mãe criava muuito pouco, muuita galinha. Fim do ano tinha era fartura.

– E plantavam o quê?

– Da plantação nós tínhamos tudo de legume. A gente plantava era abóbora, era quiabo, um jiló. Horta! Alface, couve, mostarda. Nós tínhamos tudo isso plantado ao redor de casa. Até o milho e feijão. A gente plantava muito milho e muito feijão. Pegava o milho na época da colheita, trocava por fubá no moinho, lá no interior, na cidade de Sebollas.

– Quando ficava doente lá, como fazia?

– O tratamento era assim: Se fosse caso de internação, o hospital era só Paraíba do Sul ou Três Rios. O mais era farmácia. A farmácia mais perto de lá na época era em Pedro do Rio. Entende? Se fosse o caso de uma injeção. No mais, era muito chá de casa. Muito chá mesmo. Nós tínhamos tudo enquanto era chá. O chá que curava nossas gripes, era uma alfavaca, é um capim cidreira, limão. E hoje! Eu não entendo porque eles não conseguem. Gargarejo... Chá para neném... Muito chá para dor de barriga, era marcelinha. Entende!? Muito chá de hortelã. Até hortelã, com leite para verme, a gente tomava. Tinha uma tal de santa maria. Que era uma coisa fedorenta, que também se tomava para verme, fervido no leite. Tudo resolvia. Era difícil tá nesse negócio... Só mesmo, se acontecer alguma coisa muito grave, do contrário, nós não íamos em farmácia nem em hospital, nem nada. Porque hoje, por um espirro, a pessoa já tá lá na UPA. Não sei o que que eles arrumam... No nosso tempo, nada disto acontecia. Era a coisa mais normal que tinha. Tem muita quantidade chá aí que a pessoa não dá valor e cura. E ele cura! É que eles não têm paciência de querer perder tempo para fazer... para tomar... E a gente ficava bem.

– E tinha essas plantas lá na casa de vocês, plantado?

– Nós tínhamos muita plantação de chá. Tínhamos novalgina. Não sei se tu sabe que nós temos a novalgina. Muito pé de alfavaca, capim cidreira. Limão... isso lá na roça tem até hoje. Pegava para cozinhar, porque era bater e valer! Tinha cardo-santo...

– Serve pra quê o cardo-santo?

– Ele cura até pneumonia. Você faz um café forte, mas forte mesmo. Tem que ser tinta. Coloca no chá de cardo-do-santo e toma para tu ver. Que eu curei a minha filha. Tirei do Hospital Santa Teresa. Assinei lá. O cara falou assim: Assina, mas ela não passa dessa noite. – Levei pra casa. Tinha uma vizinha também que ela usava muito chá em casa para os filhos e ajudava a cuidar dos meus. Pois nós a curamos e hoje ela tá aí. Com três filhas como você viu. Mas também naquela noite eu não dormi. Por que o remédio era dado por hora. Cardo-santo ele cura pneumonia, se vocês querem saber.

– Como eram tratados os recém nascidos?

– Era o elevante, era marcelinha. A gente matava as galinhas e tirava aquelas banhas amarelinha e deixava sempre no vidro limpinho. Ali, servia para pingar no chá, para o neném que tivesse ressecado. Entende!? Era o remédio do neném. A gente tinha uma saúde que graças a Deus. Crescia saudável. Agora vão para hoje... É uma xaropada que eu não sei onde eles arrumam isso. O neném tá sempre... Ah! Que ele não melhorou. Ah! Que ele não melhorou... Mas é que as mães de hoje, não tem mesmo aquela paciência... e nós fomos criados tudo assim.

– E com que que a senhora aprendeu a usar os chá e pra que que servia?

– Com a minha avó, mãe da minha mãe. Que nessa época a gente tinha aquele negócio de rezadeira. Rezava espinhela caída. Tudo com ela. Ela era uma boa parteira. Ninguém lá, saía para ganhar neném em hospital nenhum. Nós somos dez filhos nascidos em casa. Tudo com a minha avó. E ali eu aprendi muita coisa. Tem o caso da picada de cobra, passa um alho em cima, amarra bem, até chegar no local que tem que chegar para tomar uma injeção. E tudo dava certo! Então eu aprendi muita coisa com esses antigos, assim. E tem muita coisa que eu ainda faço se tiver que fazer. Só que os novos hoje, não aceitam, né!? Tudo deles está piorando. Tá piorando, tá piorando! Eles não sabem nem o que é pior. E, não sei... Esse negócio de mãe hoje, tá meio difícil mesmo.

– Sua avó era rezadeira e como ela fazia? Ela indicava o uso das ervas também?

– A reza dela era feita com vassoura preta. Tu conhece a vassoura preta?

– Conheço.

– Tem dor de cabeça que a gente pega tomando sol. Que a gente não deve ficar tomando água gelada embaixo do sol. Isso dá muita dor de cabeça. Nesse caso ela rezava um copo d'água. Quando essa dor de cabeça estava que fosse o sol. A água fervia no copo. De vento virado, também ela rezava. Ela resolvia muito bem. Graças a Deus, era tudo assim com ela.

– E como ela ensinou para senhora?

– Esse tipo de coisa, assim?

– Isso.

– É porque eu via ela fazer e a gente aprendeu muita coisa eu seguia ela. Mesmo com meus filhos pequenininhos, muita coisa eu segui a ela.

– E a senhora, conseguiu ensinar isso para os seus filhos?

– Não. Nem todos. A Fernanda, minha filha mais velha, fazia muita coisa que eu falava. Já os mais novos... Se eu não fizesse. Fazer eles também não faziam. Como até hoje. Gargarejo! Eu ensino gargarejo. ...Ah porque a garganta de fulano tá inflamada. Eu vou ter que levar. – Não precisa gente! Nós temos em casa limão, temos o vinagre. Nós temos a romã, que é espetacular para garganta. Tu conhece a romã, né!? Gargarejo com romã é uma beleza. Não precisa nada disso. Mas tem que seguir ali. Não é fazer hoje uma vez de manhã. E dizer, eu quero ficar boa. Não! Dependendo da tua infecção de garganta, você tem que fazer uns dois, três dias. Duas, três vezes por dia. Segue isso, menina... Aí vai ficar boa. Entendeu!?

– E hoje a senhora ainda faz uso desses ensinamentos?

– Olha! Pra mim. Eu sigo! Para mim eu ainda faço muita coisa. Eu não saio assim, fazendo qualquer coisa para o médico, não. Conheço! Tem um conhecimento. Se tem em casa para eu fazer, eu faço. Às vezes eu chego até comprar aqueles pacotinhos para fazer. Porque hoje quase não se gosta de plantar. A gente acaba comprando para fazer. Tem o louro, que é muito bom para evitar AVC. Um chá de louro por noite é muito bom. É indicado a gente tomar. Porque a gente se alimenta durante o dia. Então à noite tomar meio copo de chá de louro. Além de eu aprender isso, eu fui ao médico e ele mesmo passou isso para mim. Tomar um chá de louro por noite. Às vezes você come alguma coisa que não cai bem. Você tá com um mal estar que não tá dando. Você pode tomar chá de louro toda noite é muito bom.

– A senhora acha que é diferente o modo de viver da época que a senhora era criança, para as crianças que a gente tem hoje, como os seus netos, por exemplo? Mudou alguma coisa?

– Olha, Michele, eu acho que mudou muita coisa. Porque as crianças de hoje, além da desobediência que elas têm. Eles não acreditam muito em pai e mãe. O que pai e mãe passam para eles, muitas vezes, não tem valor. Eles não dão valor a isso. Eles dão mais valor a uma pessoa estranha do que a gente que é de dentro de casa, que muitas das vezes é bem mais velho, né. Conversa, conversa. Fala, fala! E outra coisa que mudou muito com essas crianças. Foi celular. Celular mudou... tira a atenção dessas crianças completamente. Eles esquecem de fazer as coisas, sabe!? Não presta atenção. Eu sei porque eu tenho aqui dentro de casa, esse exemplo. Mudou muito a vida dessas crianças, de antigamente para hoje. Eles não aprendem a fazer o que nós aprendemos fazer lá trás. Lá nós tínhamos aquela obrigação nossa. Pai e mãe não precisavam falar todo dia. Chegava de um colégio, nós sabíamos o que tinha que fazer. Ao levantar, nós sabíamos que tinha que fazer. Não tinha esse negócio de sair do colégio

e parar com amiguinho, ficar ali, uma hora, meia hora. Era direto para casa que nosso trabalho já estava esperando e antes de escurecer a noite. Quando chegava os trabalhadores da casa, que tinha os rapazes que trabalhava fora, estava tudo pronto. Não tinha ninguém com nada para fazer. E hoje, muita das vezes, dá sete, oito horas da noite, nem uma comida em casa tem pronta. Por que eles não querem fazer. Eles entretêm nesse celular e esquecem de tudo. Mesmo um dever da escola... fica no celular... o nosso ia prontinho. Se não, era um castigo no colégio minha filha, pra um dia, dois. Se chegasse com dever lá, sem fazer.

– E a alimentação das crianças de antes, das crianças de agora?

–Mudou muito também. As crianças de agora, não comem o que nós comíamos antes, lá atrás. Não precisa nem falar. Nem fazer... Perder dinheiro pra tá fazendo certas compras pra eles, não precisa. Bastou ter um leite, um biscoito, uma coisa assim. Aquilo é alimentação deles, se tu deixar passa o dia inteiro. Não procuram uma comida saudável, Se você faz uma comida saudável. ...Ah isso eu não gosto. Olha aquilo eu não gosto. E nós comíamos de tudo. Tudo, tudo, tudo! E hoje eles não comem.

– O que a senhora comia antes, que era saudável, que eles não comem hoje?

–Ah, os legumes por exemplo! Eu gosto de abóbora madura. Eu gosto de abobrinha verde. Eu gosto de um inhame ensopadinho. Aqui em casa não precisa fazer, não. Basta fazer um purê de batatas, uma batata frita e já, já, comeram. Já tá bom! Que o resto, legumes minha filha. Vagem! Aquelas vagens fresquinhas, uma delícia né! Aqui em casa já fiz de tudo enquanto é jeito. Faço até a vagem com uma carne moída. Fica gostosa, né! ...Ah não! Se fosse só a carne, a gente comia, a senhora botou no meio dessas coisa, aí. – Não comem! Muita coisa saudável que eu comia, eles não comem hoje. Carne vermelha, por exemplo, nós quase não comíamos carne vermelha. Comíamos mais a carne branca. O peixe, porque a gente pescava. Pescávamos todo dia, na represa tinha muito peixe. Frango! Fim de semana, nunca passamos sem comer um frango. Ovos! Comia ovos quase todo dia, porque era muita galinha e as galinhas botavam muito. Um dia estava instalando ovos. Outra hora estava cozinhando ovos. Outra hora minha mãe fazia uma fritada boooa, com bastante cheiro verde. Ai que saudade!!! Hoje aqui em casa só sabem comer ovo mexido.

– Se a senhora tivesse que deixar um recado pra mim que estou aqui aprendendo com a senhora e para minha geração, sobre essa época antiga, sobre a alimentação, o cuidado com a saúde e o uso de plantas medicinais. Qual o recado que a senhora deixaria para nós?

–Olha Michele! Primeiro a obediência de eu falar, outra pessoa falar e você acreditar. Porque hoje os jovens são muito descrentes. Eles não acreditam nas coisas antigas. Eles acham, assim. Ah foi naquela época. Mas por que, aquela época? A época ainda continua... Mas só que, o que falta nisso tudo é obediência que ninguém dá. Eles não acreditam... Porque como muitas vezes, eu falo aqui em casa as coisas que é para serem feitas. Faz assim gente. ...Ah! Mas foi na época dela. Quanta coisa que mudou. Mudou? Os jovens é que mudam. Não é tanto as coisas que mudaram. É os jovens que mudam. Então, se você pudesse seguir muitas coisas antigas, para você seria, muito bom. Pode não crer em mim, mas sim, crer em Deus. Muita coisa não mudou gente, basta você pegar, fazer e acreditar naquilo. Isso aí eu aprendi assim. Esse chá e para isso. Aquilo é pra isso. Eu vou fazer. Alimentação a mesma coisa. Dizer: Ah eu não como uma coisa que eu vi ali plantar e dar. Hoje você não vai colher, hoje você vai comprar, muitas coisas a gente compra. Muitos alimentos, muitos legumes, você vai e compra, mas é um alimento mais saudável do que eu vejo por aí. Eu vejo esse biscoito isopor, essas coisas. Isso não pode fazer bem a ninguém. E o que tu vê, qualquer lugar que tem uma pessoa numa repartição, esperando um médico, alguma coisa assim, tem aqueles biscoitos na bolsa. Esses refrigerantes, tomando isso tudo... Isso não é uma saúde. Isso não é saúde! Nós fazíamos sanduíche de pão. Dizem que não é muito saudável, mortadela. Mas nós carregávamos era assim, era sanduíche. A minha

mãe às vezes, ela matava frango, tirava a parte do peito e fazia sanduíche de pão, para a gente comer aonde fossemos. A gente não tinha o dinheiro suficiente, pra tá... E fazia muito era suco. Era suco em garrafinha. Apanhava água da mina. A gente sempre morou onde tinha muita mina. Pegava lá, fazia aquele suco e nós carregávamos por onde estivesse andando. Não tinha refrigerante na nossa bolsa nessa época. É muito saudável o suco da fruta. Da fruta você faz uma limonada, você faz uma laranjada. Tá entendendo!? Hoje é muito esses sucos, que não faz bem. O certo é fazer uma laranjada, bater o abacaxi, fazer suco de abacaxi. Antigamente na roça era assim.

– Hoje quando a senhora precisa fazer algum chá, a senhora tem essas ervas plantadas aqui, os vizinhos tem? Como a senhora faz?

– Olha, eu compro. É o que eu te digo. Eu chego a comprar em pacotinho. Porque muitas pessoas deixaram acabar. Assim que eu vim para aqui, todo mundo tinha chá. Funcho, minha filha, é uma delícia de tomar. Chá de funcho à noite. Até Fernanda ainda tem. Plantou lá em cima, capim cidreira. É o chá que te aconselho... é o funcho, capim cidreira, erva cidreira. São chás um chá muito bom. Quando eu vim para cá, todo mundo tinha. De repente isso acabou tudo. Aí quando eu começo a pensar em chá, a gente vai e compra. Acaba comprando... Pode fazer o efeito, mas não é com um chá de você pegando fresquinho.

– E porque que acabou? Depois que vem pra cidade porque as pessoas deixam de fazer?

– É... por não crer que aquilo é válido. Porque eles acham que comprar, é mais rápido que tá aprendendo, que plantar. Eu por exemplo, falei: Fernanda planta o capim cidreira. É tão bom, pegar aquela erva verdinha e fresca e fazer o chá. Eu sei lá. Eu acho que o sabor é outro e diferente daquele chá, já seco. Chá que já passou por processos, entendeu!? Já perdeu completamente aquela coisa... diferente de tu apanhar ele fresco e comprar ele seco. Eu, se pudesse, ter aqueles vasos. Eu ia plantar muito pra mim, porque eu prefiro mil vezes. Aí acabo comprando esses secos mesmo. Como o louro. Essa semana eu vou na minha irmã e vou pedir louro a ela. Eu me dou muito bem com louro. E as crianças também, aqui. Muitas das vezes, eu levanto aqui à noite para dar chá de louro para eles. ...Ah vó, que meu estomago está enjoado. Minha cabeça está doendo. – Aí eu digo, assim: Isso pode ser um processozinho no fígado, né! Aí eu vou e faço o chá. Que ele tem dois processos o louro. Se você tiver qualquer problema no fígado, no intestino. Dependendo do que você comeu, tu vai tomar o louro, ele vai fazer um efeito. Tudo que tiver te atacando o fígado, tu vai botar pra fora. E se tiver no intestino, vai desandar teu intestino. Limpa, ele limpa! E mais esse processo de não deixar dar AVC. Me dou super bem. E as crianças, aqui, eu já fiz esse teste com elas. Às vezes vem do colégio, não vem bem... Eu levanto para fazer e as próprias mães, não levanta. Aí fica caçando uma novalgina, fica caçando, não sei o que. Eu falo: Gente pelo amor de Deus. Dá um chazinho que isso aí vai resolver. No outro dia é mesma coisa que nada. Não tem nada mais. Às vezes, elas vomitam que é uma coisa. É o que comeram no colégio, ou em casa mesmo. Que elas procuram muita porcaria para fazer para comer. Aí minha filha, toma louro.

– Loura, vamos arrumar um canto de roça pra nós, vamos?

– Ah, eu tenho muita vontade e tenho muito sonho, mesmo com essa idade. Eu, o ano passado sonhava tanto, tanto, tanto, com um sítio. Ai... por fim, eu desanimei. A pessoa sozinha, não vai.

– E tem mais alguma coisa que a senhora gostaria de dizer para gente, de nos ensinar?

– É só essas coisas... É sobre a saúde. Esses chás, que eu já te falei. E a obediência é muito boa, que hoje é difícil a gente querer ser obediente, mas a obediência ela é muito válida, principalmente de pessoas mais antigas. Os jovens hoje, eles não têm ... eu nem sei se eles têm muita coisa para passar, mas tem muitos deles correndo atrás

para aprender. Tem muitos querendo aprender. E outros não querem ouvir. É isso aí que eu tenho para passar para tu.

–Muito obrigada! Muito obrigada mesmo! Como tenho aprendido nessa caminhada com vocês. Eu sou uma dessas pessoas mais jovens que quero aprender. E eu tenho aprendido muito. Muito mesmo.

– É isso que eu estou te falando, não é por ser antigo, não, tá! As coisas antigas é assim, nós morremos, mas muitas coisas antigas ficam. Entendeu!? Então você pode seguir. Eu gostaria de um canto para ter tudo isso que eu falo. Plantar semente, plantar muda, eu gostaria... Tornar isso tudo ao vivo, verde e saudável. Gostaria mesmo. Eu chego a pedir. Quando vou lá na roça, eu fico caçando erva na casa dos outros. Eu pergunto logo, vocês têm? Porque sumiu. A gente não vê. Chá de neném gente! É poejo, você via poejo. Olhava, era aquela grama. Hoje você não vê o poejo. Aquilo é um remédio tão bom para neném. Por que que deixaram acabar? Não sei! A alfavaca pra gripe ela é uma beleza. Não sei... não se vê. Até mesmo você indo na roça, é muito difícil você ver um pé de chá plantado na casa de alguém. Com a terra toda ali, deixaram acabar.

– Por que Loura, que deixamos essas práticas ir embora... por que deixamos acabar?

– Pois é. Eu digo aqui em casa. Se eu continuo num canto desses, eu ia ter tudo isso, Michele. Eu ia... Porque eu ia semear, eu ia comprar muda e ia botar lá. Você não precisa correr, você não precisa gastar nem dinheiro. Plantou, cuidou, você vai ter aquilo lá.

– E será que a gente consegue resgatar tudo isso de volta?

– Eu tenho um sonho. Eu sonho... Agora para mim, sair procurando isso... aí eu vou ter que andar muito. Ainda tem muitos cantões antigos, que mora alguém, que não é possível que, não tem uma muda... Porque os antigos que eu conheci, que na casa deles chá era lavoura, já se foram. Mas eu creio que ainda há de ter alguém. Perguntando, conversando... Ainda há de ter alguém.

E assim com essa bagagem de conhecimentos, apresento a vocês a representação simbólica dessa roda de conhecimentos.



**Figura 22** - Ciranda das Plantas Medicinais.  
Fonte: da autora (2022)



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento do diálogo com mulheres idosas do município de Petrópolis -RJ foi possível compreender, vivenciar e aprender sobre os saberes ancestrais que elas guardam. Neste trabalho apresento aos leitores (as) os saberes construídos por estas a partir de suas experiências com o uso de plantas medicinais.

Atendendo aos objetivos da pesquisa, conhecemos estudos e experiências históricas relacionadas às plantas medicinais no município de Petrópolis-RJ, onde iniciativas remotas, como organização das irmãs da congregação de Santa Catarina, atravessou séculos e permanece viva através da Oficina de Ervas do Colégio Santa Catarina, que se tornou uma referência no processo formativo e de construção coletiva do saber popular sobre plantas medicinais. Saber que este local – Colégio Santa Catarina - foi palco do nascedouro da Rede Fitovida que interliga mulheres detentoras de conhecimento de vários municípios do Rio de Janeiro, demonstra a potencialidade do alcance de uma ação inicialmente embrionária, de mulheres motivadas pela fé, a cuidar de pessoas. É importante destacar que as mulheres entrevistadas não possuem relação direta com essas organizações. A articulação dessas organizações com mulheres detentoras desse conhecimento pode fortalecer a continuidade da transmissão do conhecimento popular ancestral fomentado por essas e muitas outras mulheres.

Ao falar em processos formativos, é preciso também destacar aqui, a importância do trabalho pedagógico realizado pela Fiocruz por meio da Trilha do Arboreto, que aberta ao público recebe variados grupos e indivíduos, gerando assim uma sensibilização que nos religa aos saberes ancestrais.

Não é objetivo desse trabalho prescrever receitas para enfermidade e sim demonstrar o protagonismo de mulheres idosas enquanto guardiãs do conhecimento popular a respeito de plantas medicinais. O contato com essas mulheres, demonstrou que existe uma cadência de transmissão do conhecimento, fortemente ligada a figura feminina, que pode ser compreendida pela divisão sexual do trabalho, sendo manifestada por mulheres que exerceram a maternagem e ou carregavam consigo o dever de cuidar da família. Cuidado este que extrapola a esfera familiar e alcança domínios extra domésticos.

Percebo que o conhecimento foi transmitido a elas por meio de mulheres que fazem parte de suas raízes, constituindo suas histórias, e que a continuidade desse compartilhar ainda acontece nos dias atuais, mas, não na mesma proporção em que receberam. As histórias e depoimentos compartilhados revelaram certa visão negativa sobre a transmissão desse conhecimento às novas gerações, onde se percebe a descrença no poder curativo das plantas, pouca fé relacionada ao ato de cura, falta de interesse em conhecer e preparar o remédio junto à facilidade em comprar na farmácia. É inegável a mudança de hábitos a partir da vida urbana sendo incorporado a estes a ampliação de outras funções na jornada de trabalho atribuída as mulheres. Outro fator que tem contribuído para a minimização desse modelo de cuidados e a redução de terras, bem como da prática de plantio e de espaços de geração espontânea (matas). Desse modo tornasse dificultoso o acesso as ervas, que existiam em abundância no ambiente rural.

Esse apagamento pode ser exemplificado pelos aspectos culturais e de ancestralidade que aparece integrado ao forte elemento da 'Fé'. As mudanças são caracterizadas pelo desaparecimento da figura da rezadeira, mas se mantém vivo pela figura de uma referência divina, que permanece com o poder de que tudo pode fazer.

A princípio parece que o ambiente rural, favorecia o cultivar de plantas e saberes medicinais. Fica claro que a vida na cidade propõe mudanças que a facilitam alguns aspectos, contudo promoveu a dependência doente e sega de outros, produzindo um apagamento de práticas de cuidado e ralações de trocas. Manter vivas as práticas de cuidado, utilizando plantas medicinais, me parece constituir uma forma de resistência.

É preciso lembrar ainda, que o processo de enfraquecimento dessas práticas de cuidado faz parte da lógica maior, ou seja, a desvalorização das competências culturais e as relevâncias sociais das ações autônomas e comunitárias, promovidas pelo sistema capitalista. Nesse sistema importa que cada vez mais a dependência seja aumentada, portanto as relações sociais, a natureza, o tempo e o próprio corpo humano se transformam em mercadorias.

Me aprofundar nas trocas com as mulheres idosas participantes, ouvindo e aprendendo com suas histórias de vida, gerou em nós, eu e elas, um sentimento de valorização não só do conhecimento a respeito das propriedades das plantas medicinais, mas de protagonismo de nossas vidas, independente do estudo formal que tivemos ou não acesso e ou do que dizem ou possam dizer sobre nós. Contribuindo com esse sentimento de valorização e fortalecimento dessas mulheres, reconhecendo a importância do legado que elas deixaram ao compartilharem seus saberes, como parte do retorno deste trabalho, foi entregue a cada uma das participantes fotografias impressas, de algumas imagens realizadas no dia da entrevista, dentre estas a imagem que compõe a figura 22 – Ciranda das Plantas Medicinais.

Destaco ainda a conversa com Loura e Tancagem. Encontros que pareciam não ter início e tão pouco fim, pois não necessitavam de intervenções. O conhecimento intrínseco em seus corpos emanava em falas e gestos. O passado era trazido ao presente com muita força. Era nítido a força exercida para manter vivo os aprendizados gravados em suas memórias.

Com relação a questão levantada pelo estudo, posso dizer que não há uma resposta pronta e definitiva, mas sim o esboçar de ideias convidativas para continuidade ao diálogo. Acredito ser possível valorizar os saberes populares femininos e que o modo de compartilhar os mesmos dentro do sistema vigente, constitui-se em uma forma de resistência.

Entendo que a agroecologia pode contribuir nesse processo, pois apresenta grandes contribuições nesse debate (valorização dos saberes populares femininos) uma vez que, trata-se de orientações cujas contribuições perpassam as variáveis econômicas, socioambientais, culturais, políticas e éticas, além de contribuir na promoção das transformações sociais necessárias para gerar padrões de produção e consumo mais sustentáveis. A agroecologia atravessa as questões sociais, econômicas, políticas, culturais, de gênero, raça e etnia – sendo, portanto, como um movimento que enfatiza a crítica ao modelo econômico industrial capitalista. Este conceito em disputa, nos ensina outros modos de vida e outras formas de relacionamento com a natureza, com a contribuição de saberes gerados por camponeses, povos e comunidades tradicionais. As participantes demonstram não conhecer o termo agroecologia, porém apresentam um saber internalizado, em que suas práticas revelam toda uma sabedoria que configura a perspectiva agroecológica.

A Sistematização das informações obtidas com o objetivo de elaborar material para a promoção de ações em saúde integral está materializada no documentário produzido, intitulado “Remédio de Mato é melhor”. Este mostra a possibilidade de valorização dos saberes populares femininos e aponta para caminhos de compartilhamento deste saber dentro do sistema capitalista vigente, que estamos inseridos. O vídeo demonstra os benefícios do cultivo e uso das plantas medicinais para famílias e comunidades, fazendo ecoar as vozes de mulheres detentoras do conhecimento, recebido de seus ancestrais sobre as plantas. A relação dessas mulheres com as plantas medicinais ao longo de suas vidas, está atrelado ao processo educacional e tem atravessado gerações, por meio da produção de conhecimentos, não só de transmissão, mas, pelo ato de ensinar e aprender ao mesmo tempo.

Proponho que sejam criadas políticas públicas que valorizem processos educativos intergeracionais. Este material pode contribuir para o fomento de rodas de conversas e outras ações entre mulheres idosas, mulheres idosas e as da nova geração e outras composições possíveis.

O resgate de memórias e experiências vividas na infância e as vivências da atualidade demonstrou que a prática do cuidado está relacionada com a terra e se conecta com suas origens

históricas de plantios de seus antepassados. Com o avançar do desenvolvimento do sistema capitalista e junto a este o sistema industrial percebemos a mercantilização da saúde e um apagamento das práticas de cuidado cultivadas no passado. Colocamos em evidência a prática de uso e o conhecimento sobre plantas medicinais por essas mulheres, almejando que essas vozes continuem a ecoar levando cura e esperança de possibilidades de outros modos de vida para esta e as novas gerações.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAD, Vera. **Petrópolis cidade Imperial**: Nossas montanhas; Nossa gente; Nossa Herança. 1. ed. Petrópolis: Prazerdeler editora, 2009.

ALTIERI, M. A; TOLEDO, V. M. e agroecological revolution in Latin America: rescuing nature, ensuring food sovereignty and empowering peasants. *Journal of Peasant Studies*, v. 38, n. 3, p. 587-612, 2011. **A Revolução Agroecológica na América Latina**: Resgatando a Natureza, Garantindo a Soberania Alimentar e Empoderando os Camponeses. julho de 2011. *Jornal de Estudos Camponeses* 38(3):587-612

BALEM, T. A; SILVEIRA, P. R. Agroecologia: além de uma ciência, um modo de vida e uma política pública. Em **Anais do V Simpósio Latino-Americano sobre Investigação e Extensão em Sistemas Agropecuários e V Encontro da Sociedade Brasileira de Sistemas de Produção**. Florianópolis – SC, 2002.

BARBOSA, G. Conheça a história dos Índios Coroados, o primeiro povo que habitou Petrópolis-RJ. Disponível em: <https://portalgiro.com/conheca-a-historia-dos-indios-coroados-o-primeiro-povo-que-habitou-petropolis-rj/>. Acesso em 4 fev. 2023.

BRANDELLI, Clara Lia Costa. Plantas Medicinais: Histórico e Conceitos. *In*: MONTEIRO, S. C.; BRANDELLI, C L. C. (org) **Farmacobotânica: aspectos teóricos e aplicação**. Artmed. Porto Alegre: 2017. cap. 1

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Formulário de Fitoterápicos da Farmacopéia Brasileira** / Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Brasília: Anvisa, 2011. 126p.

BRASIL. Decreto Presidencial no 5813, de 22 de junho de 2006. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS**. Brasília, 2006b.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação**. Página institucional. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>. Acesso em 02 nov. 2020.

Brasil. Decreto 8.722 de 11 de maio de 2016. Regulamenta a Lei 13.123 (Lei da Biodiversidade) de 20 de maio de 2015. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2016.

BRASIL. LEI N°. 10.741/2003 - Lei Especial - Estatuto do Idoso. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2003.

BRASIL. LEI N°. 8.842/1994 - Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 1994.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução RDC 17 de 24 de fevereiro de 2000. Aprova o Regulamento técnico visando normatizar o registro de medicamentos fitoterápicos junto ao sistema de vigilância sanitária. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 25 Fev. 2000.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. Brasília, DF, 2006.

BRASIL. **Ministério da saúde**. Portaria no 971 de 3 de maio de 2006. Brasília, 2006a.  
ANTÔNIO, A. L. N., Et al., Caderneta Agroecológica: empoderando mulheres, fortalecendo a Agroecologia. **Revista Agriculturas**. • v. 12 - n. 4 • dez. 2015.

ARTICULAÇÃO NACIONAL DE AGROECOLOGIA. Construção do Conhecimento Agroecológico Novos Papéis, Novas Identidades. II Encontro Nacional de Agroecologia. **Caderno**. Articulação Nacional de Agroecologia. Junho 2007.

CAMILO. B. **Patriarcado e teoria política feminista: possibilidades na ciência política**. Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. 2019. 114 f.

CAPORAL, F. R. & COSTABEBER, J. A. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

CAPORAL, F. R. **Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis**. In: Caporal, F. R. (Org), Costabeber, J. A. & Paulus, G. **Agroecologia: uma ciência do campo da complexidade**.. – Brasília, 2009.

CARTA DA TERRA, 1992, Disponível em <http://www.cartadaterrabrasil.com.br>. Acesso em: 19 mai. 2021.

CARVALHO, I. S. H. A Agroecologia como Ciência, Movimento e Prática. Uma Revisão. **RETTA - Revista de Educação Técnica e Tecnológica em Ciências Agrícolas**, v. 9, p. 123-133, 2018.

CENCI, D.; BURMANN, T. Direitos Humanos, Sustentabilidade Ambiental, Consumo E Cidadania. **Revista Direitos Humanos e Democracia**, v. 1, n. 2, p. 131-157, 16 maio 2013.

CENTRO DE DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS – CDDH/GAJP. **Educação Ambiental e Práticas Agroecológicas: narrativas de Experiências dos jovens do coletivo EAPA** – Petrópolis RJ:, 2018.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1ª edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019. 495 p.

DE A a Z: **a enciclopédia das plantas medicinais**/ elaborado por Jolivi Publicações. – São Paulo: Jolivi Publicações, 2020. 400 p.

DÉCIMO, Ronaldo. Biopirataria - **Exploração ilegal de recursos no Brasil** em <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/biologia/biopirataria-exploracao-ilegal-de-recursos-no-brasil>. Acessado em 18 ago. 2022.

DIAS, A. Introdução. In: PETERSEN, P.; DIAS, A. (Org.). **Construção do Conhecimento Agroecológico: novos papéis, novas identidades**. Articulação Nacional de Agroecologia, Rio de Janeiro: Grafici, 2007.

EHRENREICH, Barbara; ENGLISH, Deirdre. **Witches, midwives and nurses: a history of women healers**. New York: The Feminist Press. 1973.

EVARISTO, C. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

EVARISTO, Conceição. Minha escrita contaminada pela condição de mulher Negra. Entrevista à jornalista Juliana Domingos de Lima, para o Nexo Jornal, em 26 de maio de 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>. Acesso em: 21 fev.2023.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Escrevivências: Sentidos em Construção**. In: DUARTE, C. et al. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo** / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17º Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. (O mundo de hoje, v. 21) [www.gov.br/pt-br/servicos/visitar-o-palacio-itaborai](http://www.gov.br/pt-br/servicos/visitar-o-palacio-itaborai). Acesso em 01/08/2022).

GAUDÊNCIO, J. S., Rodrigues, S. P. J., Martins, D. R.. “Indígenas brasileiros e o uso das plantas: saber tradicional, cultura e etnociência”. **Khronos, Revista de História da Ciência**, nº 9, pp. 163-182. 2020. Disponível em <http://revistas.usp.br/khronos>. Acesso em 26 fev. 2023.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

KILOMBA, Grada. “**The Mask**”. In: **Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism. Münster: Unrast Verlag. 2.** Auflage, 2010. Traduzido por Jessica Oliveira de Jesus. **Cadernos de Literatura em Tradução**, n. 16, p. 171-180.

MARQUES, C., Et al. Mulheres e as planta medicinais: reflexões sobre o papel do cuidado e suas implicações. **Revista Retratos de Assentamentos**, v.18, n.1, 2015.

MARTINS, Sônia; RAMIRO, Viviane. Entrevista on-line concedida em 19 jan. 2020.

MINAYO, M. C. de S.; DESLANDES, S. F. GOMES, R. (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NORDER, L. A. et al. **AGROECOLOGIA: POLISSEMIA, PLURALISMO E CONTROVÉRSIAS**. *Ambiente & Sociedade* n São Paulo v. XIX, n. 3 n p. 1-20 n jul, set. 2016.

PAULILO, M. A. S. P. **A Pesquisa Qualitativa e a História de Vida**. Serviço Social em revista/publicação do departamento de Serviço Social, Centro de estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual de Londrina. Vol.1 n. 1(jul/Dez 1998) Londrina: Ed UEL, 1998. P 135-148.

PREFEITURA DE GUARULHOS - SECRETARIA DE SAÚDE. Cartilha: **Plantas Medicinais e Cultivo de Hortas**. 2018.

PRIMAVESI, A. M. Agroecologia e Manejo do Solo. **Revista Agriculturas: experiências em agroecologia**, vol. 5, nº 3 – setembro 2008.

REDE FITOVIDA. **Protocolo comunitário biocultural dos Agentes do Conhecimento Tradicional em Plantas Medicinais** da Rede Fitovida/ Rede Fitovida. – Rio de Janeiro: Publit, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019a. 112p.).

RODRIGUES, M. L. (2008) “**Mulheres da Rede Fitovida: ervas medicinais, envelhecimento e associativismo**”. Tese (Mestrado) Rio de Janeiro: UERJ.

SANTILLI, J. Patrimônio imaterial e direitos intelectuais. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. n 32. Organização Manuela Carneiro da Cunha. P 62-79. 2005.

SANTOS, Ana Carolina dos; SAMPAIO, Maciel, Victor. **Plantas Medicinais que Tratam e Curam Doenças Comuns**. Centro de Produções Técnicas. E-BOOK. CPT.com.br

SANTOS, V. S. **Plantas Medicinais**. Em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/saude-bem-estar/plantas-medicinais.htm>. Acesso em 15 mai. 2021.

SCHIMITT, C. J. A Transformação das “**Ideias Agroecológicas**” em Instrumentos de Políticas Públicas: dinâmicas de contestação e institucionalização de novas ideias nas políticas para a agricultura familiar. *Revista Política & Sociedade* - ISSN 2175-7984, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Edição v15 (2016). Disponível em <https://doi.org/10.5007/2175-7984.2016v15nesplp16>.

SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. *Educação e Realidade*, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995

SHIVA, Vandana. Contestadores: Biopirataria é colonialismo atual, diz Vandana Shiva. Entrevista. Folha de S.Paulo - 13/05/2001.

SHIVA, Vandana. **Biopirataria: a pilhagem da natureza e do conhecimento**. Petrópolis, Editora Vozes, 2.001.

SILVA, V. R. (2012) “**Da medicalização à patrimonialização: As ações de reconhecimento da medicina popular engendrada por agentes associados à Rede Fitovida**”. Dissertação (Mestrado) Campos dos Goytacazes: Pós- Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense.

SOARES, L. V.; MACHADO, P. S. “Escrivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. *Psicologia Política*, 17(39), p. 203-219. 2017.

SOUZA, N. F. S. et al. **Envelhecimento ativo: prevalência e diferenças de gênero e idade em estudo de base populacional**. *Cad. Saúde Pública*, 2018.

SPETHMANN., Nascimento Carlos. **Medicina Alternativa de A a Z**. Editora; Natureza: 7ª edição, 1 de janeiro 2004).

TOLEDO, V.M; BARRERA-BASSOLS, N. **A Memória Biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

WEZEL, A. et al. **Agroecology as a science, a movement and a practice. A review.** *Agronomy for Sustainable Development*, vol. 29, p. 503–515, 2009.

WEZEL, A.; SOLDAT, V. **A quantitative and qualitative historical analysis of the scientific discipline of agroecology.** *International Journal of Agricultural Sustainability*, v. 7, n. 1, p. 3-18, 2009.

XAVIER, Patrícia Maria Azevedo; FLOR, Cristhiane Carneiro Cunha. **Saberes Populares e Educação Científica: um olhar a partir da literatura na área de ensino de ciências.** *Ens. Pesqui. Educ. Ciênc.* (Belo Horizonte) [online]. 2015, vol.17, n.2, pp.308-328. ISSN 1415-2150. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1983-21172015170202>. Acesso em: 15 jan. 2020.

## APÊNDICIS

### A- Formulário de Entrevista - Primeira Etapa

IDENTIFICAÇÃO			
Nome:	Idade:	Naturalidade:	Rural ( )
			Urbano ( )
Endereço atual:	Rural ( )	Urbano ( )	
Como conheci a entrevistada			
Você usa plantas medicinais? Quais?			
Você cultiva? Quais?			
Você vende/vendeu ou compra plantas medicinais? Já comercializou? Troca ou trocou			
Há possibilidades de um encontro presencial registrado?			
Observações:			

## B - TERMO DE CONSENTIMENTO

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Adultos)**

#### **UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**Título do Projeto:** Um estudo sobre educação popular: usos e conhecimentos sobre plantas medicinais por mulheres de Petrópolis-RJ

**Pesquisador(a):** Michele Cruz Azevedo

Este documento que você está lendo é chamado de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Ele contém explicações sobre o estudo que você está sendo convidado a participar.

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.

Antes de assinar faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Eu Michele Cruz Azevedo, pesquisadora, declaro que garantirei o cumprimento das condições contidas neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

#### **Natureza e objetivos do estudo:**

Nosso estudo é de natureza descritiva e nossos objetivos são:

- Pesquisar sobre estudos e experiências históricas relacionadas às plantas medicinais no município de Petrópolis-RJ;
- Identificar mulheres do município de Petrópolis que fazem uso e cultivo de plantas medicinais;
- Investigar a história das mulheres identificadas, através da metodologia “história de vida”;
- Investigar a relação dessas mulheres com as plantas medicinais ao longo de suas vidas, focando em questões relacionadas:
  - Ao uso, cultivo e diversidade;
  - Saúde integral das mulheres e suas famílias;
  - Aspectos econômicos;
  - Ancestralidade e aspectos culturais;
  - Transmissão de conhecimentos e potencial educacional e pedagógico.

- Sistematizar as informações obtidas com o objetivo de elaborar material para a promoção de ações em saúde integral.

#### **Justificativa:**

Esta pesquisa se justifica pela necessidade de dar visibilidade e preservar os saberes populares que são patrimônio cultural de famílias e/ou comunidades buscando formas que possibilitem o diálogo entre saberes populares e saberes advindos do conhecimento científico. O estudo busca contribuir para o fortalecimento das mulheres dando visibilidade a importância as mesmas por meio da disseminação e compartilhamento dos saberes populares.

#### **Procedimentos do estudo:**

A obtenção de dados/informações para a pesquisa será coletado por meio de entrevista com mulheres residentes na cidade de Petrópolis, que tenham idade acima de 60 anos, tendo um roteiro semi-estruturado com perguntas abertas (conversa sobre o uso e conhecimento a respeito de plantas medicinais, sua história de vida e formas de aprender e ensinar sobre as plantas) e coleta de imagem de plantas possivelmente cultivadas. Os protocolos relacionados à pandemia da Covid-19 serão respeitados rigorosamente nessas visitas.

#### **Forma de acompanhamento e assistência:**

Você será acompanhado pela pesquisadora durante todo o período da pesquisa, e será assistido pela mesma, antes, durante e depois da pesquisa.

#### **Riscos e benefícios:**

Este estudo apresenta risco mínimo, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, constrangimento em responder alguma pergunta, invasão de privacidade, desconforto em responder a questões sensíveis que possam ter marcado sua história de vida, como atos ilegais ou situações de violência ou outros riscos não previsíveis.

Caso você se sinta constrangido em responder alguma pergunta, você não precisará responder.

O participante terá direito à indenização, através das vias judiciais, diante de eventuais danos comprovadamente decorrentes da pesquisa.

Sua participação poderá contribuir para dar visibilidade ao uso de plantas medicinais em nossa cidade, valorizando práticas realizadas por mulheres, que contribuem para a saúde da população.

#### **Providências e Cautelas**

Serão tomadas providências e cautelas para evitar e/ou reduzir efeitos e condições adversas que possam causar algum dano, como garantir a liberdade para não responder questões constrangedoras, estar atento a sinais de desconforto da participante, garantir que sempre serão respeitados os valores culturais, sociais,

morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes.

**Participação, recusa e direito de se retirar do estudo:**

Sua participação é voluntária. Portanto, você não é obrigado a participar. Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso comunicar a pesquisadora responsável.

**Confidencialidade:**

Os dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e o material e as suas informações ficarão guardados sob a responsabilidade dos mesmos.

Os resultados deste trabalho poderão ser utilizados apenas academicamente em encontros, aulas, livros ou revistas científicas.

Eu, \_\_\_\_\_RG

\_\_\_\_\_, após receber uma explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Petrópolis, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Participante

\_\_\_\_\_  
Pesquisador(a)

